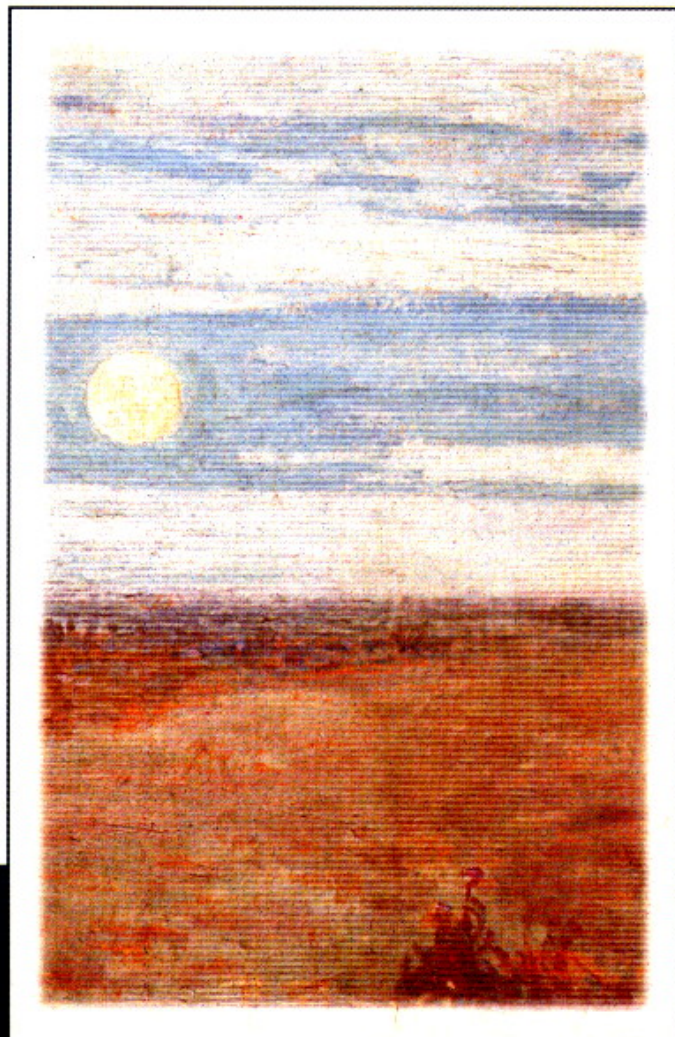


MARANHÃO SEMPRE

Obra poética

Bandeira Tribuzi



www.ma.gov.br



Músico, economista, professor, jornalista, compositor, ensaísta e, essencialmente, poeta. Bandeira Tribuzi — nascido José Tribuzi Pinheiro Gomes — viveu várias vidas nos seus breves 50 anos, mas deixou como legado uma extensa e original obra poética, que mudou o cenário literário do Maranhão no século XX.

Seus versos refletem a visão do humanista de formação europeia que se choca com a pobreza e se revolta. A poesia é sua postura política, postura de alguém que passou a vida em permanente militância contra o que considerava injusto.

Nesta obra, que reúne todos os poemas publicados do grande maranhense, o leitor poderá conferir os escritos de rimas originais, sofisticados e, ao mesmo tempo, genuinamente populares — afinal, Tribuzi compôs mais de 40 músicas, pois viu na canção o meio mais amplo de comunicar a poesia.

Jomar Moraes, que escreve a apresentação desta antologia, encerra-a repetindo os últimos versos do *Breve memorial do longo tempo* — “O poema não morre / O amor não morre” — e acrescenta: Bandeira Tribuzi, pela força de sua poesia, não morreu nem morrerá jamais.

Em comparação com outras regiões brasileiras, o Maranhão encontra-se em posição de preeminência sempre que se consideram a sua riqueza cultural e a abundante bibliografia que acompanha a sua própria História, desde a crônica dos tempos coloniais.

Ontem, como hoje, figuras do maior renome, nascidas ou vividas no solo maranhense, explorando os mais distintos campos de atividade do espírito, escreveram uma obra imensa — uma rica e variada biblioteca — que, sem dúvida, constitui a nota de singularidade, por excelência, com que esta parte do Brasil se apresenta ao conspecto de toda a nacionalidade.

O Governo do Estado, consciente desse precioso patrimônio, legado do passado ao presente e plataforma para a mais sólida edificação do futuro, sente-se orgulhoso de lançar a coleção *Maranhão Sempre*, que possibilitará aos estudiosos e ao público interessado ter à mão o acervo do que de mais significativo aqui se escreveu, como registro de quase quatrocentos anos da História desta terra, cuja capital, antes chamada Atenas Brasileira, é agora, por título da Unesco, Patrimônio Cultural da Humanidade.

Obra poética

Bandeira Tribuzi

Obra poética

São Paulo

EDITORA  SICILIANO

2002

©2002 by Maria dos Santos Pinheiro Gomes
Todos os direitos reservados.
Diagramação: Luciana Cáceres
Capa: Daniel Rampazzo
Revisão: Vanessa Rodrigues
Impressão e acabamento: São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tribuzi, Bandeira
Obra poética / Bandeira Tribuzi. — São Paulo :
Siciliano, 2002.

ISBN 85-267-0887-2

1. Poesia brasileira I. Título.

02-1054

CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira 869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira 869.915

2002

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa
cedidos à Siciliano S.A.

Editora Siciliano

Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305
CEP 05145-200 — São Paulo — Brasil
e-mail: esiciliano@siciliano.com.br

SOBRE ESTA OBRA

Bandeira Tribuzi, nome literário de José Tribuzi Pinheiro Gomes (2.2.1927-8.9.1977), foi um dos maiores nomes da poesia maranhense no século XX. Filho de pai português, obteve em Portugal o cabedal de cultura com que iria contribuir para a renovação dos padrões estéticos no então ainda isolado e assaz lusitano Maranhão. Tendo estudado em Coimbra, retomou a São Luís em 1946, e já em 1948, seu primeiro livro de poemas, *Alguma existência*, representaria o timbre poético, com que ele anunciaria novos caminhos a seus companheiros de geração, sem pretensões a constituir ou chefiar escola, mas sempre com inegável efeito catalítico. A morte o colheu em plena maturidade produtiva, envolvido em múltiplas frentes de ação, e com uma obra que o pereniza como um poeta que, radicado na Província, tem pleno direito à escuta universal.

A presente edição reúne toda a poesia publicada de Bandeira Tribuzi, reproduzindo, com mínimas correções feitas pela viúva do Poeta, a que veio a lume pela Editorial Alhambra, em 1986, a ele acrescentando o título póstumo *Tropicália consumo e dor*.

SUMÁRIO

Sobre esta obra — Sebastião Moreira Duarte

Por quem choram as casuarinas, de José Sarney..... 11

A trajetória de um poeta, de Jomar Moraes 15

*Tribuzi, bandeira lírica do amor social,
de Nauro Machado 23*

OBRA POÉTICA

ALGUMA EXISTÊNCIA43

(Poema, 47; Poema, 47; Canção, 48; Poema, 48; Poema, 49; Poema, 49; Poema, 50; Hoje e depois 1, 51; Hoje e depois 2, 52; Estrada do tabaco, 53; Poema, 53; Poema, 53; Poema, 54; Noturno, 54; Poema, 55; Recado para a poesia, 55; Poema 55; Nosso mundo, 56; Poema, 57; Poema, 57; Programa, 58; Poema, 59; Contingência, 59; Poema, 59; História do tempo abstrato, 60; Poema, 60; Cântico, 61; Poema, 61; Poema, 62; Soneto, 63; Mário de Andrade desapareceu, 64; Soneto, 64; Soneto, 65; Soneto, 65; Soneto, 66; Auto-retrato, 66; Maternidade 1, 67; Maternidade 2, 68; Soneto, 68; O morto e a rosa, 69.)

ROSA DA ESPERANÇA 71

Cancioneiro: Flor de pedra, 75; Arte poética, 75; Exercício marítimo, 76; O sono, 77; História, 78; Segunda canção da praia, 79; Soneto corporal, 79; Soneto lírico, 80; Fim de concerto, 81; A mesa, 81; Soneto abstrato, 82; A porta estreita, 82; Novo soneto lírico, 83; Retrato do pintor

Cadmo, 83; *Balada do marinheiro*, 84; *Consideração de aniversário*, 85; *Canto nupcial*, 87.

Itinerário do corpo 91

Flor de pedra: MCMXLVIII, 99; *Conclusão para consolo*, 101; *Parábola*, 101; *Desastre*, 102; *O intervalo*, 103; *Agora*, 103; *A boca*, 104; *Lamentação do quase ex-príncipe*, 104; *Retrato de Sancho Pança*, 105; *Balada do cobrador de bonde*, 105; *Balada do vagabundo*, 106; *Farewell da prostituta*, 108; *Canção*, 109; *A cédula*, 110; *Evocação da palavra campo*, 112; *Cabalística*, 114; *Ode ao tempo*, 114; *O navio*, 116.

SAFRA 117

Noturna Alegria 121

Condição Terrena: *Invocação da lua*, 131; *Canto dos galos*, 132; *O ar*, 133; *Os minerais*, 134; *Os vegetais*, 135; *Os animais*, 137; *Consideração do tempo*, 138.

Livro de sonetos 147

A máquina do mundo 161

Balada da Praia dos Lençóis 175

SONETOS 183

PELE E OSSO 197

(*Em busca do tempo perdido*, 199; *Asacruz*, 202; *Bichos*, 206; *Lutoluta*, 210; *Sobre os rios*, 213; *Romance do senhor de escravos*, 219; *Antroponáutica*, 225; *Canção quarentã*, 230; *Confissão de amor*, 235; *Quandonde?*, 245; *Proposta*, 163; *O homem em pele e osso*, 252; *Génesis*, 259)

BREVE MEMORIAL DO LONGO TEMPO 263

CANÇÕES NO EXÍLIO 293

VIOLA DE AMOR 305

(*Cantar*, 307; *Fonte incessante*, 308; *Maternidade*, 310; *Saudade*

marinha, 311; *Rimance*, 313; *Sobre o amor sem desfalecimento*, 314; *Oferenda*, 316; *Cantiga*, 317; *Canção*, 318.)

ROMANCEIRO DA CIDADE DE SÃO LUÍS 323

(*Pré-história*, 325; *Imagem*, 325; *História*, 326; *As vozes*, 327; *Fonte do ribeirão*, 328; *Pedra de alma*, 329; *O signo*, 330; *O herói*, 331; *Auspícios*, 332; *Os sinos*, 333; *Os poetas*, 334; *Os telhados*, 334.)

ÍNTIMO COMÍCIO 337

(*Bucólica*, 339; *Declaração*, 339; *Paisagem*, 340; *A inevitável*, 341; *Poema natural*, 341; *Poema inventado*, 342; *Prisma*, 344; *Monotonia*, 344; *Hipocrene*, 344; *Amor marinho*, 345; *Sinfonia pastoral*, 345; *Ternura*, 346; *Refúgio*, 346; *Canção amarga*, 347; *Corpo desnudo*, 347; *A lua*, 347; *Identificação*, 348; *Ode a García Lorca*, 349; *Manhã*, 350; *Praiana*, 350; *Um dia cantarei*, 351; *O juro da morte*, 352; *Nosso calvário*, 352; *A noite e a madrugada*, 353; *Cantiga*, 357; *Libertação*, 358; *Natal 1947*, 358; *O que não morre*, 358; *A amada oculta*, 359; *Canção na tarde*, 360; *Vida*, 361; *A flor das águas*, 361; *Canção do silêncio*, 362; *A noite amanhecida*, 362; *Velada luz*, 363; *Ave da vida*, 364; *Novembro I*, 364; *Novembro II*, 365; *Novembro III*, 365; *Noturno marítimo*, 366; *Canção do cativo diante da morte*, 366; *Soneto corporal*, 367; *Amor selvagem*, 368; *Intimidade*, 368; *Ano novo*, 369; *Poema concreto*, 370; *Elogio do mundo*, 371; *Bom conselho*, 371; *Ave Maria*, 371; *Tranqüila pastorinha*, 372; *Pequena profecia*, 373; *A posse*, 373.)

TROPICÁLIA CONSUMO&DOR 375

O pão geral, de Oswaldino Marques 377

(*Pavana do fim do mundo*, 397; *Por isso canto*, 405; *Toada do meu desejo*, 407; *Canto impuro*, 409; *América América*, 413; *Samba/Coral*, 419; *Várias hipóteses de José da Silva*, 423; *O tempo dos conglomerados*, 432; *Meditação da ponte*, 434; *Consumo&Dor*, 439; *Tropicália*, 443.)

POR QUEM CHORAM AS CASUARINAS

José Sarney

Escrevo estas palavras com lágrimas. Rasgam o coração, rasgam a alma, rasgam o corpo. Não morre com Tribuzi somente o poeta, o político, o jornalista, o amigo, o escritor, o professor, o orador, mas sobretudo um pedaço da Cidade, um pedaço do Maranhão, uma substância dinâmica da vida do Estado, já hoje implorando por lideranças, pedindo talentos, suplicando grandeza e gestos de amor.

Neruda, certa vez, disse que um amigo morto era como um carvalho tombado no meio da casa. Eu não me acostumo à idéia de que esse carvalho seja uma criatura tão sem defeitos como o poeta Bandeira Tribuzi. A Cidade de São Luís, a partir de hoje, está menor, perdeu uma grande parcela de sua expressão humana. É como se os azulejos estivessem sem brilho, as pedras de cantaria perdessem um pedaço de sua história, as carrancas do Ribeirão estivessem chorando, e o próprio vento da Baía de São Marcos trouxesse até aqui, neste encontro do Bacanga e do Anil, lamentos de velhas casuarinas.

Juntos começamos a aventura de viver na Província um sonho literário. Tribuzi aqui chegou há trinta anos e morre neste dia oito, da fun-

dação da Cidade de São Luís. Cidade que ele amou e por ela se deixou possuir em versos de amor e de desejo, em êxtase de paixões. A Cidade perde o seu maior poeta, seu maior cantor, o seu grande louvador. A poesia era a sua vida, a sua querência, o seu encanto, a sua fuga. Não conheci ninguém tão bom, tão avesso ao ódio, tão desinteressado da maldade humana. Ele tinha sempre um sentimento de paz. Nas horas das lutas mais árduas, a sua serenidade era imperturbável. Por isso mesmo ele era um quebra-mar das nossas exaltações. Personalidade harmoniosa, mesclava a humildade com uma grande cultura, uma inteligência extraordinária, uma sensibilidade lírica que vinha dos veios portugueses maiores, desde o Camões das redondilhas, até o Fernando Pessoa das cantigas de marinhão.

Grande orador, didata dos mais claros, jornalista de texto primoroso, poeta dos maiores que esta terra já viu em toda sua história, maior entre os maiores, grande entre os gigantes e insubstituível entre os novos, pois dele veio o vento de renovação da literatura maranhense que soprou depois de 45 e germina até hoje. Sem Tribuzi, outra seria nossa história literária.

Nesta Casa, ele foi a grande inspiração. Foi ele quem comandou o projeto, a montagem, o dia-a-dia do O Estado do Maranhão. Sem ele o jornal não teria nascido e não estaria funcionando. Ele era a própria imagem da dedicação, e, submisso a ela, submetia-se à tirania do seu trabalho sem tempo para nada.

Várias vezes o adverti do perigo da estafa. As emoções e o cigarro deviam diminuir, e nossa geração já estava chegando à travessia dos 50, cheia de perigos coronários. Ele sorria. O cigarro era fácil abandonar; as emoções, jamais.

Sua sensibilidade para o fato social vinha de sua formação humanística. Era o europeu que se choca com a pobreza e revolta-se. Sua atitude é, em si mesma, um choque cultural. Tribuzi sofreu-o ao constatar a realidade maranhense, depois que veio de Coimbra e trocou o vinho Dão e o queijo da Serra pelo requeijão e a tiquira. Sua vida passou a ser, então, uma permanente militância contra aquilo que achava injusto. Mas, não era uma atitude política. Era uma postura poética. Nunca

deixei de respeitar os seus pontos de vista. Respeitava-o como amigo, admirava-o como pessoa humana. Esse amor ao Maranhão levou-o a ser o assessor inteligente de dois governos, e a ele deve o Maranhão a exegese de sua pobreza e a formulação dos programas que devia cumprir para sair dela.

Devo-lhe muito da formulação dos programas executados no Governo do Maranhão. Foi sua mão trêmula, servida pela inefável estrela da poesia, que eu vi traçar, num mapa deserto do Maranhão, a linha da Santa Luzia-Açailândia. Posteriormente, no Governo que me sucedeu, consumiu os seus dias na tarefa de elaborar projetos e sonhar progresso.

Tribuzi morreu numa hora em que não devia morrer. O grande poeta, até na hora da morte, mostrou que era essa flor humana rara. Acusavam-no de materialista. Nunca ninguém ouviu de sua boca uma palavra de lamentação ou uma amargura maior. Pois bem: na hora de morrer, cercado da família, da irmã religiosa, dos amigos, deseja saber da vida:

— Estou sem forças. Ajudem-me.

A irmã, com os olhos baços, não lhe pôde mentir nessa hora extrema. Ela lhe diz a verdade:

— Meu filho, nada podemos fazer.

Tribuzi tem os olhos parados, o seu grande coração abre-se em um adeus. E aquele materialista, incapaz de cometer a menor das violências, perdoa todos os seus detratores, frustra todos os seus inimigos e entra no caminho da eternidade com a mais cristã de todas as mortes, repetindo o verso eterno — como disse Dom Motta — que marcou a agonia do Gólgota:

— Pai, seja feita a tua vontade.

É assim que Tribuzi morre. Com uma mensagem de paz, com uma compreensão da vida, com uma visão de Deus.*

O Cemitério, às seis horas, olha o espírito do poeta partir para a eternidade, montado no seu cavalo de versos para o reino dos santos, heróis e anjos, ele que foi santo, herói e anjo, acolitado pelo Santo, São

* N. E. Tribuzi morreu e foi sepultado dia 8 de setembro de 1977.

Luís, no seu dia, o dia da Cidade de São Luís, que ouviu, soluçando, o povo cantar sua Louvação, entre as lágrimas dos homens e o choro triste das velhas casuarinas que gemiam por nós e por Bandeira.

O Estado do Maranhão, São Luís, 9 set 1977, p. 3

A TRAJETÓRIA DE UM POETA

Jomar Moraes

BANDEIRA TRIBUZI, nome com que passou à história literária José Tribuzi Pinheiro Gomes, nasceu em São Luís, a 2 de fevereiro de 1927. Era filho do português Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes e de sua mulher, a maranhense Amélia Tribuzi Pinheiro Gomes, cuja ascendência remonta ao pintor italiano Domingos Tribuzzi, que no século passado se radicou na capital maranhense, onde faleceu.

O pai de Bandeira Tribuzi, comerciante próspero em São Luís, sócio majoritário da tradicional firma Pinheiro Gomes — Representações A.A. (fundada em 1908 e ainda operando), visitava constantemente sua terra natal, quase sempre acompanhado da família, que desejava fosse também portuguesa:*

*Adeus. La vou
para o exílio português*

* Esta firma não existe mais. Levando em conta, na leitura dos textos de apresentação, que eles foram publicados em 1986, ano da edição da *Poesia reunida* de Bandeira Tribuzi.

*navegando pelo patriotismo de meu pai
que desconfia das letras brasileiras
e gostaria que todos os filhos
nascidos no Brasil fossem bons portugueses
até no sotaque com que ele resistia
aos seus sessenta anos brasileiros.*

(Breve memorial do longo tempo)

Antes que completasse três anos de idade, seguiu Bandeira Tribuzi com os pais para Portugal. Ali permaneceu até concluir sua formação superior, havendo estudado em Aveiro, Porto e Coimbra.

Destinado, por desejo paterno, à vida sacerdotal, como franciscano, fez até o seminário maior, mas se recusou a tomar ordens, por falta de vocação. O poeta, que, de volta a São Luís, não tardaria a deixar sua mesa de trabalho na firma Pinheiro Gomes, cedia ao apelo da vocação mais forte, que apontava para a poesia, para o jornalismo, enfim — para as letras que lhe dariam “a herança só de filhos e sonetos”, e não para um endereço no centenário Largo do Carmo, fosse ele a casa comercial da família ou o convento que batizou o logradouro.

Formado em Filosofia e em Ciências Econômicas e Sociais, retornou José Tribuzi Pinheiro Gomes a São Luís em fins de 1946, na companhia dos pais. E começava seu destino gauche, na visão do português Joaquim. Não vinha de burel e tonsura, para a festa da missa nova na cidade natal, nem pretendia usar o nome prestigioso na praça — Pinheiro Gomes.

Trazia uma sólida cultura humanística, trazia os seus poetas preferidos, grandes vozes da renovação em Portugal e no Brasil — Sá-Carneiro, José Régio, Fernando Pessoa, Drummond, Manuel Bandeira; também trazia García Lorca e Maiakovski.

Mas, entre o franciscano que recusou ser e o comerciante que não quis permanecer, alguma coisa lembrava as qualidades de vocações tão díspares: a simplicidade no trajar-se, marcada sempre pelo uso de sandálias, e o gosto pelo trabalho diuturno. O frade que não foi ainda poderá ser

entrevisto na decisão do novo batismo onomástico. São José Tribuzi Pinheiro Gomes, que esse, no Maranhão, jamais poderia ser nome de poeta, mas Bandeira Tribuzi: homenagem a Manuel Bandeira, poeta brasileiro de sua predileção, e o nome de família — justamente o evocativo do ascendente artista, poeta das cores e das formas.

São Luís, em 1946, tinha grande movimentação cultural. Faziam-na jovens cheios do entusiasmo, dos sonhos e de uma certa rebeldia naturais a essa fase da vida. Apesar disso, estavam bastante defasados em relação aos avanços estéticos da época. Ia-se vencendo a década de 40, mas São Luís, a bem dizer, ainda nem se dera conta do vendaval de 22. Praticava-se, em larga escala, o sonetão parnasiano, e também se insistia em velhos motivos nacionalistas, recorrendo a modelos românticos muito utilizados no século passado, notadamente os arroubos de talhe condoreiro.

Bandeira Tribuzi logo pontificaria num grupo de jovens que com ele passou a reunir-se em diversos pontos da cidade, notadamente na Movelaria Guanabara, do pintor Pedro Paiva.

Discutia-se muito, de literatura a artes plásticas e a música, mas o forte, mesmo, nunca deixou de ser literatura, com predileção especial para a poesia, graças a marcante tradição maranhense até hoje plenamente válida.

Esse contato com os moços de sua terra — e que passou à crônica literária local com a denominação de Movimento da Movelaria — foi chamamento a que muitos acudiram. E a partir do qual se desencadeou um vigoroso processo de renovação de que Tribuzi sempre participou. Não como enfatuado ou pretense líder, que tal condição jamais aceitaria para si, mas com as responsabilidades de homem de seu tempo, comprometido com as angústias e os problemas de sua terra e de sua gente, preferindo, como repetidamente afirmou, ao aplauso da crítica, a compreensão, pelo povo, de sua mensagem. Sentia-se porta-voz, por isso mesmo que desejaria comunicar-se através de um grande e permanente comício literário, com seus versos validados através da apropriação pelo povo, como disse num livro publicado postumamente (Íntimo comício):

*Não quero meus versos
 numa antologia.
 Quero-os rolando
 caminhos e dias
 na boca do povo:
 rosa da esperança
 vermelha e florida.*

* * *

A publicação de Alguma existência (1948), estréia de Bandeira Tribuzi em livro, correspondeu a um dos maiores acontecimentos literários de São Luís nessa década. O livro tornou-se pedra de toque de todas as conversas e discussões literárias, e também pedra de escândalo para muitos. Exagerado não seria afirmar que igualmente Alguma existência tornou-se pedra angular da nova poesia maranhense, imediatamente revelada por diversos livros, a exemplo de Um pouco acima do chão, de Ferreira Gullar, ou Estrela do céu perdido, de Lago Burnett (ambos de 1949).

Entre manifestações iradas e expressões de aplauso, registre-se esta mostra da verve maranhense, segundo a qual Tribuzi foi a uma loja para comprar calçados e, indagado sobre sua pontuação, respondeu: “Eu não uso pontuação”.

Aludia-se ao fato, ainda estranho em São Luís, de um livro grafado em minúsculas e com raríssimos sinais de pontuação.

A produção poética de Bandeira Tribuzi vai muito além dos livros reunidos neste volume. Parte fá foi publicada postumamente (Rosamonde e Tropicália consumo&dor) e comporá outro volume, juntamente com o que sua viúva, Maria Tribuzi, está carinhosa e competentemente recolhendo de jornais, revistas e de um baú cheio de manuscritos.

Mas não se resume à poesia a produção literária de Bandeira Tribuzi. O poeta era também músico, economista, professor, composi-

tor, jornalista e ensaísta. Em todos esses campos produziu bastante, alcançando qualidade e quantidade admiráveis para os 50 anos de vida que teve. Não era ficcionista, porém deixou uma novela de costumes, recentemente editada.

Bandeira Tribuzi viveu a maior parte de seus dias em São Luís, mas fora o “exílio” português, da infância à primeira juventude, morou em Fortaleza e no Rio de Janeiro, trabalhando em jornais e em departamentos de comunicação social de empresas.

Em 1960 regressou a São Luís, como economista do DNER, cargo do qual foi demitido em 1964. Por sua corajosa militância na imprensa e em praça pública, tiraram-lhe o emprego e mandaram-no para a prisão.

Com a eleição de José Sarney para o Governo do Estado (1965), Bandeira Tribuzi foi convocado para trabalhar no planejamento governamental e teve relevante papel nas ações que então impulsionaram o desenvolvimento maranhense.

A partir daí, sempre esteve ligado aos órgãos de planejamento estadual e jamais deixou o trabalho em jornal, onde ficou grande parte de sua produção intelectual, sob as formas de artigos, ensaios, crônicas e matérias de redação. Relaciona-se, a seguir, a produção de Bandeira Tribuzi até agora levantada:

Publicações em vida do Autor:

a) poesia

Alguma existência. São Luís, 1948.

Rosa da esperança. Rio, Orfeu, 1950.

Safra. Rio/São Luís, Dep. de Cultura, 1961.

Sonetos. São Luís, 1962.

Pele e osso. Rio, Orfeu, 1970.

Breve memorial do longo tempo. São Luís, 1977.

“Guerra e paz”, in Itinerário (Fortaleza-CE).

b) ensaio literário

“Do silêncio ao concretismo”, in Cadernos Brasileiros.

“Gonçalves Dias”, in O Estado do Maranhão (suplemento).

c) trabalhos econômicos

Esboço da formação da economia maranhense.

Comportamento recente da economia maranhense.

Perspectiva econômica das BRs no Maranhão.

Publicações póstumas

a) poesia

Poesias completas. Rio/Brasília, Cátedra/INL, 1979 (reunindo todos os títulos do item “a”, mais os livros: Canções no exílio, Viola de amor, Romanceiro da Cidade de São Luís, Íntimo comício e Outros poemas).

Rosamonde (o touro da morte). São Luís, Sioge, 1985.

Tropicália consumo&dor. São Luís, Sioge, 1985.

b) novela

Da conveniência de fazer-se um deputado conveniente. São Luís, Sioge, 1985.

c) trabalho econômico

Formação econômica do Maranhão; uma proposta de desenvolvimento. São Luís, Fipes, 1981.

Permanecem inéditos os livros Chão agreste (romance), Canção da prisão (contos) e uma coletânea de textos políticos e econômicos.

Já foram arroladas 43 composições musicais (letra e música), e é de sua autoria a marcha-rancho Louvação a São Luís, tornada hino oficial da capital maranhense.

Fecha-se esta notícia biobibliográfica repetindo os últimos versos do Breve memorial do longo tempo: “O poema não morre / O amor não morre”, para acrescentar: Bandeira Tribuzi, pela força de sua poesia, não morreu nem morrerá jamais.

TRIBUZI, BANDEIRA LÍRICA DO AMOR SOCIAL

Nauro Machado

Bandeira Tribuzi não teve a venturosa sorte de ver sua vasta obra criadora enfeixada em um único volume, proposta que, apresentada ao Conselho Federal de Cultura por Josué Montello, quando do cinquentenário de nascimento do autor de Pele e osso, só viria a se tornar realidade dois anos após a morte do poeta, com a publicação do volume Poesias completas (Editora Cátedra-INL), em 1979.

Fruto de uma existência abruptamente cortada quando ainda tinha tanto a nos oferecer e na hora mesmo em que a sua visão ascendia a novos cumes e mais se apurava no lirismo a tomar dimensões macrocósmicas na panorâmica de um universo onde o único e possível epicentro é o “infinito maior do próprio homem”, conforme vaticinou no seu poema “Antroponáutica”, Bandeira Tribuzi intuiu uma outra realidade a ser vetoriada na síntese do seu ser numa dupla abrangência prospectiva: a da ruptura poética no meio ao qual voltou depois de sua vivência coimbrã e a de reconstrutivamente, apesar e contra mesmo o ephos de sua lírica ancestralidade portuguesa, captar a realidade verdadeira da terra de onde criança partira e cuja crueldade visual era outra daquela de onde

retornara, exceto na miséria dos sistemas arbitrários semelhantes e tangenciados por uma lira cujos sons eram os escutados pelos ouvidos abertos às rachaduras do chão baldio da fome coletivizada.

Lançado aqui, logo ao chegar, em 1948, seu livro de estréia *Alguma existência*, com poemas muitas vezes sem vírgulas, pontos ou outros quaisquer sinais lingüísticos utilizados para o discernimento linear da frase vocabularmente castiça e pura e no classicismo avesso a qualquer experimentalismo (e que aqui era como uma muralha intransponível construída sobre os muros de uma Atenas que se orgulhava de possuir o último sabiá ou curió de nossas matas pretensamente gregas), *Tribuzi*, a princípio, deve ter encontrado somente mofa ou escárnio por parte dos que cultivavam civilmente o solene soneto parnasiano, a lubricidade caduca a inferir-se e entranhar-se em modelos de estatuárias mitológicas ou a ode heróica a entronizar, nos desfiles militarescos, as rimas bombasticamente patrióticas. Isso quando não se atinham, nossos bardos e aedos, aos acrósticos esmiuçadores das virtudes ou belezas femininas servidas no bolo de aniversário onde se banqueteariam nossos pretensos helenos, defensores servis de um passado servido na afrodisíaca carne exposta à carícia mais frustrada ou subconscientemente à mais solerte e bestial das intenções.

E o mais importante: *Tribuzi* para aqui voltou como um homem animal político, na definição milenar de Aristóteles. Como um técnico capaz de agenciar novas mudanças sociais. Como um árbitro de tendências estéticas que, timidamente embora, já se aventuravam a vir de novos nomes, cá e de fora, sobretudo os de fora, na divulgação do que além das nossas fronteiras se expandia nos experimentalismos do século XX, com nomes que se chamavam Fernando Pessoa, Antônio Boto, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Eluard, Aragon, Breton e muitos outros.

A fase cronológica de sua temporada coimbrã, ele a quis cunhada à semelhança, embora por motivos diversos, de quem entoou uma das mais sentidas canções de exílio jamais escritas em língua humana, nos poemas que pela primeira vez reunidos nessas *Poesias completas*, nos fazem apreender a psicologia de quem se sabia “no” exílio e não fruto “do” exílio (*Canções no exílio*, Portugal, 45/46), cantando desterrado no ego a viver mais consigo que com os outros e a quem não interessava a paisagem

empírica para sentir-se viver na “fotografia física” que a todos enganava, pois o que dele, Tribuzi, ele via

“não era mais que a cisterna
onde a minha face interna
se escondia.

E essa face ninguém via”.

E essa face que ninguém via

“fugindo de mim com medo
de desvendar o segredo
por que anseio
e que receio.

Fugindo aos outros, temendo
serem afinal o espelho
dos que me àfasta de mim”.

ele, o desterrado, a trazia irrevogavelmente presa a si, espelho físico do seu público, embora a todos enganasse (como a todos enganava). E à dessemelhança, assim, do Poeta Maior que tornara pública e universal sua saudade, pedindo a Deus que não morresse sem que antes ainda visse as palmeiras onde canta o sabiá, Tribuzi, lírico e exilado também, já se introjetava, por influências de idéias pairantes no ar, de demandas psicológicas múltiplas e às vezes contraditórias, como no poema 14:

“nunca ninguém me disse o que eu (se o fora) me dissera”

“nunca nada me foi aquilo que o penso”,

já prevalecendo aí, contudo, ou aí se fazendo pressentir, seu comprometimento futuro com uma poética que o fizesse igual a todos:

“nunca eu seja um animal
excepcional”.

Essa é, pois, a igualdade que Tribuzi revela logo no primeiro poema do seu livro Alguma existência, publicado em São Luís, após o retorno de Coimbra:

“entrego minha alma ao céu de abril e à rebeldia”.

A um céu de abril correspondente a manhãs claras de uma “Maria claríssima de carne completa”, e à rebeldia que seria doravante o eixo sobre o qual girariam as molas e engrenagens frementes de uma ideologia a ganhar a estrada do amanhã, antevista por um homem corporal como os demais, sabendo embora que

“nos rins se processa um mistério tão sério
que é injusto esquecê-lo”,

e que essa duplicidade

“deixa um gosto de soda-cáustica que fere até a alma
se exista”. “O caminho é poder ir sendo”.

Mas ir sendo com o Poema (título mesmo de muitos trabalhos enfeixados nesse livro, tais os antológicos das páginas 14, 19, 20 e 26 [na edição anterior do livro]) até que da maternidade, na lembrança de sermos e estarmos, um homem se erga de/e para uma nova vida, um novo nascimento, pelos poetas cantado desde os albores do mundo, pois que a própria morte, fruto também da vida, vai “tranqüila em muitos rostos” e o “morto vai tranqüilo e entre rosas” (“Soneto” e “O morto e a rosa”).

Arlete Nogueira da Cruz, em sua monografia A atual poesia do Maranhão, diz com acerto que para Tribuzi “a morte não representa indagação, medo, absurdo. Significa paz, vizinha à liberdade na ressurreição, e em Pele e osso, está sempre associada à idéia de porto”.

Desse livro capital, na sua trajetória estético-criadora, Tribuzi parte, não somente por necessidade ética mas por um incoercível impulso congeminal geneticamente lírico, para fazer da sua poesia uma síntese

dialética marxista vivida, sofrida e escrita por um homem que, antes de comprometer-se politicamente, era um grande poeta na totalidade étnica e ôntica do seu ser. Pois, “on ne nait pas communiste”. “On le devient, après mûre reflexion” (P. Valéry). Paul Eluard era um grande poeta antes de aderir ao Partido Comunista, e Orozco, um grande muralista, e Joliot-Curie, um grande sábio: e todos o foram antes de comunitariamente se comprometerem politicamente. Eles escolheram ser comunistas depois de terem sido escolhidos, por algum desígnio superior, para a tarefa maior da poesia, da pintura ou da ciência. Sobre esse aspecto torna-se esclarecedor o pensamento de Alfredo Bosi, no seu livro História concisa da literatura brasileira: “o problema do juízo fica mal formulado quando se concentra no critério, aliás vago, da ‘utilidade necessária’ ou do ‘necessário desinteresse’ da arte. O poema é obra humana: enquanto ‘humano’, está sempre em função dialógica, vem de um ser em situação que fala a outros seres em situação, isto é, comunica-se ‘com’ e empenha-se ‘em’, é objeto, produto de uma invenção, arranjo de signos internacionais que se constelam em uma estrutura; não atingido esse limiar de organização, ainda não existe como poema e pode ser julgado, no plano estético, uma obra frustrada, malgrado as intenções do emissor”. E o emissor, em Tribuzi, atingiu sublime e sibilamente o social enquanto arte, nos poemas que formam Alguma existência, este início orientado para o futuro, na idéia de progresso, “a escatologia no sentido espiral dialética de Kant e Hegel”, conforme diz Emil Staiger sobre o poeta alemão Spitteler no seu livro Conceitos fundamentais de poética.

Livro que traz o bojo cheio, como mulher grávida, do que o pensamento arranca à terra de concreto e duro, e não de evasivas sentimentais, Rosa da esperança sutilmente alia — na sua textura temática — o artesanal técnico-pictórico que o construtivismo de Picasso apreendeu da geometria cubista (da qual o futurismo pode ser considerado a representação-na poesia) à retaliação de tudo que constitui materialmente este nosso mundo contemporâneo: mesas, cadeiras, gavetas, alimentos hortigranjeiros, “colunas dos teus seios”, “remos na inconsútil baía de teus beijos”, “flor da água como nuvens”, o retrato do pintor Cadmo Silva, companheiro de geração, “situado entre o vago, o verde e a vida”, “ouvidos de

orquestra” e circundantes que “em torno de Beethoven se contorcem”, e tudo do itinerário do corpo, herdeiro da esperança dessa rosa mas também da “boca já cansada de alimentos, beijos, de palavras, de protesto”.

É nessa Rosa da esperança, mesmo a brotar da flor de pedra “entre o muro, a impotência e a madrugada”, que o poeta ainda tresandando à bata franciscana com que lhe quiseram forjar uma vocação anacrônica pela humildade mesma com que, sem batina ou terço, veio a conduzir-se ecumenicamente pelo tempo afora, cria no poema “Parábola” a Cinderela de um conto de fadas mais consentâneo com o fabulário do século XX, onde a realidade transfiguradora do pesadelo não dá trégua à utopia de quem, por ser princesa, rica por nascença e herança, “no seu jardim limitado”, que “já nenhum prazer lhes dava”, pois

“em seu palácio a prendiam,
de esplendor a sitiavam,
de vestidos a cingiam,
sua beleza esmagavam”;

sai de sua casa-palácio, “absurdamente descalça”, fugindo dessa casa-palácio (a segurança burguesa da propriedade privada que para Phroudon é um roubo e crime), “absolutamente descalça”.

Se a usura é o câncer do azul, como disse o fascista ou protofascista Ezra Pound em um de seus mais belos cantares, o dinheiro sincronizado historicamente na estória dessa “Parábola”, é para Bandeira Tribuzi a cédula comprada

“pelo rude esforço
de membros e idéias”;

e que

“breve se recolhe
no túmulo frio
do pesado cofre”.

E conclui Tribuzi, na sua anatematização da cédula-câncer-usura do azul:

“a pequena cédula,
cotação de vida,
quem terá ó gesto
para destruir
seu destino torpe
e, em definitivo,
convertê-la em lixo?”

Já aparece nesse livro também a primazia formal do soneto que Tribuzi tornaria no desideratum orgiasticamente mais perfeito e superior (excluindo-se talvez os poemas em “terza rima”) da sua orquestração sinfônica em tonalidades rítmicas que, quando rimadas, lhe dariam a condição de mestre dessa forma antiga por ele tomada viva e moderna.

Como o futurista Maiakovski, para quem só é comunista quem destrói a retaguarda, impedindo assim qualquer possibilidade de fuga, Tribuzi, usando de objetos vocabulares comuns, como pé, amor, chuva, — e à quase semelhança de Drummond, que não rimará a palavra sono com a inseqüente palavra outono, chama um tratorista (Marinetti talvez devesse preferir o condutor do veloz expresso ou o piloto da esplendorosa máquina voadora, já que para ele qualquer engrenagem movida a óleo ou gasolina possuía mais beleza que a Vênus de Milo), para em Safra, seu novo livro, em sua “ordem do dia”,

“remover a neve desta folha de papel”.

E a neve que aí, na sua metonímia, significa a frieza da desumanização do humano e da desemoção da técnica redutiva e redutora do poeta contemporâneo, especialista de uma metalinguagem alheia à comunicação vocabular direta com o homem comum, se torna, como no futurista russo, em que “a natureza ficou louca”, por ser ele “todo coração”, por um processo de osmose mimética, na sístole e diástole de sentimentos

que enobrecem Tribuzi pelo seu desejado condicionamento de “coisa terrena”. E nessa condição terrena pretende e consegue cantar, como o Neruda das Odes elementares, o ar, as nuvens, os galos, a lua, o vegetal, os animais, enfim, o numinoso mundo

“da própria terra
em seu húmus”.

E cria, ou melhor: recria no Livro de sonetos, a forma da qual, como dissemos, é realmente um mágico a recompor do medievo aquilo que Franklin de Oliveira (Viola d’amore) chamou de “conceito medieval (no seu estudo sobre a poética de Manuel Bandeira) da importância do corpo feminino, ao lado do lastro romântico da saudade, sentimento que nasceu da conjugação do paganismo como o cristianismo, cujo encontro se deu na Idade Média”.

Do soneto dedicado à Mãe ao décimo-oitavo e último deles, cuja temática é a do seu próprio fim, na hora derradeira de

“quando pó forem meus nervos
e minha carne o adubo de uma rosa
e uma ave voar no meu silêncio
e tudo quanto fui seja memória”;

se respira ritmicamente a sabedoria artesanal dos séculos num gesto de escrita praxisticamente forjadora de móveis mais justos e humanos na permanência gelstática de um imorredouro e eletivo acordo do Homem afiançado com o Todo do qual é parte irreduzível, embora seja apenas

“a música incontida
da palavra comigo sepultada”.

Já em Pele e osso, no seu proustiano “Em busca do tempo perdido”, poema com que inicia essa sua nova safra de sábia e dolorosa convivência, Bandeira Tribuzi rejeita de imediato a cortiça com que o criador de

Albertine se servia para alhear-se do humano mundo das vozes que se atritam no ar com a enervância de lixa ou vidro em outro vidro friccionado, e onde agora “há uma bala voando”: o feito por Tribuzi, nesse livro, é feito dentro do real, na ovulação hidrogênica do terror cósmico a espreitar-nos, e entranhando no carisma concreto e total que somente o corpo humano, esse composto de “pele e osso”, pode oferecer a quem se deixou regressar, pedindo apenas

*“que me apresse
a ser meu, antes que tudo
me vista de esquecimento
e a vida me diga NÃO!”*

*Mas ser só dele, dele só, Bandeira Tribuzi, ser individual, individuado e indivisível, ser que só teve a dor que lhe cabia, como pode ele consegui-lo, se a própria dor é carbono de uma outra dor, se o homem é o papel duplo intransitivamente reflexivo do que no espelho vizinho se move idêntico a ele, bicho humano de “pele e osso”, predestinado a um mesmo chão, embora seja possuidor dos meios capazes de no interregno estendido entre início e fim, construir um mundo mais belo e justo? Ele, Tribuzi, precisa se repartir ecumenicamente no/e com o verbo que lhe coube e que o faria mais feliz fosse ele insensível, na sua pele e nos seus ossos, ao que se passa nessa Sião cuja paráfrase camoniana é como que um ciclo retrospectivo da “tradição renovada” de que nos fala T.S. Eliot, mas sem o fragmentarismo que caracteriza o criador de *The waste land*, pregador da ortodoxia mais extremada do individualisticamente alienado em si, como no repasse psicanalítico residual fascista de Carl Jung a dizer (sobre o homem coletivo) que um milhão de zeros reunidos não fazem nada, infelizmente, somados a um.*

Inegavelmente é esse o maior e mais perfeito livro de Tribuzi, pela maestria com que se utiliza de todo o seu conhecimento artesanal em variados metros e múltiplas medidas: nas terzas rimas desenoveladas em achados onde o seu cerebralismo se dissolve em construções paroxisticamente imbricadas na idéia ajustada ao ouvido do que, colado ao chão, escuta — como sói acontecer nos seres virginais primitivos — o aproxi-

mar-se dos sons em que se agrupam e dispersam as nuvens cantadoras das distâncias pressentidas; o rimário originalíssimo de palavras e termos partidos com que se unem, de um a outro terceto, a ritmia aglutinadora de vogais que se encontram ou dispersam no laço eufônico da “cantata” social que ele intenta e consegue; a paráfrase camoniana do seu “Sobre os rios” e a feitura algo condoreira, à semelhança do poeta dos escravos, nessa atualizada Vozes d’África do “Romance do senhor de escravos”; os sonetos (mais uma vez) que vindo do Gênesis, são o construir-se de quem

“assim me fui fazendo até o quanto
agora sou (metade do que eu fosse?)”,

e tudo isso escorado pelo metaforismo a circunavegar, após havê-lo feito na altiplanosa antroponautização de quem, apesar de ir sempre

“além da estratosfera
povoando o silêncio indefinido
com a esteira de luz dessa quimera”,

e após devassar o oculto

“como um deus humano iluminado”,

vem a saber, descendo à Terra, que

O INFINITO MAIOR É O PRÓPRIO HOMEM,

o “homem em pele e osso”, na definição, sem ambigüidade nenhuma, do que é a pele e do que é o osso, o direito e o avesso, fazendo um só corpo

“no aparente engano
- pois sendo diversos
(direito e avesso)

pintam o universo
dos seres humanos”.

E se já nesse Pele e osso, Tribuzi deixava antever por vezes a quebra de um sistema verbal dentro daquela ibérica certitude medular de formas fixas e metros tradicionais, cadências já ouvidas no desfilar de antigas e admiráveis estrofes do seu privilegiado estro, em Tropicália consumo&dor, que cronologicamente vem após a feitura daquela pele e daquele osso (e não incluído nessas Poesias completas), fruto que nos associa instintivamente, ainda que pelo oposto, às tristuras dos incandescentes trópicos decantados por um Lèvy-Strauss, Bandeira Tribuzi dá continuidade a uma evolução essencial para a sua certeza de criar um benefício de uma civilização melhor.

Poder-se-ia, no entanto, à primeira vista, e numa superficial e inocente leitura, não abrangedora dos motivos mais fundos dessa Tropicália — tropos de equatoriais febres rítmico-amorosas e cantabilis-revolucionárias, notar ou fazer crescer uma palpável ruptura entre essas monumentais notas e os seus livros anteriores. Destarte, no caudal voluptuoso das enumerações verbais presas à arritmia de um gigantismo geográfico que se desdobra numa fauna e flora inexcedíveis, Tribuzi como que se extasia diante do panorama físico, humano e terreno, oferecido aos seus olhos de esteta e à sua inteligência de homem contemporâneo voltado para a angustiada busca da síntese dialética onde o sonhar possa ser de fato o irmão do fazer. A concretude do topus imaginativo e o ideal de um imperioso desejo de amor comum, nele arraigados como a fonte umbilical estendida do uno para o coletivo, mar-forturumo onde todos possamos juntos beber do licor da esperança e seguir após para a alegria de um futuro mais justo e humano, eis o lastro verbal de quem, acima da “mais-valia”, condição própria a um computador qualquer, vê e vislumbra, moldando-o, o valor da única e veraz valia: o Homem, balança síntese do que os lábios pronunciam ao se abrirem para a vida numa permanência que, através da Palavra, se embrenha palpitante pelas entranhas do imperempto. O homem, somatório do eu e do tu, leito onde se juntam as partes que se anseiam no Todo, o homem

de Cristo e de Marx, das epopéias silenciosas — doloroso epicentro paradoxal! — das catacumbas romanas e também das lutas promulgadas à luz dos decretos que se homologam pela força do povo cantando a aleluia da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Sendo o amor “o único despacho de todas as Igrejas sem igrejas”, neste verso sintetizando de maneira admirável os vários modos da religiosidade do nosso povo, no sincretismo que lhe é peculiar, Tribuzi prega o verdadeiro ecumenismo na globalização dos que, embora diversos nos quadrantes das necessidades íntimas de cada um de nós, tem por base o Amor que move os céus e as estrelas, conforme os imortais versos do genial florentino.

Tropicália, manancial lírico de um homem que foi “gerado em prazer” e “parido com dor”, compondo numa “Pavana do fim do mundo” o lamento de vozes que também são as nossas, se compõe de 14 poemas de largas proporções e extensos veios, em quase todos eles fazendo-se ouvir o grito de quem não se anestesiou pela duração milenar de uma miséria dia-a-dia contemplada e mais vivida. Mas a “caritas” de Tribuzi, espírito marcado pela religiosidade dos claustros silenciosos, onde cedo cumpriu um noviciado logo desfeito pelas exigências de fazer parte da correnteza que engrossa as vozes testemunhadoras de um tempo no qual somos peças de uma engrenagem sem nome, e ante-hóspedes de um castelo onde nunca entraremos, réus processuais de enigmático e insondável Juiz, na concepção kafkiana, este “tempo de partido”, “Tempo de homens partidos”, na circundante e universal voz do cantor itabirano nosso irmão, não é uma “caritas” de pieguice melíflua e pegajosa, mas uma “caritas” realista e forte de

*“quando a caridade está
em chamar-se a um burro — burro
e em chamar-se porco a um porco”.*

Por isso, pergunta ele:

“Homens há... Cadê os homens?

Mas homens há certo poucos
que ainda chamam as coisas
com os nomes delas próprias”.

*Pois ele, mais do que ninguém, faz parte desses poucos que sabem
“só as palavras sinceras”, podendo, portanto, dizer*

“que há prostitutas com filhos
e há belas damas ó damas
que se espremem, se escangalham,
assassinam e esfarrapam
para que os homens delas
repousem em sua carne
os olhos e depois o sexo”.

*E sabe, nesse poema inicial de uma Tropicália onde o verde não
esconde de nossos olhos a gangrena de mentiras que se ousam disfarçar
em verdades, das máscaras burguesas, dos vícios orgiásticos e dos roubos
perpetrados, em nome de poucos, contra a massa espoliada em seus míni-
mos direitos e chorando por seus fundos olhos de fera acuada, para mor-
rer, no submundo palafitado de uma pólis em decomposição. É o que ocorre
com o José da Silva do poema “Várias hipóteses de José da Silva”, no ABC
do teorema traçado por um geômetra inexorável, fiel unicamente às leis
amorais da matemática pura, flor além do bem e do mal e mãe das econo-
mias sadicamente planejadas, esse José que, após conseguir trabalho em
profissão salário-família,*

“não chegou ao fim do mês
pra colher a melhoria,
pois foi, compulsoriamente,
aposentado da vida”.

Contudo, porque é simples, diz Tribuzi no poema “Palavras do fim do mundo”, ele no-los cantará, pacientemente, a todos esses crimes e todos esses subornos e chantagens, irrompendo numa catapulta de metáforas escritas a ferro e fogo, como o próprio anjo do apocalipse despejando, graças ao átomo fissurado pela inteligência demoníaca do homem hodierno, um rosário de dor, lama e ódio sobre os nossos lares outrora limpos e habitáveis.

E, da maneira como os fenomenólogos sabem ter a alma uma vivência idêntica e paralela ao fluir do hálito e do sopro, no respirar-se a intimidade anímica das paredes imanentes ao Todo entranhado no seu ser-em-si, como naquela correspondência de sons, perfumes e cores, revelada no célebre soneto baudelairiano, Tribuzi respira, nesse ar de miasmas e podridão, também as “árvores sonhando o horizonte parado” e também as rosas, e o vento, e o pensamento, e o peito, nudez, saúde e lágrimas, porque

“de mim sei que não me calo
enquanto houver poesia
e me a garganta der voz”.

Voz que é única e verdadeira, voz que se debruça sobre este “Tempo dos conglomerados”, onde “quem não é deus chegou ao seu final”, pois “está na hora de cantar adeus”, hora em que “Meditação da ponte”, ponto crucial no espaço construído pelo homem, leva o sonho a povoar-se de imagens cheias de uma lubricidade viril e sã, arquitetura do mais alto desejo inflando nas mãos forjadoras das carícias que, como o rio abaixo, são águas fecundas, subindo e descendo, descendo e subindo para cobrir e banhar “o tabernáculo do prazer com sua gruta recôndita e úmida”. Voz medida pelos acentos mais graves de um alto e duro humanismo e testada nos combates de uma poesia fiadora do bem comum:

“por isso canto: por mim,
pelo que me faz cantar,
— o amor que do sem-fim

me veio para te amar —
 e por nós e porque vim
 para este canto nos dar”.

E chega finalmente àquilo que alguns poetas-chansonniers como Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda e Chico Maranhão e alguns outros conseguiram na parafernália da hora propícia a todos os timbres experimentais: a música como meio e veículo mais amplo de comunicar a poesia. Ei-lo no início de “Samba / coral”:

“Ponham a mão
 no coração
 porque meu samba
 é de batida
 coração.

Como refrão?

— Eu digo não.
 — Eu digo não.
 — Eu digo não.”

É o não escutado também no poema “América América”, onde há o mesmo sopro

“dos rios como oceanos de seiva circulando
 o corpo ainda intacto da mãe inumerável”.

Um não contra aqueles

“que possam negociar os ritmos eternos
 ou negociar a alma nascida em liberdade”;

pois o nome da América ainda é puro

“nas horas dos humildes, no coração dos homens
que não vendem a vida nos balcões mercenários”.

*Ombreando-se, em várias passagens desse canto, ao Carl Sandburg
de “The People, yes” e ao García Lorca de “Um poeta en Nueva-York”,
Tribuzi escuta, imensa,*

“uma voz que pedia teu corpo verdadeiro,
pão de comunidade exigida
por milhões, e essa voz dizia só: AMÉRICA!
Como se essa palavra já congregasse em si
as pétalas benditas da rosa desejada
e essa palavra era um prodigioso canto
que os ouvidos da noite colhiam com espanto”.

É o mesmo Tribuzi a perguntar em “A promessa recusada”:

“se não existes por que não insiste
a envenenar-me a persistente imagem?”

concluindo no lirismo farto do soneto 4:

“engana-se o destino que me engana
e todo se engalfinha e enfim se dana
pois não pode matar quem não inventa.
Faço das noites minha madrugada
e dela surges — doce recusada,
em que a razão da vida se alimenta”.

*É o Tribuzi de sempre, perdido na correnteza da vida e clamando
pela melhoria de vida. É o mesmo ser estendendo a sua Bandeira, símbolo
dos que deixam países buscando a Pátria, terra onde possamos comungar
com todos a liberdade de usufruir dos frutos ideais do nosso ser e dos frutos*

materiais do universo. Terra onde cada dia seja Natal, um Natal sobre a terra, já sonhado por Rimbaud, e não um Natal apodrecendo nas palafitas,

*“onde floresce a vida breve
das coisas não acontecidas”,*

pois contra isso, contra o mercenarismo de estéreis corações e crapulizadoras mentiras é que ele, Bandeira Tribuzi, poeta fincado à terra com pés e alma de esperança, levanta sua voz cantando o “milagre da multiplicação/de pães de peixes/para todas as fomes”, para finalizar sua Tropicália, junto de nós e por nós, numa certeza plena e confiante:

“Assim seja!”

Esse “assim seja” que poderia ser o lema do infante D. Henrique ou o dos “cantares d’amico” com que El-Rei D. Dinis morria de saudades (palavra única na sua intransponibilidade vocabular a qualquer outro idioma) e também dessa Vida de amor, opus posterior à musicalidade fraternalmente exposta de Pele e osso e à co-participação unanimista do seu Consumo&dor, na amanhecência do

*“Único trago em mim claro cantar
que a doce amiga envia ao seu amigo”.*

Desata, essa Viola de amor, além da marítima aventura portuguesa para quem viajar é preciso mas viver não, na praia corpórea do carnal sentido mais maduro. Viola ou guitarra, a melodia que dela sai é sempre a de uma cantiga ou canção, este pressago fado da saudade lusitana.

Assim também a série dos Sonetos, onde Tribuzi pede que

*“quanto em mim seja amor quero que aumente
como o vento do mar em maré cheia”,*

ou

“um dia hei-de levar à tua praia
esta viva maré de que estou cheio”,

e de onde, no domínio pleno dessa forma fixa, cultivada pelos seus companheiros da chamada Geração de 45, sobretudo Ledo Ivo, Konder Reis, Mauro Mota, Geir Campos, Darcy Damasceno, Paulo Mendes Campos e alguns outros poetas menores, ele parte para uma dispersiva e proposital dissecação estrutural dos quatorze versos pelo modus com que a eles imprime uma ruptura na sua conceituação semiológica. Se Tribuzi não chega, nesses Sonetos, à quebra total dos parâmetros formais a que estão eles tradicionalmente inseridos e agrilhoados, como o fez Murilo Mendes com os seus Sonetos brancos, cujo barroco lhes infunde uma perversidade metafísica ou uma quase heresia paratática “quevediana”, é notório, neles, o metafisicismo das vinhetas com que são retalhados, em entretons vocabularmente crepusculinos, os motivos cruéis e supra-reais do humano viver, aos quais, persignado, Tribuzi se confessa:

“humildemente curvo-me à memória
de Galileu, prisioneiro da verdade:
fiel a si, à ciência, à realidade,
— Infiel para os que pensam que a História
se escreve em letras de sua vontade,
seu apetite ou de sua irrisória
limitação”.

Pois sabe ele, ainda, que

“Inquietações sempre houve contra quem
tem a coragem de dizer que a Terra
se move e nunca foi centro do mundo”.

Como centro do mundo, do seu mundo interior/externo, lugar de ferro e fogo, força e poesia, fuzil e sangue, o Romanceiro de São Luís, sem nenhum arrebatamento épico ou arroubos verbais, apesar de nele cantar a História aqui feita com a rebeldia pioneira de um Bequimão e o verbo orgiástico de um Vieira, é segmento importante na obra de Bandeira Tribuzi, que soube, com pudor e dignidade, reconstituir episódios e lugares de nossa cidade através de uma linguagem conotativa, ou seja, “auras de associações semânticas, geralmente banhadas de afetividade” (J. Guilherme Merquior — Formalismo e tradição moderna), conseguindo transmitir assim “toute la richesse situationnelle concrète d’un moment mécu” (Mourin).

De um momento vivido ou dos seus 18 mil dias e noites cantados no longo e final poema Breve memorial do longo tempo, com que ele, na premonição poética da morte iminente, por achar-se no meio da estrada da vida (qual Virgílio o fizera com o genial florentino) mas, já agora, sem o guia inicial que lhe fora o poeta lusitano emigrado do astral apesar de sua “mensagem sebastianesca”, caminha sozinho, absolutamente só, cantando:

“mãe, olha o limão nos meus olhos
que eu quero ver”.

E ele, que tanto já vira e por tantas Siões andara, vendo misérias e injustiças sociais, e

“antes que a morte me proíba
de renascer as manhãs”,

faz a rememoração dos seus cinqüenta anos de co-participação humana, achando que

“viajei tão longe, corri tais caminhos
de mim mesmo e alheios, gerais e vizinhos,
chego ao fim de mim sem achar começo

que já me procuro pelo meu avesso
e mais avesso fico de quanto me cerca
e só sou achado quanto mais me perca”.

*E perdido, destarte, seu “eu” individual, individuado e indivisível,
ele, Tribuzi, só se acha e encontra verdadeiramente livre, e total, rezando:*

“o poema não morre,
o amor não morre”;

*antevendo-se e sabendo-se, se MORTO EM CARNE, entidade VIVA EM
OBRA, a refletir, eternizando-o, o tempo que cumpriu na cidade em que
sonhou e fez erguer uma pátria poética que perdurará enquanto houver
voz e vísceras, ou seja, homens capazes de habitá-la na divisão equânime
de um tempo*

“para boiar nas ondas da verdade”.

ALGUMA EXISTÊNCIA

1ª edição: São Luís, ed. do autor, 1948.

Em *Poesia reunida*. São Luís: Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão; Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

A meus amigos

Lucy Teixeira

Erasmio Dias

Floriano

Figueiredo

Cadmo e

Cláudio

POEMA

Entrego minha alma ao céu de Abril e à rebeldia.
 Descanso meus passos na sombra perdida no vão da memória.
 Meus braços repousam em teu corpo claro e azuis pensamentos
 florescem dos olhos afeitos enfim à feição do milagre.
 O silêncio surge: — farrapo de nuvem cor-de-rosa e débil
 e o ouvido apreende a canção sem rumor que em teu rosto
 [perpassa.
 Maria claríssima de carne completa Meu corpo duplo
 se perde em teus olhos teus seios teus lábios se encontra
 [em teu sexo

POEMA

De um canto de mim alguém murmura
 a melodia que inverte os gestos ásperos
 Nos rins se processa um mistério tão sério
 que é injúria esquecê-lo.
 Minha perna se vestiu de coluna grega
 e diz que tem harmonia
 Porém do pensamento um líquido verde
 vem de mistura com restos e coisas de caixote de lixo
 Esta duplicidade ingênua e revertida
 deixa um gosto de soda cáustica que fere
 até a alma se exista
 Porém nisto somes verdade
 e o caminho é poder ir sendo.

CANÇÃO

A cumplicidade
 de tudo me prende
 Fujo da verdade
 como quem se rende
 Não tenho inimigos
 fora desta vida
 Só digo a palavra
 não compreendida
 Vejo no espelho
 minha face exausta
 Amo o chão Receio o medo
 E basta

POEMA

Não sei que poema escreva nesta manhã sem lágrimas
 se prenda as lágrimas e esqueça a poesia
 Mas como esquecê-la se ela só é materna
 e tem afagos concretos em suas mãos sutis?
 Quando desprendo quando me perco nas distâncias vazias
 Quando anulo o nome das ruas e vagueio e divago
 e existo em melodias e encosto a cabeça cansada
 na *Quinta Sinfonia* em Tchaikovsky em Mignoni
 e bailo sem pernas nem gestos a *Valsa do Adeus*
 Quando recordo Atenas e a Rua do Sol se arruína
 em Pompéia e sustento nos braços a criança que escapou do
 [Vesúvio
 Quando estrangulo a comoção pensando em Buchenwald
 Só ELA vem
 Só ELA persiste e insiste contra a raiva que asfixia
 só ELA me embala com sua canção de silêncio tremendo
 ELA a Poesia —: a mãe a carícia a paz única e certa

POEMA

O tempo para
 Como duvido às vezes de estar em teu amor?
 Toda tu vens tão fértil
 prendes-me os braços e os pensamentos
 e consigo inventar o mundo em teus lábios
 Um mundo simples —: pé de criança
 a árvore a sombra nós dois porém múltiplos
 como *décor* tão simplesmente a paisagem
 Um galo varreu do horizonte as nuvens escuras
 e ficou só a cor duma perna ingênua perdida no céu.
 Teu coração persegue mariposas no campo verde do eu
 [desejar-te.

Uma formiga sobe por teu braço
 e eu desço para ti no colo duma lágrima
 E tu dizes: Eu te amo Eu te amo cresce
 inunda os olhos as palavras a presença
 Canta na voz que rompe o dia
 e se amacia e perpetua
 Mundo: com vales montes e planície
 e a surpresa
 Na tua boca a vida se inicia Eu te amo
 Como duvidas às vezes?

POEMA

Um cão ladrrou
 na noite obscura
 tremores frios
 de inanição
 A mulher magra
 esperou cansada
 que a carne exausta
 fosse chamariz
 Poucos sexos jovens

se investigaram
muitos não conseguiram
fugir à frustração
Alguns descansaram
outros se diluíram
O caixote de lixo
esperou esperou
Depois rompeu
a madrugada.

POEMA

A alegria
do teu olhar
esquece tudo
quanto fere

A cor morena
da tua face
esquece a con-
creta amargura

O lírio tímido
que tens na mão
castiga a vida
estúpida

Teus seios ásperos
fendem o ar
de uma carícia
incrédula

As pernas ágeis
bailam Depois
gostam da terra
e descem.

O vento estagna
O tempo pára
para te olhar
ó virgem fértil

HOJE E DEPOIS 1

Ruidosa e pérfida
a proclamação
se afixa irreverente
e suja a parede
Insiste no ódio
vestido de força
e afasta com raiva
se rosas da manhã
O ódio que paira
na proclamação
irrompe com fúria
e suja o olhar

Insiste no olhar
a fúria violenta
que afasta o amor
o afago a carícia
Os olhos irados
e sujos proclamam
na noite fechada
a cólera acesa
Os passos se apressam
o medo caminha
a morte se espraia
na rubra manhã
e as mãos desbaratam
as rosas erguidas
que os pés em tumulto
esmagam no chão

HOJE E DEPOIS 2

A vida perdeu
a consideração
que não tinha mas
fingia ter
Veio talqual:
ela sem enfeites
E uns homens disseram:
— que brutalidade
Só porque a verdade
se tornara simples
e as palavras tinham
seu sentido exato
Só porque o amor
rompia com força
do chão fecundado
de sangue e de lágrimas
Só porque as estrelas
mais claras no céu
se tornaram simples
amigos distantes
Porém vozes que
surgem do martírio
da terra esquecida
da força esmagada
ecoam tão fundo
tão forte que dóem
e a dor se transforma
em clara carícia
E a clara carícia
que o chão reverdece
amanhece mansa
nos olhos doridos

ESTRADA DO TABACO

Cigarro harmonizador
 Amo-te em planta em solidez de cinza
 e sobretudo imponderável
 Como um amigo te debruças sobre as dúvidas
 a timidez o medo a solidão
 Enfeitas de irreal as páginas dos livros
 e dissolves o ódio e a raiva encadeados
 Esqueces as horas sujas ou sem destino
 e enfeitas de sutil o trágico silêncio

POEMA

Dorme o segredo em tua boca múltipla
 Vais em silêncio e escusa em nossas ruas
 Que dizem teus cabelos e tuas ancas?
 Que impudor clamam teus seios agressivos?
 E acenas E agitas os cabelos
 e páras enigmáticos olhares
 E danças Como danças Intrometes-te
 em nossas carnes e ficas tão distante
 E perturbas a música e o repouso
 desfazes o lirismo da cidade
 e andas com raiva e ironia e sexo
 por entre o povo e as ruas que te odeiam

POEMA

Minimamente pérfida a ironia
 fere o gesto mais fértil e envolve
 de esquecimento e áspera:
 o doce-amargo das frutas incisivo
 A vida se reduz a um lago estéril:
 sequer farrapo resto meia boiando
 sequer uma pétala murcha

sequer a ruga do vento Simplesmente
 o inútil e a falta de forças na rosa do vento:
 do Sul vem um aceno dúbio
 do Norte um rosto úmido
 do Leste o mar intérmino
 do Oeste o aceno dúbio
 E qualquer coisa fria como pedra tumular
 comprime o coração e a última esperança

POEMA

Silêncio.
 Parem um minuto o canto de Marília
 as vozes anônimas a irritação os gritos
 os claxons o cinema a rua
 Dispersem a rua por um momento
 Fechem os rádios. Tenham cuidado com as portas
 Andem de leve. Prudência. Recalquem os murmúrios
 Guardem o amor por um minuto
 e a raiva.
 Suspendam os transportes anulem a cidade
 e deixem-me chorar ao menos uma lágrima

NOTURNO

Certa presença concreta da noite vem
 insinua-se infiltra-se e entorpece
 de serenidade ou angústia. Ou dupla
 embala em sonho em acre e em silêncio
 Vem materna e serena mas corpórea
 e afaga o descanso e entoa a canção inatingível
 Então se avoluma o esquecimento e envolve-me e avança
 comigo nos braços para a distância e o sonho perfeito

POEMA

Clara a manhã. Clara a serenidade
 Branco o horizonte. O teu vestido branco
 Puríssima a nuvem. A água nítida
 Tua carícia já sem cor de diáfana
 E se pousares a face em meu peito ou teus cabelos
 traçarem no ar a ternura mais tépida
 ficará sem limites e inconcreta a paisagem
 onde meu coração somente será rubro
 como a rubra malícia de teus seios

RECADO PARA A POESIA

Só vens quando me dóis
 ou a manhã é excessiva
 Eu te queria sempre
 junto de mim por tudo
 no mínimo — suave e tão benéfica
 Que fosses a mão terníssima
 e de teus olhos brotasse a luz para os tempos confusos
 e de teu ser imponderável a coragem de vida
 Vem poesia
 Perdi minha mãe muito precoce perdi a carícia
 perdi o sorriso turvei o rosto claro
 Que vai ficar de mim de encontro aos nossos dias?
 Vem poesia sem medo porém com pudor
 Dilui em pureza ou em lágrimas a rudeza dos tempos
 Áspera e dura que venha — Vem Poesia

POEMA

Quero só uma flor
 para dar à metafísica

Quero só que o trigo
surja até da pedra

Quero só que o poeta
cante quando precisa

Quero só tudo
na verdade escondida

E quero que tu sejas
como és Maria

NOSSO MUNDO*

Desde que amanhã
nada mais importa:
o mundo continua

Desde que amanhã
restará a Alberto
morrer de fome

Desde que amanhã
simplesmente Marília
tomará morfina

Desde que amanhã
dobrarão os sinos
por certo mundo perdido

E amanhecerá

* Intitulado "Poema", na 1ª ed.

POEMA

Sei que tuas mãos
são simplesmente carne
mas insisto
Que algo de estranho haverá nisto?

Sei que João
morderá as unhas
porém dou-lhe um cigarro
Por que esta vontade de sacudir seu braço?

Sei que de nós
ficará apenas
o que o chão desprezar
E continuo a pensar

POEMA

Margarida tem
o passo impalpável
e é tão anônima
quanto necessária
Não canta nem dança
não fuma sequer
e é virgem e tímida
mas como constrói
Suponhamos que
seu noivo é do Banco
se engana num cálculo
As coisas complicam-se
a luz se interrompe

e acontecem fomes
desmoronamentos
Chamem Margarida
roguem-lhe que fique
que salve a cidade
sem que ninguém saiba
Depois acreditem
no passo impalpável
da que é tão anônima
quanto necessária

PROGRAMA*

O pensamento pare
à beira do rio
e goste da água
e da flora na margem

o desejo fique
tão grande e supérfluo
que se vier é ótimo
se não vier guarda-se

A memória esqueça
as traições passadas
e fixe simplesmente
o momento anterior

Seja olhar o rio
a única salvação
e a alma se estenda
ao sol verdadeira

* Intitulado "Poema", na 1ª ed.

POEMA

Sempre a barba resiste e me apresenta
 quando tento ajustar os movimentos
 À luz do dia surge e doira a face
 de desprezo total indisfarçável

E surjo eu próprio (que inconveniência):
 esquecem-me as palavras estudadas
 e emendo boa-tarde com insultos
 e gestos bruscos fora de propósito
 Então alguém recua e a comoção
 me garante o papel duma inutilidade

CONTINGÊNCIA

A água do copo inunda o oceano
 Construo o céu com cinco coisas fúteis
 Dou-te uma santidade bem mais simples
 e mais azul que a da Virgem Maria
 Porém o gesto feriu-se em coisas ríspidas
 e tenho de ir ao Leôncio contra a barba

POEMA

Na rua alguém pensa em pesados passos
 No sótão róem ratos Na cabeça
 os pensamentos pensam-se pensando
 e a vida vai vivida à flor de si

Na rua alguns pesados passos pensam
 em certas agonias que acontecem
 No sótão róem ratos róem fáceis
 sem nada além do seu ruído de rr

Os pensamentos pensam-se pensando
certos e comovidos do que eu vi:
de ti das flores da manhã das coisas
E a vida vai vivida à flor de si

HISTÓRIA DO TEMPO ABSTRATO

A chuva lavava a rua
ou lavava o pensamento

Em baixo ficava a rua
em baixo ou no pensamento

Alguém passava na rua
pisando meu pensamento

Os passos dados na rua
ecoavam no pensamento

A mulher já ia nua
— na rua ou no pensamento?
E eu vi a mulher por dentro

POEMA

Na margem esquerda
não há pensamentos
Na margem direita
não há emoções.
A água do rio
são conhecimentos
imagens sentidas
palavras intatas
E o rio perpétuo
contínuo e violento

arranca das margens
 esquerda e direita
 pedaços que integra
 e prossegue e aumenta
 e chama-se vida.

CÂNTICO

Maria imperfeita
 Complemento direto
 Socorro de vítimas
 Estigma da noite
 Estrela da manhã
 Violino proibido
 Canção de soluços
 Acaso inconcebível
 Corpo limitado
 — espírito sem sul
 Manhã impretérita
 Luar estagnado
 Floresta sem rumor
 Segredo perigoso
 Clara e benéfica
 Maria: teu nome

POEMA

Entre o fumo da Virgínia
 tu perambulas em mim
 teus passos rápidos trêmulos
 Hesitas e te decides
 Ascendes neste bailado
 Vens mentir-me de ciúme
 raiva fértil beijo a medo

silêncio de mais de menos
Ó virgem dúbia e abscondita
farpa de desejos. Ponta
de faca de pensamento
Meu recalcado lamento
meu pecado indispensável
Lembrança de azul parado
de um adeus batido em prata
Meu escudo e minha espada
Palavra que não sabia
mas queria. Gesto exato
Fruto do meu ser intato
Tu eu-próprio: ódio relâmpago
beijo mentira agasalho
abraço amigo sincero
serenidade descanso
mão leve de gesto fluido
Meu amor. Porém a cinza
E vens surgindo concreta
desta Virgínia diáfana

POEMA

Por que sobre este chão perpétuo e incansável
esta anemia de frustração e homens?
Esta anemia que resiste às máscaras
ao tempo à primavera à poesia

Este embrulho de gestos recalcados
de palavras retidas
de filhos melhores retardados
de amor indeferido à falta de moedas
As moedas sonoras que definem
margens de vida rígidas e exatas:
amar a tantos de tal e sem excessos

Geração sobrando não no amor — às contingências
 E a salvação de tudo procurada em palavras
 despidas de si próprias frias nuas
 E a raiva transbordando em passos e olhares
 Ventres vazios. O sexo recoberto
 de desperdícios drogas cuidados preconceitos
 amor imitado
 crianças cantam na tarde azul cantam inúteis
 pelo amanhã em que serão os homens de hoje
 concretos de podre envenenados miseráveis
 buscando a salvação em sonoras palavras

Esta anemia de frustração e homens

SONETO

Posto meu braço em ti não digo nada
 Sobra no teu olhar o dia que há-de vir
 (uns homens vêm mentir
 a sua história bem intencionada

Outros se queixam d'ISTO e com razão
 porém a deles não — uma outra exata
 Outros já nem se queixam só as datas
 de outras falsas promessas que virão

os preocupam

Alguns se ocupam e outros não se ocupam
 da vida ou simples pormenores ou)

E eu vou fingindo nada ser comigo.
 (Finjo ou não finjo meus amigos?) Pou-
 so meu braço em ti nada digo.

MÁRIO DE ANDRADE DESAPARECEU

Ninguém o esquece — todos o procuram
 Perguntam-nO às esquinas aos soluços
 Perguntam-nO à garoa e às rosas claras
 Vão a S. Paulo Vão a Lopes Chaves

Perguntam-nO às manhãs Folheiam livros
 Rondam retratos falam e reúnem-se
 Os oradores engulham seu nome
 O sorriso parou em muitas faces

Os amigos estranham seu silêncio
 proclamam que desceu para os infernos
 A cidade procura-O entre o frio

Ele partiu — Não chores Josefina
 este vazio de carícia e ausência
 O Mário foi-se embora pra Pasárgada

SONETO

O tempo cansou a vida
 a vida se abandonou
 o abandono não bastou
 e uma florzita se lamenta

Secou a fonte que existia
 a madrugada emurcheceu
 o pão faltou
 e o pensamento

Depois ruíram as casas
 as famílias a tradição
 Sobrou um rato para Drummond cantar

O poema de Drummond salvou um homem
 O homem amou e reconstruiu a vida
 Qual a raiz da vida: o rato ou Drummond?

SONETO

Amo-te e basta Pequeninos
 vamos os dois de mãos dadas e
 com a metade da vida que sabemos
 construímos a terceira real e certa.

Depois minha mão busca em tua cintura
 resposta para a angústia metafísica
 que resiste apesar-de E surpreende
 uma criança duvidar de ceticismo

Vem de teus olhos tal ternura ou malícia
 que vou por uma estrada cambaleando
 e como é doce não saber da vida

Ou então permaneço quão diverso
 daquele que minha mãe teve coragem
 de parir para ti um certo dia

SONETO

Um homem desceu ao mundo
 na Piedade
 com duas fábricas ao lado
 e a cidade depois da curva

No dia em que ele nasceu
 um automóvel descuidado
 matou Antônio
 (Ficar até ao fim é privilégio)

O homem passou da curva
e das fábricas ao lado
para dar o seu recado

Mas o Diário de Notícias precisava necrológio.
Daí que ele morresse simultâneo
ao surgir de outro para a continuação

SONETO

Inicialmente a metafísica seria
concreta como flor e necessária
Depois o gosto de estragar dos homens
fez dela o horror de certas cédulas gastas

e ninguém mais a usou exceto raros
dos quais por tradição se desconfia
Sumamente ridículos se encontram
sujos e desprezados nas esquinas

Amam amargamente o mundo Amam
como quem sabe que todo o mundo esquece
o que eles não esquecem com razão

Duvidam de si próprios ou constróem
um outro mundo real e abstrato
tão possível como eles pelo menos

AUTO-RETRATO

Lucília trata bem de minhas roupas
Rufino cuida bem de meus sapatos
As gravatas mais caras são resíduos
de aniversários: para não usar

Dos óculos se vingam as paisagens
 e as formas femininas insistentes:
 sempre a maçã fecunda e cor-de-rosa
 gritando quanto valem as pupilas

O resto é tudo fruto do descuido
 A competência o curso com diplomas
 os cabelos confirmando a propaganda

têm tal alergia a mim fenômeno
 que deles sei tão-só pelo desprezo
 Que grande ser gratuito à flor da vida

MATERNIDADE I

Seus braços são teus braços Suas pernas
 copiarão o teu andar O olhar
 terá essa volúpia que a paisagem
 deixa leve em teus olhos Suas mãos

farão a mesma curva no afago
 Um homem multiplica a tua boca
 a malícia a intenção a persistência
 o jeito das respostas atrevidas

o sestro a hesitação e gestos bruscos
 Um homem falará com teus defeitos
 igual e diferente por inteiro

Ventre curvo de força e de matéria
 de ti — mistura de saudade e horror —
 ELE virá: a carne e inteligência

MATERNIDADE 2

A moça estéril chora a noite inteira
no muro de luar e de silêncio
Solução vai no vento e volta frio
e não há mãos maternas que o adormeçam

Seu corpo nu repousa como praia
sem marés sal rumor: somente areia
Haste sem flor. Serena despedida
sem lágrimas sem dor. Manhã inútil

Nos espelhos suas formas se diluem
No chão seus passos leves não se imprimem
O tempo esquece os gestos e as palavras

E ela vai nua pelas salas nuas
Seus braços vão vazios pela noite
Mãe embala nos braços tua angústia.

SONETO

Vou do teu corpo para o mistério
Singro na noite de gelatina
Pensar em ti é o trampolim
salto perpétuo sobre o abismo

Alguém incisivo traçou as curvas
que nos envolvem e circumprendem
e há em teu sexo certo argumento
que rói o ceticismo e o esfarpa

A melodia cambaleia em movimentos
que a Igreja condena e teus braços
abertos crucificam sem piedade

Da ansiedade teus seios se libertam
e rasgam o sétimo véu da vida
Da lembrança de estarmos um homem se erguerá

O MORTO E A ROSA

A morte vai tranqüila em muitos rostos
O morto vai tranqüilo e entre rosas
No céu a ave qualquer traçou o adeus
Do chão sobe a canção que embala a angústia

E o morto vai secreto entre o silêncio
Seu corpo desce enfim à terra fértil
— pasto de vermes — desconhece a dúvida
Vai com ele a saudade feita rosas

que o embalam e fecham de silêncio
Uma rosa porém sub-reptícia
tombou: fugindo a ser socorro aos bichos

Uma rosa escapou aos pés monótonos
Uma rosa escapou aos dedos úmidos e
guarda em perfume o espírito do morto

ROSA DA ESPERANÇA

Rio de Janeiro, Orfeu, 1950.

Em *Poesia reunida*. São Luís: Secretaria da Cultura do Estado do Maranhão; Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

PEDRA

Quando é feita
de nós lentos
e pesados, de
nossas contradições

Quanta sonoridade
partição da
sua vida os poetas
já existiram

Pobre poesia
sema, aliteração,
ritmo, aliteração

Vestidos de
sua vida
sua poesia

TE POETA

Do poeta
Do poeta
O poeta
vivo
Claro
frente
nada
sua
Frente
sua
poeta
sua
poeta

CANCIONEIRO

FLOR DE PEDRA

O mundo é flor de pedra! (O tempo escorre
sobre nós lentamente um rio grosso
de pesadelo, doenças, pensamentos
desencontrados, destinos invertidos.

Canta sonoro o timbre das moedas,
tentação da cidade e sua lepra,
porém os pequeninos homens teimam
em existir e a vida se conserva.

Pobre pequena vida permitida:
sono, alimento, trabalho, sexo, sono,
fome, abandono, desespero, raiva.)

Ventos que nascem na raiz da vida,
tangendo a fria flor de encantamento,
tecem poderes de desencantá-la.

ARTE POÉTICA

Do pensamento e dos sentidos
flui o rio dos poemas.
O punhal da inteligência
vibra tenso no alvo.
O fio de sangue que brota
é emoção colorida e pura,
rubra chama em que se queima
o coração apunhalado.
Fria
lâmina de punhal cravado,
a razão ordena
o que a emoção incendeia.
No papel impresso, o poema
pensa emoções e sente idéias.

A Fernando Ferreira de Loanda

I

A palavra mar,
em lenta pronúncia,
úmida, fria, amarga.
Depois pensar no corpo
de marinheiros, em histórias
de infância, cartões
ilustrados, recordação de praias,
vistas e pensadas.
Gosto de sal nos lábios:
eis construída
a paisagem. Coloquemos
nela um barco. O vento
(este vento real
que agita os cabelos)
continuará o exercício
impelindo o sonho
e a viagem.

II

Distante do mar,
sem cais nem velas,
o bar tem âncoras
e, leve, ondeia.
Está no porto
que pensamos
flutuando em
o centro da noite.
Sobe a canção,

SEC melodia úmida,
música de peixes
deslizando entre
algas. Estranho
rumor de vagas
nos adormece.

Só uma ponta
de consciência
nos diz que somos
num bar, distante
de cais e velas.

Dois marinheiros
que não conversam,
fumam e bebem
naquela mesa.
Deles construimos
toda a paisagem,
o porto, o barco
e nele estarmos.

O SONO

O pensamento frio
se recorre do sono
e as mãos se equilibram
ao longo do corpo.

As pernas esquecem
fatais movimentos.

A boca se fecha:
túmulo de palavras.

Os olhos repousam
em dimensões outras
e os ouvidos vibram

de internos vocábulos.
Na cabeça leve
contra o travesseiro
músicas de idéias
se acendem e apagam.
Dos rins às artérias
se processa a química
constância de vida.

HISTÓRIA

A moça limita-se ao ofício.
O moço sequer sabe da moça.
Porém a vida acredita
em ambos.

De comum, aparentemente
existe apenas a cidade.
(A cidade não vem ao caso:
pequena? grande? aqui? na China?).

E como a vida tem raízes
e particular interesse,
vai suceder alguma coisa
na história dos mencionados.

Alguma coisa, talvez mínima:
queda de embrulho, aperto de transporte.
Depois os fatos inevitáveis
à consumação requerida.

A moça já ilimitada.
O moço sabendo agora da moça.
(No meio a vida com suas tramas.)
Amanhã casam.

SEGUNDA CANÇÃO DA PRAIA

Na praia passeiam
corpos multiformes,
claros, sem estigma,
onde o sol demora.
A nudez intriga
areia e água.
Talvez um pássaro,
inútil e sonoro,
flutua no ar já
marítimo e
os sexos levemente
cobertos desafiam.
Mãos úmidas cruzam-se
no intervalo fluido
onde corpos conversam
livres e completos.
Beijos submarinos
deslizam no sal
para outras bocas.
Uma secreta
força de vida,
festejada de
cores ruidosas,
ondula fértil
enquanto a bola
salta e disfarça.

SONETO CORPORAL

Nesta manhã, que o sol torna madura,
o vento forte passa contra a vida.
Leve, o rumor das águas tudo banha
e a música das cores vem subindo.

De pé no campo, como se crescera
dele também, um corpo de homem está
com sua carne morena e a cabeça
coroadada de cabelo e pensamentos.

Junto de si a companheira guarda
a cadeia da vida. Suas curvas
são convite à carícia e profecia.

E o sol, que amadurece esta paisagem,
vai desatando a vida que o aguarda
ao mesmo tempo que desata o dia.

SONETO LÍRICO

Da vida desconheço o quanto basta.
De ti não sei se existes, muito embora,
os sentidos proclamem o contato
de um ser sem barba, árvore de delírios.

Com certa ingenuidade reconstruo
a vida que se excede de malícia.
Depois, apaixonado, deposito
o fruto de pensar em tuas mãos.

Ó mãos felizes que transportam, mínima,
tanta soma de vida! Ó vida tanta
em tão pequenas mãos bem protegida!

Ó fruto de pensar em que balança a
seiva de ingenuidade e de malícia,
com tudo o que lhe empresto de paixão.

FIM DE CONCERTO

Cessa o canto na boca, que ainda guarda
leves sombras de som nas commissuras.

O piano se despiu de mãos sábias
e fecha-se em mudez de branco e preto.

A estátua do maestro fica presa
no último compasso ainda presente,
e os ouvidos da orquestra e circunstantes
em torno de Beethoven se contorcem.

Suspensos no intervalo que ao aplauso
conduz a comoção do que escutamos:
semideuses baixando a criaturas,

no salão que reside em sonho ou quase,
escoltados de ritmo e de espanto,
flutuamos entre o trânsito e a música.

A MESA

A mesa tem somente o que precisa
para estar, circundada de cadeiras,
fazendo parte da vida familiar
entre alimentos, flores e conversa.

Escura mesa gravemente muda
que, parecendo alheia a quanto a cerca,
encerra no silêncio toda a ciência
da idade desdobrando gerações.

Olho de cerne, comovido e frio!
Indiferente coração parado
entre o grito infantil e o olhar cansado.

Mistério de madeira rodeado
por cadeiras, lembranças, utensílios,
e um leve odor de tempo alimentício.

SONETO ABSTRATO

Se o concreto alicerce da ternura,
plantado na coluna de teus seios,
fosse líquido entre teus braços, remos
na inconsútil baía de teus beijos.

Se o rubor se infiltrasse de sorriso
e o brando Não abrisse a porta ao Templo,
franjada enfim a vida de outro tempo
e a saudade de tua virgindade

feita alga ao tanger da novidade,
ricos até daquilo que não temos,
veríamos tombar, d'Aquela altura

até ao fundo frio, a fria túnica
da falsa impuberdade:
brancos à flor da água como nuvens!

A PORTA ESTREITA

Entre estar vivo e a morte
um interstício apenas, porém se
do próprio sono limitado ao permanente
é tão profundo o limiar de incógnita!

Como saber no emaranhado
de voz, silêncio, gesto e rigidez,
o tempo inicial da irreversível
ausência e o derradeiro arfar do peito?

Como saber onde começa o adeus,
onde parou o olhar, onde os ouvidos
desceram véus imateriais ou quando

os sentidos, ornados de indiferença,
caminham já na outra margem frios
a este rumor de vida que não cessa?

NOVO SONETO LÍRICO

Tua presença junto a mim é, como
a passagem do vento pelas árvores,
a pacífica paz do rio lento
e a alegria de pássaros cantando.

Tua presença em mim é o tempo justo.
O tempo das palavras encontradas,
de gestos novamente descobertos,
da recuperação de macho e fêmea.

Tua presença em mim promove salmos.
Enche de azul a paz da noite próxima.
Desata a obscura ciência do corpo.

Quando porém te afundas na distância
sinto que, náufrago, fendo as frias águas
e úmida cai a música dos sinos.

RETRATO DO PINTOR CADMO

Situado entre o vago, o verde e a vida,
nenhuma luz fictícia o estonteia.
O seu país ergue-se sem fronteiras
onde a raiz de ser tão só domina.

Quase-Quixote, sem alarde, rima
o ofício, a isenção e o devaneio.
Grande toureador das rudes tintas
a quem o touro se entregou de joelhos.

Onde estiver está silêncio e força,
cor, geometria, ritmo, desenho,
e olhar de míope sobre o que aparece.

No campo do inconcreto corre a corça e
semeia no caminho o que reveste:
sexo, nervos e ruminar de engenho.

BALADA DO MARINHEIRO

A Gasparino Damata

Marinheiro sendo apenas navego.
Recolho paisagens e semeio filhos.
Sou para o mar o que é a margem
para o rio.

Não mancham lágrimas a face salgada
mas de gosto, cor, som marítimos.
Sonhos de meus olhos só navio e águas.
Meus filhos sem pai serão bem meus filhos.

Marinheiro sendo apenas navego e
descubro sereias, não imaginárias
mas corpos de ter bem junto do sexo,
brancas sim mas de carne melhor que sonhada.

Em Deus creio — se creio — porém de um modo
diverso de como o costumam pensar:

alguma coisa de forte e concreto,
distante e certo, feito de noite e mar.

sem os olhos

O medo me ignora. Navego, navego.
Mesmo posto em terra permaneço úmido.
Com álcool, mulheres e navalhadas
em nevoeiro me situo e flutuo.

Um acerto

Descobri paragens talvez por descuido,
talvez por instinto ou conhecimento,
e ainda hoje em cada ilha descobro
estas saudades liquefeitas que apascento.

CANTO NOTURNO

Marinheiro sendo navego até quando
meu sólido corpo descansar gelado
e então delizarei imponderável, químico, transposto
em alga verde e para sempre salgado.

Flutuarei ainda, sombra de corpo úmido,
nas mãos de estranha e inconcreta vida,
passeando entre peixes, náus, virgens, companheiros,
no médio espaço de areia branca e nuvem refletida.

CONSIDERAÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Não eu, porém olhando-me a mim próprio
na clara contraface do espelho,
hoje que o calendário me situa
entre os 22 anos contra mim
e meus 22 anos contra o mundo.
Não eu, dizia, olho meus próprios olhos
com a ciência do que neles sei.
Vejo meu próprio corpo a mim externo,
belo corpo de usar-se, edifício
de recém-concluída consistência.

Estudo a rebeldia dos cabelos
e a carnação azul da barba séria:
aviso de falida juventude.
Um sentimento de ode e elegia,
uma doce saudade, pura lágrima
pequena comoção, triste sorriso
para os dias passados, não perdidos —
— duramente jamais recuperáveis.
Um sentimento de ode e elegia
pela presença de meu corpo vivo,
não grego, todavia concluído
com fundas marcas de 22 anos.
Vontade de cantar sem continência
desentranhando toda esta alegria
que agita o corpo como agudos sinos
e pássaros rasgando o mar da tarde.
Quente desejo da mulher amada
nascendo da raiz do homem pronto,
sabedoria da carne, melodia
dos desatados rios corporais.
E a grande comoção multiplicada
de ser, entre inumeráveis companheiros,
um homem pequenino, desdenhável,
resto de divisão e não obstante
útil pedra na catedral dos homens.
Me sinto subitamente povoado
por longos sentimentos de raízes,
soma de proporções, familiares,
distância incalculável da matriz.
Me sinto vegetal e sinto a terra
a consubstanciar-se com meus ossos.
Claras águas me banham todo o corpo
alegre como campo em julho e agosto.

E nem eu sei que enigmas se concentram
 junto da face que o espelho fixa,
 nem os olhos decifram o futuro
 porque as linhas da mão aqui se truncam.
 Apenas, como túneis, são obscuro
 caminho no fundo do qual as velas
 pandas do pensamento a vida rompem.
 Um sentimento de ode e elegia
 cobre os 22 anos que completo:
 rude sabor de vinho e de coragem,
 oceano de rosas e papoulas.

CANTO NUPCIAL

Mais algum tempo será necessário
 antes que eu obtenha a solidez de pedra,
 de fruto caído da árvore — coração concluído.
 Mais algum tempo, um pouco mais de experiência
 antes que o peito seja rocha forte
 e o corpo adquira solidez de floresta.
 Ainda não me conheço o homem completo.
 Dias me roçarão com sua carga
 de amarga sabedoria e de silêncio,
 o vinho das noites fortificará minha carne,
 meu braço se solidificará, minha boca terá mais ternura.
 Amigos chegarão com sua sombra magnífica,
 amigos dirão adeus até breve ou jamais.
 Terei de ver ainda outras paisagens,
 pousar meus olhos em cores, na fria rigidez mineral,
 olhar os animais parindo, as plantas rasgando o campo.
 Preciso de
 deambular
 por cais e ruas.
 Conhecer cidades.
 Ver os navios

se afastando
e uma saudade
que não é de amigos
nem de parentes
subindo aos olhos.
Sentir a injustiça
e o anel da miséria
se fechando em torno
de crianças rotas.
Ainda me faltam
viagens marítimas
e contato de água.
Corpo flutuando
vizinho de peixes.
Um gosto de sal
e úmida alegria.
Deverei ainda
dormir à sombra
de grandes árvores
em noites de espanto,
próximas do medo,
do frio silêncio,
da paz intangível
e despertar com
o mundo vegetal
e as aves roçando
meus ombros materiais,
sentindo-me pedra,
ondular de trigo,
carne de madeira.
Precisarei de
ouvir gritos longínquos
na planície inumerável.
Gritos de desespero,

de alegria, de pasmo,
de agonia, de parto,
de gozo sexual.
Escutarei palavras
de ódio e esperança,
de adeus e sapiência,
de consolo, de amor.

Mais algum tempo será necessário.

Somente quando
me sentir maduro:
um gosto de mundo
no olhar e palavra,
um gosto de terra,
de sal, de madeira,
de homem concluído,
de vegetal e pássaro,
de força marítima
no tato, no olhar,
na carne, nos lábios, —
eu te entregarei
não apenas este
canto nupcial
mas o corpo de homem
bom para teu corpo
de mulher. Só quando
a boca destilar um
mel de sentimentos
definitivos
te possuirei
como grande vento
contorcendo árvores,
despertando pássaros,
movendo raízes.

ITINERÁRIO DO CORPO

A Afonso Félix de Sousa

I

somente, mas tu a
bem no centro do mundo
O pequeno lugar, predestinado:
cama — lençóis, colchão e travesseiro:
Objetos banais pousados sobre
a armação de madeira para dois.

estás de frente ao
Pequeno apartamento de cidade!
Pequenos corpos e cansados despem-se,
despem roupas, sapatos, conveniências
à pequenina luz que afaga as coisas.

Estão nus, lado a lado, sobre o leito
e se entrelaçam para desafogo
de raivas, lutas, ilusões, sentidos.

Talvez não saibam por que assim se prendem,
mas, no sagrado ventre maternal
já cantam sinos pelo novo filho!

II

Entre o campo de neve a vida fende-se
barbaramente, para dar passagem
à colheita que vem sem estações:
bicho da terra que se chama homem.

Nove meses guardado e construído
com silêncio, carne, sangue e esperança,
ei-lo que rasga o ovo e se apresenta
disforme, placentário, precioso.

Ela está como o campo após a ceifa.
De seus peitos já mana o claro líquido
onde a vida se coa como em filtro.

Olha o pequeno corpo que se deita
a seu lado, entre o sonho e a realidade,
e, brandamente, diz apenas: — Filho!

III

Infância triste, tempo de castigos
e doces ilusões mas sem brinquedo
que teus olhos encontram nas vitrines
e tua débil mão jamais alcança.

Porém o corpo vai rompendo elástico
pesar do tempo amargo em que floriste.
Teus olhos já se pousam sobre a vida
embora ignorando-lhe a inocência.

Assim, surgindo vens dos alimentos,
cuidados e remédios e o alicerce
de sapiência que são letra e número.

Assim te formas resumido corpo
que será de homem e continuará
brincando em nova trágica maneira.

IV

Resides entre o sonho e coisas ásperas,
a confusão do tráfico e a rosa,
a escola, o emprego, o livro clandestino,
a refeição modesta, o sono limitado.

Teu corpo é apenas máquina de sexo
e coração: toda a razão de ser
está na amada, amada inconsistente:
olhos, cabelos, seios, agressivos

somente, mas tu a colocas lá
bem no centro do mundo e lhe declamas
baladas, vossos corpos se aproximam.

Entre comícios, agressões, revoltas,
pressa, atenção, estudo, devaneio,
estás defronte ao mundo e interrogas.

O tempo de
a aprovação
e o autôm
problema

Os filhos
com fun
de lucr
pio a

Vin
e o ta
de
pre

FLOR DE PEDRA

A
a
e
c

N
e
e
e

MCMXLVIII

O tempo das meninas bonitinhas
se aproveita de tranças e gardêneas
e o automóvel resolve, involuntário,
problemas que vão dar ao suicídio.

Os filhos de família vão gastando,
com furor, este, quase exausto, tempo
de lucro, caridade, cerimônia e
pão concentrado para certas bocas.

Vai-se acabando o tempo da homenagem
e o turvo rio sujo do negócio
desliza menos fértil e já com
presença de mau hálito e detritos.

A família resiste entre doenças,
a indigestão e o estômago vazio
e o povo vai guardando o grito forte,
comprimido entre o medo e a esperança.

Ninguém pensa em viver. Dificuldades
engolem o país do sonho e a rosa.
Limitados de urgência e circunstância,
viajamos entre o ofício e a distração.

Pequenos problemas se complicam.
Dores comuns se fecham em cadeia
e paira sobre as casas, sobre as ruas,
um múltiplo rumor danificado.

O aperto de mão ganha importância.
Ninguém pensa em viver — pensa em ficar.
Em continuar estando, embora sendo
entre o muro, a impotência e a madrugada.

V

A resposta és tu mesmo: corpo de homem,
o sentimento e pensamento de homem,
passo seguro de homem, ombros de homem,
boca, face, palavra e gestos de homem.

O que sabes do mundo! Gestos mágicos
te multiplicam ao calor dos corpos.
Uma coragem funda, ao olhar sábio,
avanças com o tempo e o constróis.

A noite existe — não a de carícias,
de sono leve, corpos repousando —
noite pesando sobre cada coisa.

Avanças bloqueado pela Noite
(há muitos, muitos corpos avançando)
e teus passos vão dar na madrugada.

VI

És fogo que se apaga lentamente.
Folhas que vão tombando despem a árvore.
Árvore a quem a seiva foi faltando,
tua missão se acaba e envelheces.

Teus olhos já cansados de aprender
formas, gestos e grande cor do mundo.
Tua boca já cansada de alimentos,
de beijos, de palavras, de protesto.

Outros vêm substituir tua coragem
com novos braços para a mesma luta,
e passos fortes para o mesmo fim.

Tua hora vem chegando necessária.
 O corpo de dissipa. Tua passagem
 não terá vermes para devorá-la.

CONCLUSÃO PARA CONSOLO

Bicho da terra estás apenas morto.
 Já a terra de que és bicho te recobre
 e uma pequena flor acena, leve,
 um pequenino adeus sobre teu túmulo.

Tua mulher jamais esquecerá
 tua sólida figura. Nem teus filhos
 que em si a reproduzem e prosseguem
 tua presença em gestos e palavras.

O tempo que rompeu teu rude corpo
 como inverno passando sobre o campo,
 não cortou a semente indispensável.

Ele mesmo será propício a nova
 árvore forte que sustém o mundo
 e reverdece o chão da vida mágica.

PARÁBOLA

A princesa sai de casa
 absurdamente descalça
 O seu jardim limitado
 já nenhum prazer lhe dava.
 Em seu palácio a prendiam,
 de esplendor a sitiavam;
 de vestidos a cingiam,
 sua beleza esmagavam;
 seus pormenores continham,

seus olhos policiavam;
suas palavras mediam,
seu sorriso estimulavam;
seu corpo todo possuíam,
e o sexo predestinavam,
mas a princesa vadia
não quis ficar onde estava:
seus altos, floridos muros,
brandamente asfixiavam,
por isso foge de casa
absurdamente descalça.

DESASTRE

Sumo de vida,
mancha a rua
o sangue desprendido — talvez inútil.
(Depois do ofício, da carteira,
do pequeno amor, da conformação da conversa,
do café cotidiano, do cigarro oportuno;
precisamente na hora de voltar para casa,
doce carícia de alimentos, futuro sangue de idéias;
na hora de dizer adeus com a mínima saudade;
da leve comoção, pequenino crepúsculo,
um erro vulgar provocado por que insônias?,
a tentativa de escapar — inútil,
e a morte brutal entre o aço e o asfalto).
Notícia de jornal, um bolo frio
se espreme sob as patas da mecânica.
— Pós-homem adeus,
jamais sentirá a ternura do bolo alimentar.

O INTERVALO

A festa jaz cercada de fantasmas.
O sorriso, a curvatura, a gentileza,
o monóculo, a bengala, o pince-nez
adormeceram entre naftalina.

O vento varre outonos de bom-tom
e apaga o último charuto fino.
O amor tornou-se curto e não desliza
entre jardins, perfumes, galanteios.

Corrido o pano sobre o fim da peça,
o público dispersa dividido
em opiniões de tragédia e de comédia.

O intervalo se agita de murmúrios.
E alguns sentem gerar-se a madrugada
nas esquinas da noite e do silêncio.

AGORA

Entre a hora da morte e estarmos sendo
isto que somos (apenas homens ou
um pouco menos, um pouco mais conforme
assim nos determinam razões fundas)

vamos vivendo à sombra pressentida
do tempo ainda futuro e já presente
cujo ignoramos forma, cor e gênero,
se consistente ou efêmero, sabemos que

se formará de um grito rude e obscuro
que aguarda tão-somente aquela hora
para ser rio turvo de placenta

e matriz. Essa esperança nos vai dando
raiz para estar sendo, mastigando
o rude pão para a mais rude fome.

A BOCA

Boca idêntica de carne, com raízes
comuns de humanidade e utilíssima
para o beijo, a palavra, a compressão
de cólera, de insulto e violência.

Penitência de idéias incompletas
ou rio sobre o campo do perfeito
pensamento fluindo transparente
entre objetos: língua, lábios, dentes.

Boca perfeita mas atrofiada
pelo não-uso e o hábito de fome
e a falta de razões para cantar.

Sem gosto, sem trejeito, sem sorriso.
Simples necessidade de feição
em corpo frio e cérebro parado.

LAMENTAÇÃO DO QUASE EX-PRÍNCIPE

Menino sou do tempo que se acaba
e, conseqüentemente, sou aquele
para quem tudo que de novo venha
recorda o anterior que mais amava.

Sou filho do ruído das palavras
de que abusava para, sem sentido,
me ver de cores vivas revestido.
Não ter lugar real facilitava

o meu estar entre diversas forças,
 neutro. Menos a idéia que o proveito
 exerci. Filho do tempo e inculpável,
 sempre exaltei gratuitas circunstâncias.
 Não sei se me defendo, se me odeio,
 se iludo o meu saber-me e odiar-me

RETRATO DE SANCHO PANÇA

Demasiado físico, não temo
 razões de morte para breve. Físico
 em demasia, desconheço quanto
 transcenda esta raiz de contingente.

Adoro Deus se a fome não me aflige
 e minha pátria se resume em ventre.
 Amo esta vida exterior e apenas
 odeio a flor fanada inteligência.

De ontem conservo o horror ao que é incômodo
 e o sadismo de tudo que é sensível.
 De hoje aproveito um pássaro na mão.

E àqueles que ainda teimam em não ser
 apenas isto que sou dou-lhes desprezo.
 Sou apenas volume, gosto e peso.

BALADA DO COBRADOR DE BONDE

Cobrador de bonde sou.
 Não sei que oculto destino
 a isto ser me chamou.
 Sei que meu pai não queria,
 meu pobre pai sonhador.

Deus, se havia não ouvia
o bicho que arquitetou,
e a vida me compelia
a Luciano cobrador.
Não sou infeliz: viajo
como ninguém viajou.
Objeto de cobrança,
sem nome, pendente vou
em meu equilíbrio instável
a que o corpo se habituou.
Atentamente circulo
onde o engenheiro traçou
a estrada de paralelas.
Viajo como pastor
do rebanho de apressados.
Minha farda, já sem cor,
me nomeia comandante
do navio em terra posto.
Fome demais não suporto,
muitos a sofrem pior.
Mulher tenho para o sexo
e um tanto ou quanto de amor.
E embora a vida me seja
o que acima se contou,
sei que melhor vida existe
e quero vida melhor!

Cobrador de bonde sou.

BALADA DO VAGABUNDO

Eu, que sou homem à toa
no fim do mundo que somos,
sinto também na garganta
um grito que é de nós todos,

e aguarda rosa da esperança
que florirá de algum modo.
Quando vou correndo ruas
entre as espadas da fome
(meu corpo contrariado
doendo em todos os olhos),
triste caminho sem rumo,
quarto fechado das horas,
despetalada manhã,
truncado destino roto,
com a amargura nos lábios
e o sal de lágrimas frias
mãos apertadas nos bolsos
presas de raiva contida;
fios de sangue no olhar
cor do ódio sem medida:
não recebo uma palavra
que tenha gosto de vida.
Pedras me jogam as bocas
contra esta carne ferida;
desprezo me dão em salvas
de ironia guarnecidas
e me jogam seu orgulho,
fatal veneno de víboras.
Porém a noite fechada
desce em mim como um soluço,
minhas tristezas acendem
no céu estrelas sem número
e uma profunda inocência
inventa em mim outros dias
com rebanhos de alegria
pastando uma sinfonia.

FAREWELL DA PROSTITUTA

Teu belo corpo acabou-se
entre rugas e desprezo.
A dor te apunhala o sangue
e o copo jaz em teus dedos.
Onde a mão que se roçasse
de leve por teus cabelos?
Nehuma esperança cresce
no despovoado peito.
Teus amantes erguem taças
sobre teu corpo desfeito.

Vejo teus olhos acesos
sem nenhuma chama impura.
Por filhos que não tiveste
sangram lágrimas noturnas
e um grande coro de lástima
rodeia tua figura.

Te vejo posta na salva
de bela mesa, entre rosas,
como um escarro de nojo
contra a beleza composta.
Te vejo, fruto estragado,
como flor fanada e rota.
Longa elegia da tarde
escurecendo teus olhos.

Conseqüência de nós todos,
áspera face de pranto,
recebe claras palavras
e a pureza deste canto
que te dou como se dera
um filho para teus braços

e, neve de estrela fria
sobre a noite em que viajas,
a doce e branca alegria
da palavra madrugada.

CANÇÃO

Lento, o vento
ondeia a seara
sem
saber
o que embalando embalara.
Lento
verga
a espiga madura.
Negro,
o destino
da espiga ondula.
Negro
ondula
na espiga loira.
E uma canção
sobe feliz
sem relação
com a história.
O que
a canção diz
a seara nega
no ondular
da loira espiga
negra
como
a sorte
de quem semeia.

Cuja
mão rude
será ausente
à colheita.
Terra comum,
força comum,
trabalho
comum
apenas a um destinado.
Necessidade
comum, a todos
permitida —
— fecundidade
por um apenas
dividida.
Eis por que lento
o vento ondeia a seara,
desconhecendo
o que embalando
embalara;
e o negro ondular
da loira espiga
nega
a canção feliz
que alguma feliz
que alguma voz
ao vento entrega.

A CÉDULA

A pequena cédula
que nos condiciona
custou tantas horas
de suor humano.
Vai de mão em mão

quase já informe:
excessivo uso
de necessidade.
Apertada entre
a palma e os dedos,
pequena bandeira
de pouca esperança,
foi trocada por
certos alimentos
ou urgentes drogas.
Momentaneamente
o calor humano
da morte adiada,
do vazio estômago
um tanto saciado,
da ilusão frágil
de quem possui,
da lembrança doce
ao coração da amada
nela se concentra.
Cédula comprada
pelo rude esforço
de membros e idéia,
quanto tempo dura
sua humana vida?
Breve se recolhe
ao túmulo frio
do pesado cofre:
viagem suspensa
entre invioláveis
rígidos segredos,
donde sai já suja
de sombrias tramas,
A pequena cédula,

cotação de vida,
quem terá o gesto
para destruir
seu destino torpe
e, em definitivo,
convertê-la em lixo?

EVOCAÇÃO DA PALAVRA CAMPO

Penso em
campo e em
menino
parado
com olhos
enormes,
abertos
guardando
a distância;
em ervas
rompendo
a crosta
da terra
com fúria,
teimosas,
fecundas
e verdes;
em homens
curvados,
suados,
potentes,
violando
o chão
poderoso;
no ventre
da terra
molhado

de seiva;
na luta
em silêncio
do pão
se construindo;
na fértil
colheita
que o vento
possui
e embala;
no grande
vazio
do tempo
parado,
de terra
despida,
rudeza
de fome
rasgando
os estômagos
e entrando
nos olhos
enormes,
abertos,
guardando
a distância;
nos olhos —
— que vermes
procuram,
formigas
devoram —
— do morto menino.

CABALÍSTICA

Desce a descida das águas
no leito lento do mundo.
O marulho da viagem
invade o céu taciturno.
O lodo tece mortaldas
no sermos o rio sujo
e a peste secreta tange
rebanhos da morte inúmeros.

Eis porém a encruzilhada
onde o sangue desprendido
soletra a palavra mágica
cujo profundo sentido
filha o cavalo das águas,
que súbito, espavorido,
fincando as patas nervosas
na lástima que tem sido,
salta as barreiras lodosas
rinchando aos céus contundidos
e em verdes pastos compensa
o horror dos dias perdidos.

ODE AO TEMPO

Rudes mãos já somente gestos de hábito.
Tardos pés de cansaço sem melhora.
Ventres tímidos e frios sem placenta,
bocas sem pão, ouvidos sem consolo.

Rudeza de palavras proferidas,
desprezo de olhos salgados pela raiva.
A mudez resumindo dura cólera
e o cântico ululante do silêncio!

Do silêncio gerado pelo medo,
pela força galgando incontrolada,

pisando as rosas do protesto tímido
e o sangue misterioso das feridas.

Que tempos de viver-se! Quando a fome
é crime, crime o canto e a liberdade,
falso lema de gritos e histerismos,
vai perdendo a beleza que criara
entre as patas e o cântico das balas
assassinas de peitos sem defesa,
como lírios entregues ao delírio
das razões sem razões da torça estúpida.

Que tempos de viver-se! Aos sonhadores
despetalaram campos de promessa,
talararam os seus trigos ondulantes,
futuro pão de bocas libertadas.

Que se fará do canto dos poetas
se a poeira da estrada os enrouquece
e já sequer tolera vozes roucas
quem desmente a poeira das estradas?

Que se fará dos campos e dos homens
se já sequer se pode proclamar
que os campos construídos para os homens
e pelos homens são seus e para todos?

Que se fará dos ventres silenciados?
Que se fará deste teu povo, América,
desde remotos tempos imolado
a promessas de paz entre espingardas?

Sem pão, sem voz, como mulher traída,
explorada, espancada e desprezada,
que se beija enquanto reproduz
e depois serve apenas para insultos.

Que tempos de viver-se! Apenas fica,
sempre ficou, a débil esperança:
forte olhar de mineiros soterrados,
ternura de mulheres e de vida.

E agora já vai sendo, não apenas
incógnita esperança, mas certeza.
Um rumor vai crescendo dentre o povo
cujos serão enfim a terra e o tempo.

Que tempos de viver-se!, exclamaremos
e o pão já não será simples promessa
quando a manhã romper ruborizada
sobre as torres dos campos de petróleo.

O NAVIO

Circula no bojo do tempo, incógnito e manso.
Seu deslizar nas águas provoca a espuma da noite.
Descerra, súbito, as comportas da surpresa.
Um dia atingirá simultaneamente todos os portos,
parindo nossas bem geradas esperanças
no tempo que ninguém sabe.
Agora somente há notícias de estar em viagem.
Seu nome em sussurro é como carícia molhada de estrelas.
Os campos esperam, os teares aguardam, os homens
[espreitam a sua chegada.
No tempo de excessos, por entre o silêncio, floriu uma rosa.
A rosa preserva a esperança e se chama navio.
navio que, entre céu úmido e mar constelado,
circula no bojo do tempo incógnito e manso.

Tomeiros alguns
palavras
(quaisquer que s
pé, amor, chuva
Aparelhemos
as semeadoras
Chamemos m
com sua inteli

ORDEM DO DIA

Há que rem

Breve escu

encendo

mo

as

SAFRA

da Escor

Na mat

planta

desvir

erran

Um ve

(Ch

esta b

Cor

na

com

P

D

as

São Luís, ed. do Autor, 1961.

Em *Poesia reunida*. São Luís: Secretaria da Cultura
do Estado do Maranhão; Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

Tomemos algumas
palavras
(quaisquer que sirvam servem:
pé, amor, chuva).
Aparelhemos
as semeadoras do coração.
Chamemos o tratorista
com sua inteligência mecânica de rimas e ritmos.

ORDEM DO DIA:

Há que remover a neve desta folha de papel!

Breve escutaremos o motor dos sentimentos
enchendo a manhã com sua algazarra. Eis a máquina se
movimentando! Da esquerda para a direita vão surgindo
os sulcos onde caem as sementes

da Emoção.

Na vasta
planície
desvirgada
germina já o pólem da lírica.

Um vento de humana condição
(Oh arte, coisa social!) faz voar até tuas mãos
esta lavoura mental.

Como bom descendente de um povo de camponeses
medes o rigor da sementeira,
sonhas as chuvas na raiz, o futuro pão...
Pão sonoro!

De repente,
as aves da poesia, que se alimentavam no campo semeado,

rompem vôo para o céu de tua inteligência
e desfeçam seu canto maravilhoso
contra tua surpresa.

Teu coração é a corda ferida do violino!

Eis a geração do poema:
sua mecânica, seu plantio,
sua colheita.

Estás diante de uma safra eterna!

em todos os cantos

de ruína,

entre as ruínas

de um a rica e

hoje feita de

comidas

de bichos e

sem o corte

— fonte de

assim unia

depois sem

e ainda sem

sem ramo

de a mulher

pelos can

NOTURNA ALEGRIA

Olhai os

sentinelas

Olhai os

fez um

Olhai os

e frios

região

longo

Olhai

há co

ecre

pare

teim

gu

Ol

ne

Ol

Por todos os caminhos do mundo a erva cresce
daninha,
entre as ruínas do homem destruído.
Assim a rica e velha casa em ruínas
é hoje feita de paredes
carcomidas
onde bichos espreitam;
assim o corpo de formosa mulher —
— fonte de paixões, causa de suspiros;
assim uma árvore primeiro sem frutos,
depois sem flores
e ainda sem folhas,
sem ramos
é a mulher fatal em destroços:
pelos caminhos do mundo a erva cresce!

Olhai os olhos. Já não são olhos — são
sentinelas de medo, duro medo.
Olhai os olhos, onde a assombração
fez um ninho de espinhos e rochedos!
Olhai os olhos como são vazios
e frios e sem dor, desamparada
região onde a vida tece em fios
longos e longos túnicas de nada.
Olhai os olhos, sim, olhai-os bem:
há coisas tão sutis que não se vêem
e crescem como cresce quem espera:
parecem mortos mas lá fundo a vida
teima em viver — que a árvore perdida
guarda a esperança de nova primavera!

Olhai as bocas — há sinais de beijos
mas tão antigos que mal aparecem.
Olhai os lábios como eu olho e vejo-os

sem palavras de amor que já dissessem.
Olhai as bocas — há sinais de fome,
sinais de amor amargurado e mais
sinais de uma palavra que jamais
ouvireis, que a alegria não tem nome.
Mas vede bem isso que olhais olhai!
Vede esses lábios a pedir: amai-
-nos! Amai-nos que morremos sem amor!
As palavras amargas tudo matam,
mas de teus lábios ramos, folhas saltam
na palavra Esperança, a viva flor.

Teu ouvido esqueceu a melodia
que brandamente em suaves ventos ia
e os encantos de amores recolhia
que em teu ouvido doce mel o dia
inteiro seriam. Que ninguém mais canta.
Essa canção perdida jaz e espanta
o silêncio gelado na garganta.
Ninguém colhe a balada que o encanta.
Mas a balada existe: doces termos
tão suavemente ditos e tão ternos
que, embora não se escute, a gente sente
bailar em torno do silêncio amargo
num ritmo doce, manso, quente e largo
só escutado em sonho que não mente.

Onde o cheiro da terra amanhecida
e o cheiro dos cabelos da amada?
o que era bom morreu, é a hora danada:
só a morte recende apodrecida.
Onde aquela suave madrugada
cujo perfume, tão irmão da vida
era melodiosa flor colhida

nos jardins onde a vida fosse fada?
É a hora do nada. Só a morte
recende apodrecida, porque a sorte
este mundo nos deu que é fim-de-um-mundo.
Na praia do cansaço, neste feio
pântano florirá a rosa do anseio
e o amor renascerá vivo e fecundo.

Agora não há gestos ou os gestos
que se vêem são torpes e funestos:
esgar de engano ou duvidoso jeito
de flor fanada no jardim desfeito.
Agora tua mão aperta a mão
calosa e rude ao inimigo irmão.
Agora tua mão empunha a faca
em que do irmão o sangue se desata.

Agora tua mão é para o furto,
para a colheita do suor alheio —
— teu gesto é um punhado de receio:
gesto do coração medroso e curto.
Mas o dia virá em que ele seja
a rosa sem espinhos que se beija!

A erva cresce
entre as ruínas do homem destroçado:
mulher outrora bela,
árvore furtada em seus ramos, folhas, flores, frutos.
Pelos caminhos do mundo a erva cresce
porque é tempo de crescer
daninha
nas ruínas
de um mundo.

Porém entre a erva, a árvore da Esperança
menina se apresenta!

Nós a vemos, ela cresce sobre as ervas,
sobre as ruínas — isso nos sustenta!

O caule sustenta a flor,
o fino fio sustenta a aranha,
o ar macio sustenta o pulmão:
a árvore sustenta a Esperança.

Deixai-me cantar essa

Flor

que vive em nós e sobretudo
na cabeça envolta em pensamentos copiosos como cabelos
e no coração onde palpita com o sangue vermelho de que se faz.

A vida é moeda

com suas duas faces:

nesta, o tempo presente se me afigura a cruz:

Aqui jazemos!

Porém na outra face, ainda mal cunhada,
o vulto da manhã desponta,
suavemente cresce, com pés de lã caminha
e nós o conhecemos!

Porque

No coração que desamado vive
a vida amada sua hora espregueita
na esperança do amor com que se livre
desta acanhada vida a que é sujeita.

Na esperança sentida ela renasce
do crime de viver a vida estreita.
E o coração, de já, todo se enfeita

com rosas da roseira que ele faz-se.
O coração é o sino que dobrando
pela morte do velho mundo estava
mas súbito desperta: com sonoro
pulsar domina a negra voz de choro
e, triste da tristeza que cantava,
já novas alegrias vai cantando.

E a razão como o pomo está madura
de tanto madurarem seus desejos
porque a pensada sua vida pura
passa fora de todos os ensejos.
Não tão longe porém e a tal altura
que o maduro desejo a não alcance:
A razão é uma hera e o último lance
em que se prende é já vida futura.
a razão se contém mas não desarma:
se da presente vida faz seu luto
faz do sonho e desejo sua arma.
O pão é pouco mas em cada grão
de trigo dorme o cântico que escuto
de alegria e fartura que virão!

Assim tisna o mineiro a dura face
na poeira assassina do carvão,
vendendo a vida pelo pobre pão,
mas cava o negro pão que a vida pasce.
Tal como vai, por sob a obscura terra
lavrando seus canteiros denegridos
e apenas vê, na escuridão que o encerra,
os prodigiosos veios prometidos,
assim, cavando negra desventura,

plantando o triste trigo da amargura
esquece o que semeia e, alegre, canta,
assim o homem, mineiro da desgraça
cantando esquece a má hora que passa
pela maior certeza que o encanta.

Pois da obscura, dura, cruel vida
já a rosa do futuro é bem nascida!

DO DA LUA

na

do homem

na

do homem

na

oculta:

exotam erve

e germinar

campos ven

Sob a Inel

na gem

no rido,

na lu

do notari

na

na gema

na morte

— e deves

na pãnto

na rca

na sãnta

na, na toa

na sãnta

na rca

na sãnta

na sãnta

na sãnta

na sãnta

na sãnta

na sãnta

na sãnta

CONDIÇÃO TERRENA

INVOCÇÃO DA LUA

Sob a lua
a terra do homem.
Sob a lua
amor do homem.
Sob a lua
a vida oculta:
 brotam ervas
 e germinam
 campos ventres.
Sob a lua!

Alta imagem
do amor tido,
sobe a lua
em céus noturnos.
Só a lua
pura imagem
de sóis mortos.
Só — a névoa —
sombra pálida
de estrela.

Lua antiga,
irmã, carícia
dos amantes
e poetas.

Sob a lua
a melodia
do coração
humano.
Sob a lua
a vida,

grave
como
o Amor,
a Angústia,
a Morte
e seu silêncio!

CANTO DOS GALOS

Sob a lua
o sono
véspera da morte.

Só a tensa
garganta
dos galos
tem a aguda
ciência
das horas.
Seu canto anuncia:
primeiro
— a média noite
quando cessa
a maré
do amor corporal —

depois
— a hora morta
em que a noite
se apossa
do mundo! —

e ainda
— (quando a primeira luz
é um luar matutino)

com os esporões do canto
os galos
tangem os sinos da Aurora.

Canto dos galos
som mineral e vertebrado
da Terra!
és tu quem saúda
o denso meio-dia
em que homens e animais pastam
todo o sangue das coisas.

Oh canto
que anuncias ainda
ao melancólico crepúsculo
a vizinhança da noite,

serás a trombeta
do juízo final
quando as fontes da terra secarem
e o mundo se fizer um deserto
de calcinadas coisas
e de morte!

O AR

Ó quase líquida prata
sem substância
reino
de imponderáveis metais,
país pulmonar
seiva
brotada
de orvalhadas manhãs:

espargida
em ponderável ser sem corpo.

Ar

— invisível presença
ausente
dimensão da vida terrena,
espalhada
das montanhas altíssimas
à fria flor dos vales e dos rios.

Ar

— mar de nossas humanas
guelras,
doce mistura de odor químico das coisas
coroa da terra,
condição da vida terrena.

§ OS MINERAIS

A condição dos minerais
é a brilhante morte,
o puro sono
dos abismos.

Sementes da matéria
a que faltou a seiva,
guardam na carne rígida
a flora apeteçada,
a mornidão do sangue
e o signo das asas.

Ó pedras, diamantes,
brilhantes, ametistas,
ouro, prata, bronze:

cores, timbres,
 símbolos
 da velhice do mundo
 como de sua infância.

Ó metais — luas pétreas
 sem veias ou corolas,
 ossos
 da carne térrea —

vida opaca,
 ser-coisa,
 riquíssimo
 do mundo!
 Reino mineral:
 vastidão numerosa
 da terra,
 com sanguíneos laivos de argila,

com esvaídos timbres de cal,
 areia, micas, rochas:
 harmoniosa composição
 da singular arquitetura
 do planeta!

§ OS VEGETAIS

Do vegetal,
 porque é imóvel,
 os braços são raízes.
 Do vegetal
 porque o sangue
 das seivas o circula,
 erguem-se caules.

Do vegetal
porque tem vida
asas chamam-se folhas.

Eu te saúdo mão semeadora
ou puro vento
ou bico de ave audaz.

Eu te saúdo terra
ventre fértil,
entranha de húmus,
plasma adusto,
placenta prodigiosa.

Águas, estrumes
eu vos saúdo.

Eu te saúdo
raio de sol
pois dás verde
ao vegetal.

Alimentas a ânsia de vastidão dos campos
para a doce entrega das espigas ao vento,
organizas o sonho das pedras
para que sejam musgo
e ao chamado das nuvens
respondes com as copas
altíssimas, serenas.

Vegetal — meio dia entre a noite
dos minerais
e o dia dos homens —

país — onde o pensar são cores
e as palavras são rosas,
margaridas,
tulipas.

Vegetal,
em tuas veias,
verde o sangue das selvas
pulsa

e da tensa
carne aquosa
de tuas substâncias
o homem nutre sua fome
de duração e vitória
sobre o tempo!

Vegetal dos outonos:
véspera do húmus,
símbolo da imortal vida
renascendo
das folhas fenecidas
sobre os túmulos.

§ OS ANIMAIS

Brotando das idades sem memória
ou da fábula,
eis que surgem,
quentes de sangue e cio,
os reis da terra.

Contemplemos
a majestosa simplicidade de seus gestos:

eis que ao vegetal ganharam patas as raízes,
 os minerais da cal são ossos
 e a verde seiva
 é aqui rubra e morna
 ao sabor
 do coração mágico!

§ CONSIDERAÇÃO DO TEMPO

Os olhos machucados
 mas lúcidos e atentos,
 os ouvidos sem rima,
 o corpo de maduros trinta anos
 e ainda a cruz
 (asa do caminho do poeta)
 — vermelho o coração sangrento
 de dores

e sofridas alegrias,
 debruçados
 sobre a gaia janela do domingo.

Ó domingo, domingo,
 dia do ser humano
 redescoberto,
 devolvido!

Ó janela,
 alta e propícia,
 sobranceira
 como um promontório
 sobre a pisada condição das ruas
 e do tempo
 como eu testemunha

do grávido acontecimento;
fermento da realidade,
composição da história.

Poder ficar a vida inteira
a contemplar-te: VIDA,
quando a aurora entreabre
seus olhos
e uma difusa luz,
rósea e serena,
se expande pelo mundo,
e o último retardatário
do embriagado sábado
com a mais temporã devoção
se cruzam sobre a neutra calçada,
como a própria condição
dividida
do Mundo.

(A necessária dose
de pecado e virtude,
imprescindíveis,
imortais)

Imortal como um poema
a música da manhã cresce
na cor das rosas
e em seu visível perfume:
vem do subúrbio,
doira a cidade
e toca meus olhos
com dedos macios como água,
até que uma suave mornidão
banhe todo meu corpo.

Ó vermelhos telhados,
viva faina de andorinhas,
céu azul, nuvens claras,
pernas róseas, mãos róseas,
olhos azuis, verdes, negros, castanhos,
desenhadas formas corporais
mal disfarçadas
sob o feminino enredo
dos vestidos.

O frango,
rodeado de azeitonas,
tem um perfume silvestre.
O alvo arroz
e a pimenta indigesta
mas pura como a África,
desafiam o paladar
e as frutas tropicais,
em sua bandeja,
são um regresso ao paraíso.

Levanta-se na tarde poderosa
uma voz feminina,
suavemente sensual,
quente, acre densa
como a vida.

Na voz,
na canção
uma história de amor,
como se a garganta
fora um espelho exato
a refletir

a imagem do tempo
quando na hora post-meridiana
os corpos lassos
se devotam ao amor carnal incendiado
pela visão praiana
da desvendada beleza física.

A esta hora também
o lúdico apetite se incendeia
e, rumo dos estádios,
a gaia mocidade
parte
em busca da emoção
violenta.

E ainda
na cúmplice escuridão
dos propícios cinemas
a vida repete a arte
e enquanto na tela
um seio francês se oferece
aos olhos lúcidos,
na platéia

a mão maliciosa
colhe em sua morna palma
a latejante forma
de um seio adolescente.

Ó janela, janela
tão alta e tão humana,
aberta sobre a tarde
e o domingo,
aberta sobre o mundo!
À medida que o tempo,
grave como um navio,

marcha para seu porto,
a luz se faz mais vaga,
a vida mais serena,
a paz mais preciosa.

Sob o sol, a cidade
luminosa e tranqüila.
Na baía,
o rumor de águas densas
e no céu, muito nítido,
aves, azul e nuvens.

No calendário,
as pétalas do eterno
malmequer da semana
uma a uma tombaram:
lenta a segunda-feira
nos deixou ancorados
entre o ócio e o ofício;
mas logo despenhamos
nos dias decisivos:
a amarga terça-feira
da decisão; a plena
quarta-feira;
quinta-feira vivida;
a sexta-feira agônica
na memória do cristo
e o sábado humano
da pureza e do vício;
para chegar até
ao maduro domingo
de amor e de paisagem.

Assim também das horas
o calendário antigo
marchou desde a manhã
lavada e colorida
até ao denso e alto
e grave meio-dia
e ainda, como um barco
que pelas águas singra,
assim foi pela larga
tarde o tempo-navio
até chegar a esta
hora lenta e tranqüila,
suave, ó tão suave
como a paz que ilumina
e a luz de que se nimba.

Ó crepúsculo, lento e antigo deus de fábula
com o manto sonhado e o cetro de cinza.

É então que o doce rebanho das tristezas
pasce as horas
e no coração o acre vinho da saudade
derrama sua amarga pureza.
Raras aves no esparso céu deslizam
como se imóveis fossem
e a véspera da noite
se plasma de luz tênue
e de silêncio.

É o crepúsculo, suave melodia
temporal. Difusa melancolia
das coisas. Rio lento e próximo
da anunciada noite;
quando a perdida paz reveste as cores

e tudo adquire uma bovina lentidão,
tudo ressuma a tranqüilas margens
de um imóvel lago, onde garças,
garças de saudade,
garças de abandono
nos sonham, nos afagam, nos devolvem
à pureza da infância
embora os sinos líricos dissolvam
no ar feito de cinza,
a piedosa amargura
do perdido amor,
da vida irrecuperável e preciosa,
quando no ombro da amada
os olhos se cerram
para contemplar
tua interna imagem
como tua harmonia,
crepúsculo, crepúsculo!

Ó como a noite é próxima
para encher-se de luzes,
para encher nossas almas,
povoar nosso mundo
de silêncio, de sonho,
de amor, de coisas graves
como os corpos unidos,
de coisas puras como
o beijo e o suspiro.

Sei que o amor tem várias formas,
algumas delas sendo ódio.
Sob esta paz
que a lua alimenta
— porque é enfim a noite —

há corpos repetindo
o movimento forte
das ondas sobre a praia,
há bocas machucadas
sob pesados beijos,
há mãos vibrando as cordas
dos violões da carne
e lágrimas,
lamentos,
tragédias,
solidão!

Tudo porém compõe
a música de ser:
tudo informa
a vária melodia
da VIDA
e basta
(se mais não houvesse)
a redimir o mundo,
o imaterial sorriso
que a esta hora ilumina
o rosto da infância
adormecida.

§§

O que permanece
é este sempiterno musgo dos beirais.
O que morre
é o sorriso, a beleza do olhar,
a rosa
e tudo não morre
se, à janela de um domingo
de maio, o colhemos

como colhe a semente
a propícia terra
em seu húmus.

Assim seja!

meu teu di
graça de
me em te
m sorriso

antes não
consolad
teu carnis
apologe

Antes d
que tu
te curis

Mis
vencos
de nob

Cher
neste
de pr
a for

Exa
chro
de r
nada

do
nau
teu

LIVRO DE SONETOS

I

Antes teu doce leite não me dera
a graça de viver que é minha pena:
fosse em teu coração tão-só quimera
não sofreria a dor que me condena.

Antes não fosses tu aquela que era
consoladora que as mágoas serena
e teu carinho de mim não fizera
aquele que de sonho se envenena.

Antes o teu amor não fosse tudo
que tive e tenha na memória, em mudo
fascínio que me salva na desdita.

Mãe, só tua mão serena hoje me afaga
vencendo a morte e cura minha chaga
de onde sangra uma lágrima infinita.

II

Este doce infortúnio aonde aporta
meu coração, a música sem festa,
é o gume finíssimo que cresta
a fonte da ferida em que a alma é morta.

É uma triste lua sem romance,
cheia de lobos a rondar a sorte.
E o mar de outono, cada vez mais forte,
não há maré vazante que o amanse.

É o tempo e suas grutas de amargura,
mar de desolação e desventura
sem rocha que resista à sua raiva.

E, neste promontório da tristeza,
se desfolha dos dias a beleza
sem que torne a ser meu o que eu amava.

III

Ó lívida e noturna ansiedade
que faz meu coração desprotegido
pulsar por tudo quanto foi perdido
antes mesmo de ser minha verdade!

Sob o perfil armado da cidade,
a chuva deixa seu luar de olvido:
e o veneno da angústia que me invade
faz do meu ser crepúsculo transido.

E eu vou, a amarga taça nos meus dedos,
a envenenar-me a alma de segredos,
com a grave amargura do que é forte

para quebrar a taça em sua palma
e assim poder beber veneno de alma
morrendo de viver a própria morte.

IV

Ó lua do passado, recomeça
a tua ladainha de lembranças
e suba, dessas ondas, a cabeça
boiando presa à âncora das tranças.

E os olhos, do passado tragam essa
doçura que só resta nas crianças
e à doce boca afluam coisas mansas
de que um suave coração se aqueça.

VIII
Assim a vi, assim o seu retrato
flutua nos meus olhos, longo rio
de branda saudade. Assim regressa

uma suble
aquela por que ainda me arrebatou.
E peço à noite, à solidão, ao frio:
— Ó lua do passado, recomeça!

V

Na repentina luz da madrugada
que de teus olhos raia na pupila,
a maré do desejo só aniquila
em praias de sossego derramada.

A chama, que se erguia como espada
e que teus lábios densos consumia,
agora é imponderável cinza fria
nos ventos matutinos dispersada.

IX

Entre a noite de amor e o abandono
que faz de ti como um jardim de outono,
raia a manhã nos montes de teu sono.

Eu sou em ti um pássaro partido
cuja voz, como um búzio, em teu ouvido
amanhece o encanto já perdido.

VI

Amor não prendas mais um só momento
os teus olhos nos meus, que a vida é breve
e a rosa se desfolha à flor do vento
e à flor do vento a pétala vai, leve,

despedaçar-se em pedras de tormento.
Não deixes que esta chama em mim se eleve
que já o coração tanto se atreve
e nada pode mais meu pensamento.

Sei que peço me negues a mais doce
das doces horas desta breve vida
que tudo consumiu e apenas trouxe

memória de não ser, sonho enganoso.
Porque não quero ler a prometida
impossível verdade que não ousou.

VII

Quando te conheci não conhecia
já a pura alegria sem a mágoa
nem a festa de ser me pertencia:
tudo era úmido e vão, tudo era vago a

doirar-me a noite que se fez meu dia.
Tudo era um dia longo, denso, amargo a
cristalizar minha melancolia:
eu era o rio a que fanaram águas.

De repente eis que tive acontecida
ante meus olhos desacostumados
a seiva de teu ser e tua vida.

Para dobrar cuidados com cuidados
mas devolver-me a alma do ser, perdida
pelos caminhos desaconselhados.

VIII

Era como se fosse mas não sendo.
 Um súbito desvão de ser fizera
 uma subida que fosse ir descendo:
 outono travestido em primavera.

Amor ou desamor? Se alguém soubera...
 Mas quem acreditasse ia descendo
 e do próprio descer o era não era
 entrefechava os olhos de estar vendo.

Se a palavra foi dita, o vento ergueu-a
 nos seus caminhos tão precipitado
 que foi como se fosse adivinhada.

E eu amo esta incerteza que ela deu a
 meu coração maduro deserdado:
 que amor sempre será coisa sonhada.

IX

Este soneto é um réquiem para aquela
 que é sepultada em mim tão sem remédio
 como estou sepultado no meu tédio
 e nesta dor de ser que me enregela.

Este soneto é um réquiem para a estrela
 que me chamou ao infinito assédio
 e, após plantar em mim uma alta sede, o
 pavimento onde a vida fora bela,

se recusou a quanto oferecia
 e se fechou em conchas de distância
 e fez da ausência a única verdade.

Que a minha noite então lhe seja dia
e quanto seja em mim punhal alcance-a
e lhe faça doer esta saudade.

X

Sei que por mais que tentes e me digas
sempre serás a ausente de meus dias:
eco apenas serão as melodias
que há em poder chamar-te minha amiga.

Já não me iludo mais, que uma fadiga
enorme é em mim memória de alegrias
e aqui o homem estou, de mãos vazias,
em busca de mim próprio — coisa antiga.

Mas deixa que te quedes um momento
presente, como és, nítida e serena,
posta no espelho do meu pensamento.

E seja sempre minha esta ilusória
riqueza da silenciosa pena:
tua imagem gravada na memória.

XI

Há uma palavra feita de macias
pétalas roçadas de amanhecer,
há uma palavra por desabrochar
armazenando seivas de silêncio.

Há uma palavra no seu corpo virgem,
ainda isenta de ácidos contactos:
suas raízes chamam-se perfume
e a cor de que se veste é uma água intacta.

XV Pudesse em meus ouvidos ressoar
 seu ser de som que tenho adivinhado
 — jejuaria infindas madrugadas.

Cem anos procurei as suas sílabas
 e, um dia, este meu corpo calcinado
 morrerá de chorar sua saudade.

XII

Sei que dias virão como vieram
 cansar de irremediável minhas horas.
 Sei que serei o que me as horas deram
 tão longe do caminho onde me foras

razão das amarguras que me esperam
 e amarguras não foram se tu foras:
 sei que nem saberei por onde choras
 teu riso de cristais que se fenderam.

XVI Se coragem houver para que pense,
 pensarei tua imagem, por vingança,
 que é só o que me resta por perder.

E assim serás a angústia que me vence
 e presa quedarás na imagem mansa
 que adiará a morte de meu ser.

XIII

E ficarás em mim, murmúrio leve
 de confissão jamais pronunciada,
 manhã de ser uma outra vez adiada,
 primavera inconclusa de tão breve.

Memória da verdade inconfessada
e do mais doce bem que se não teve,
sabor de quem não sabe o quanto deve
por ter sua verdade revelada.

Mas ficarás em mim pela ternura,
o olhar, o gesto, a indefinição e pura
doçura tua e minha grave dor.

Distância e tempo perdem quanto existe:
triste é viver de amar um amor triste
mas não vive, quem ama, sem amor.

XIV

Antes que chegue a noite que já toca
com suas mãos minha presença triste,
possa eu sentir guardada em tua boca
a palavra que em meu silêncio existe.

Antes que a noite, com a lança em riste
da amargura, sangue minha oca
cisterna da ternura e a sombra louca
da morte transitória aumente a triste

solidão de quem ama de memória,
possa, ao menos, guardar no coração
o sorriso entreaberto e a divisória

linha de indefinida imprecisão
que me deixa sonhar realidade
quanto me é morte por não ser verdade.

XV

O crepúsculo desce, a onda amansa.
Sinos do entardecer despertam aves
para seu vôo em que, lúcida nave,
a tarde para a noite lenta avança,

como suspensa nesse vôo suave.
Cabelos brancos, lírios na lembrança,
roxas rosas nas mãos, amor que sabe
me levam a baías de bonança.

Finge o barqueiro que não tenha rota,
prende seus sábios olhos na gaivota
e aparelha a aventura, mas espera

para partir quando a tormenta é finda.
Se tudo que morri é morto, ainda
tenho olhos de olhar a primavera.

XVI

Tenho na minha boca alguns segredos.
No coração a mágica verdade.
Pétalas desfolhadas nos meus dedos:
os meus sentidos são pura verdade.

Saudade do que nunca será meu
como nunca serão os teus segredos.
A vida que era minha me esqueceu
e eu me perdi por alheios enredos.

Sou, como a ave sou que não é ave.
Sou, como o dia sou que não é dia.
Sou a precoce noite anoitecida.

E assim vou, triste, como quem é grave
de adivinhar a dor que lhe cabia:
longe de mim se perde a minha vida.

XVII

D. quixote de puro alheamento,
arremeto castelo que inventei:
semeador de sonhos colho vento,
trigo que nutre aquilo que serei.

E o que serei será o que não fora
se, ao menos, quem eu sou fosse presente
mas de mim me perdi — sou meu ausente —
dia de noite a noite, sem aurora.

Anoitecido vá então quem teve
por seu caminho o só acontecer
de ser aquele que lhe não convém.

Possa, ao menos, de amor, um sonho breve
doirar quem sou de quem não chego a ser
e o canto que me vive ainda: Amém.

XVIII

Que um dia quando pó forem meus nervos
e minha carne o adubo de uma rosa
e uma ave voar no meu silêncio
e tudo quanto fui seja memória,

quando água se façam meus pensamentos
e os desejos em nuvens se transformem
quando já nada reste de meus erros
e meu ser seja orvalho numa rosa,

possa ao menos alguém lembrar ao ler
o mais triste dos poemas, a sofrida
saudade de um bem que foi por ter

e, lembrando, ouça a música incontida
da palavra comigo sepultada:
doce, nítida, pura, azul e alada.

A MÁQUINA DO MUNDO

"Epur si muove"

G. Galilei

Ao princípio eram grandes equilíbrios
nas arcadas do espaço conjugados.

No seio inicial de forja rubra
já as sirenes de fogo se enrouquecem
e cessam os demônios desabridos
e a paritura guerra da matéria!
Já o luar se mira nos espelhos
glaciais desolados e vazios
e um deus estranho chupa nos seus beijos
seios da terra mãe que são montanhas!
Já desfalecem líquidas as fúrias
em rios e oceanos refrescadas
e o húmus brota densos arvoredos.
Rasga o silêncio o grito inaugural.
O touro chifra o desolado espaço.
Agita as águas o primeiro peixe.

Junto das corredias fundas águas,
serenas e sonoras, esquecido,
Adão ou Júpiter faz de contemplá-las
o novelo do sonho — um novo rio.
Súbito, corta o frio vulto a imagem
desconhecida. Olhando-a com espanto
ele se julga retratado em vagas
líquidas formas sem contorno exato.
Mas o rumor das folhas anuncia
que não era ele próprio quem se via
olhando o seu olhar-se e assim tateia.
Volta-se e avista a forma desejada
de Eva ou Vênus e a preia quando na água
as duas formas são uma terceira.

E, da sombra nas águas projetada,
da entrega das árvores no vento,
da cólera do touro, da inúmera
povoação marítima se tecem
túrgidos ventres de sementes vivas.
Os meses decorrendo e a leiva surda
germinando na ânsia de romper
cadeia, o silêncio, a expectativa.
E, súbito, já cantam novos galos.
Já novos touros chifram novos campos.
Já pastam aves novos grãos de trigo.
Já rejubilam águas com a vasta
nova safra de peixes, já o homem
contempla sua colheita — o amado filho!

Viaja a roda do tempo na cadeia
ininterrupta, de milhões de dentes.
Ondeia o verde trigo e o pão ondeia
e ondeia o segredo das sementes.
A pouco e pouco na ampulheta descem
finos, inesgotáveis grãos de areia.
Quando a mão colhe o trigo que semeia
já um novo trigal novas mãos tecem.
E a onda vem e volta e vai voltando,
viva maré da vida flutuando —
asa do pássaro entre a morte e o ovo.
Ter sido já vai sendo o que será.
A cada morte um ventre se inchará
e o sangue que morreu nasce de novo.

Aqui são bosques e montanhas breves
e outras maiores cúpulas de neve.
Ali o rio deslizando em som
e movimento de águas petecíveis.
Além o oceano, mar autêntico
onde os rios de sangue mineral
se fundem em azul, iodo e sal.
Margens morenas de macia areia
e a debruçada sombra projetada
dos ramos que o rumor do vento ondeia.
Esta cor da manhã reconquistada
aos túmulos da noite derrotada
e, na dada maçã, uma inscrição:
colhe e divide com o teu irmão.

Abel lavrava a terra e semeava.
Caim seguia iguais mansos caminhos.
O mesmo ventre os guardara silencioso.
Em sua boca era igual o pão e o vinho.
A madre, que lhes dera o mesmo leite,
os embalara com igual carinho.
No mesmo comum campo seus trabalhos
pastoreavam rebanhos repartidos.
Mas um dia Caim olhando a terra
viu chão mais fértil, de melhor colheita
naquele que sua casa rodeava.
Disse ao irmão: dividam-se estas jeiras.
E o dividido campo se fez guerra
quando um irmão no outro cavalgava.

Eis o noturno vulto da viúva
e o choro irreprimível dos meninos.
Eis o talado campo — eis o talado
coração da anterior comunidade.
Que podem tenras mãos, maternas lágrimas
contra imundos poderes usurpados,
senão curvar-se à canga do poder
irrefreado dos usurpadores?
Eis o irmão corruto, avaro e torvo,
ruflando suas negras asas — corvo
de nunca mais amor nem alegria.
No campo profanado a noite enorme
e a fauce do homem devorando o homem:
lobo mordendo lágrimas e vidas!

E nunca mais agosto foi agosto
e a tarde desceu pura como um rio
desde que foi no médio campo posto
o marco que alma e terra dividiu.
Lutava Abel nas terras ressequidas
pelo trigo da vida rude e avaro.
Caim sorria ao ver suas espigas
que o chão mais fértil levantou mais alto.
Um dia, certa ovelha desgarrada
dos rebanhos de Abel, pisou os campos
de Caim e roeu poucas espigas:
eis que o irmão, jamais apaziguado,
rompe de Abel os mais sagrados campos
e lhe furta o maior trigo da vida.

Oh mundo imundo! Oh joio desta vida
comprada, vil, vendida, subtraída!
Vem do profundo esse rufar noturno
e do som do tambor saltam escuros
tumultos de diabos e de larvas
roendo tudo, devorando tudo.
Na chama do confuso som as lágrimas
escorrem frias das fontes do mundo.
A mãe devora o filho, o pai devora
a mãe, o irmão devora o sangue
de suas próprias veias escorrido:
a sombra de Caim turva se expande
nas landes de terror que desmoronam.
E a sombra ri seu riso corrompido.

Já a desatada cólera viceja
onde coubera à vida vicejar.
Já o suor de muitos alicerça
o edifício do trigo para o dar
aos domadores de quimera e riso,
de jogo e valsa e som e galanteio
comprado a troco de suor alheio,
chicote e choro sem jardim e compara
o ondular de seara com seara,
o mel do sonho com o sal da luta.
Pára e compara e considera a oculta
sabedoria de um deus imaginado
mal dividindo o mundo a todos dado.

Eis o renhido embate das entranhas
para consumação do novo ser.
O ruminar do tempo de desdobra
na ânsia da semente corporal.
Abaulado, o ventre é como um templo
de silêncio e obscura imolação:
o cordeiro da vida sonha mudo
entre as paredes da iniciação.
Aqui, mar e montanha, sangue e gesto
se fundem e fundidos amanhecem
sob a crosta da terra onde germina
o pequenino bicho sem medida:
ave sem penas, deuses que falecem,
homem, anho sem páscoa, mas com vida!

É a hora do grito e do alarme,
da higiene e face desmaiada.
Eis que, parido, surge o filho vivo
— tocai, sinos da alma, sem repouso!
Companheiros, irmãos, aqui o temos
este sinal, este rumor de sangue,
este pássaro tonto na manhã
chegado das entranhas sempiternas!
Um verdadeiro deus imaculado
com gestos que remontam às raízes
e sem o desespero das palavras.
Olhai a boca humana, já mordendo
a fonte onde o carinho da matéria
se verte em húmus do materno leite!

És e não és. Sendo e não sendo surges
para ser ou não ser o que serás.

Nesta hora teus olhos ficam sujos
de beleza e de horror e de paisagem.

Bicho da conta que saiu da conta
trocando a noite onde o silêncio jaz
pela rua de pedras que desponta
neste país de recusada paz.

Mas se vieste vence o que tu viste,
ó indomável touro! Em tuas veias
o mar ruge na praia sem areias
mas com rochedos onde se desfaz
a proa do receio. Aqui resistes
a aranha que a si própria tece a teia!

SO Ateia o fogo e sopra a brasa viva,
levanta o coração e solta a amarra!
O cântico do sol no horizonte
é um galo vermelho e gutural.
Cessou a noite, teu sono, tua espera:
Já a roda do tempo badalando
anuncia a brunida primavera
nos campos de teu corpo despertando.
Ei-la, pantera de rugidos duros
— fêmea de cabeleira desatada
e despida mas pura e preservada.
O pranto das sereias foi enxuto.
Os mortos já não pedem novo luto.
A trombeta da vida quebra os muros.

Ser seja estar no meio dos iguais
lutando a mesma luta que lhes cabe:
esta ânsia, este pão, estes fatais
caminhos entre lama, fruto e ave.
Sem asas e sem patas, animal
ruminando sentidos pensamentos
enleado na trama universal
onde a comunidade tange os ventos
do futuro pisado em trilhas duras
do presente: delírio dominado
e fenecidas flores do passado.
Ante o rumor inúmero dos passos
o reino das sonhadas criaturas
rompe o horizonte duvidoso e baço!

E o realejo rói nossa lembrança
onde a recordação nada num rio.
No rio voga a sombra que se lança
das árvores da margem adormecidas.
Entre a sombra e o rio, ao sopro brando
do realejo retornando e terno
o navio que somos vai a nado
esquecido da vida em que navega.
Mas de repente o rio avolumou-se,
o domador das ondas se distrai
e a distância da margem nos assusta.
E quando do realejo o som se esvai,
acordamos nadando neste grosso
mar de distantes margens, e ocultas.

Por ela quebro a rota do silêncio
e canto este meu canto duro e amargo:
rapsódio rude de sombrio tempo,
sonora lástima do corpo sob o látego.
Pela manhã que vem nas águas puras
do rio cujas lágrimas são ondas
e por ti, natureza, pelo som das
sinfonias da semente em fúria,
Contempla, companheiro, esta macia
e viva cor da vida nestes dias
quando se rompe o ventre dos trabalhos
na maré viva de pomo, vinho e pão
e o vento, pelas árvores, violão
longo e lento, se perde em seus atalhos.

SONHO RARO

Os dias acontecem sobre a carne
do tempo objetivo e singular.
Ao poeta, além da vida que lhe cabe,
cabe também o ofício de cantar.
E é tão maduro o tempo e incisivas
são de tal modo as circunstâncias de
que se vê rodeado o poeta que
cantando, canta apenas coisas vivas.
Para que sonha se o luar adulto
já é um sonho positivo e claro:
objeto sem forma, apenas vulto
macio e real. Que sonho raro
será mais puro e belo e mais profundo
do que esta viva máquina do mundo?

Vê a maçã do tempo, ácida:
prazer de contemplar para quem olhe.
Sabe que não será plácida
a mão que humanamente frutos colhe
e a boca a que morder esse veneno
harmonioso, repartido em dias.
Jamais conseguirás voltar sereno
ó lutador que o mundo desafia!
Ao mais isento, apenas o direito
cabe de se julgar isento, posto
que uma trama comum o tenha preso.
E condição do homem ser sujeito
ao mesmo poderoso sol de agosto
que faz madura esta maçã do tempo.

Verde raiz que em troncos se derrama
e aos ventos se balança e folhas tece
e, em poderosos frutos, chama
a boca a que, madura, se oferece.
Verde raiz, vida obscura,
silenciosa, surda e mágica
que vai infiltrando sua forma pura
e em rio de alegria se desata.
Árvore que se afunda e se levanta
em si e de si mesma se alimenta.
Verde raiz que em frutos se balança:
inesgotável força de placenta
que existe em tudo e fértil se derrama
na própria consistência do poema!

Alegria de clara primavera —
melodioso ritmo de outono:
sono da força que se retempera
para, mais pura, desmentir o sono.
Silêncio poderoso que arquiteta,
no ilusório e fértil fingimento,
toda a sabedoria de completa
máquina mastigando seus intentos.
E, súbito, o poder adormecido
(rapaz em cujo claro corpo canta
a seiva que deseja dividir-se
e no corpo da amada se derrama)
sobre si próprio se alça e vai fundir-se
com o sexo do mundo possuído.

Mulher que tem cabelos na floresta,
braços e pernas no tronco e na raiz,
o ventre fecundado em força e festa
e é toda um claríssimo país
onde se amam, sem dúvida e sem medo,
a adolescente vida e o chão da terra,
no calendário cósmico dos meses
— fontes de que se faz a primavera:
oceano de trigo, pão e vinho!
Frutos que a máquina do mundo trama
e constrói para ter oferecidos
à fome de seus filhos que apascenta:
Mãe que todos os filhos alimenta —
filhos contra si próprios divididos!

Porém será manhã quando o noturno
e feio vento mau ferir tão forte
a face deste povo taciturno
feito para matar a própria morte
que, súbito desperto e não conforme
e tomando nos braços o destino
anterior o calque aos pés e dome:
por suas mãos transforme o rude signo
de desesperação e vida obscura;
igualmente reparta a comum vida
que o pão comum há de tornar mais pura.
E, então, a terra, mãe oferecida
a seus filhos, árvore de alegria,
se cobrirá de frutos e ternura.

Todos mastigarão aquele pão
que todos semearém e colherem
e será doce essa palavra irmão
que os tempos anteriores não souberam!
Pelos campos do mundo, o coração,
menino a quem de novo concederam
a alegria de sua condição,
irá cantando o canto que esqueceram
aqueles que sozinhos caminhavam
e, perdidos no mundo, estiolavam
a alegria — futura rosa rubra:
do silêncio de outono enfim desperta,
a congregada força humana obscura
vai tecer a futura primavera!

na praia dos lençóis
o eco da madre
uma de mar e
altura inesperada
como de mulher
seguida de des...

na clara manhã
o súbito embalo
o sol e de vela
a sintonia das
seguida por as
de galvezas de

na praia dos lençóis
o eco da madre
uma de mar e
altura inesperada
como de mulher
seguida de des...

Na praia dos lençóis
o eco da madre
uma de mar e
altura inesperada
como de mulher
seguida de des...

Na praia dos lençóis
o eco da madre
uma de mar e
altura inesperada
como de mulher
seguida de des...

BALADA DA PRAIA DOS LENÇÓIS

Alva praia dos lençóis,
silêncio da madrugada,
espuma de mar e lenda
e atitude inesperada,
corpo de mulher despida:
despida de desejada!

Em clara manhã te vejo
de súbito embandeirada
de sol e de velas brancas
e sinfonia das águas,
roçada por asas tontas
de gaivotas desvairadas.

Praia de súbito medo,
misteriosa e sagrada!
Face de cigana antiga,
palma da mão desvendada,
som de ventos incontidos
rugindo à noite assustada!

Alva praia longa e densa
ferida de agoiro e medo,
lençol onde a noiva espera
o noivado do segredo,
em noites densas e longas
feitas de sal e mistério.

Em ti os rostos se fecham
e os olhos, pássaros tontos,
fogem das ondas noturnas
onde o segredo jaz torvo:

sinal das ondas raivando,
troar soturno de touro!

Ai do olhar incontido
que se demora surpreso
na estrela que entre pontas
guarda poderes de inferno
e cintila sobre as ondas
seu duro poder supremo!

Ó touro Sebastião
Refugiado no mar,
mágico da morte isento
dono da praia exemplar,
amargo senhor imerso
na forma a desencantar.

Touro sagrado na testa
por alva estrela sagrada?
Que madrugada suprema
te tocará a intocada
carne ferida sem toque
de morte de fria espada?

Ó rei desaparecido
na derrota imerecida,
claro senhor protegido
das frias fadas da vida,
que morte, sem ter morrido,
vos matou naquele dia?

Sei que, sendo ainda rei,
o és de reino diverso,
tão amplo como teu sonho

que não chegou a ser reino,
touro do mar sem limite
no encantamento sem termo!

Sem termo até quando claro
poder de carne sagrada
de virgem, pelo destino
a desencantar fadada,
beijar a estrela, entre cornos,
de encantamento marcada.

Mas, onde tal virgindade
em carne de virgem alva
que o destino acumulasse
de tais poderes na alma
que, beijando-o, despertasse
o príncipe rei da praia?

Pois se pretensa donzela
sem a pureza bastante
tentar romper o mistério
do touro senhor infante
será convertida em pedra
de contorno degradante.

Que olhar, ainda o de velho
marinheiro às águas feito
e dado, como se fora
delas o filho perfeito,
ousou demorar na estrela
seu duro olhar verdadeiro?

Qual, que não fosse ferido
por invisível espada
e, pelo gesto incontido,
tão rudemente pagara
que à beira do mar perdido
se achara e ninguém o achara.

Seu corpo que mal olhara
jamais olhado seria.
Incógnito se afundara
na obscura maresia
e para sempre se fora
com a maré que partia.

Ninguém sabe qual a hora
do touro desencantar.
Apenas se ouve que chora
nos vastos campos do mar
e chama a virgem senhora
que será para o amar.

Talvez nem Ela conheça
o mistério a que se prende:
mas por ser tão preciosa
bem o destino a defende
até quando escute o choro
que por Ela o touro geme.

Tempo será quando um dia
flutuando sobre as águas
sua carne nua e fria
de menina bem fadada
irá ser oferecida
com os poderes que guarda.

Tocada a carne do touro
no prodígio de seus dedos
tombarão, ao ser beijados,
os poderosos segredos
com sonoro som amargo
de vento, mar e mistério:

e o touro virá das águas
claro príncipe supremo!

na voz que
me em me
na do ch
o se o de

na, voz que
que em
nhos a be
o impo

na voz que
sacramen
dade do

na voz que
dade que
de amo

na armo
mpre de
na sem n
ção ge

ou não
ntório
na altar
a leva a

na em de
nao e
de seja

SONETOS

I

Há uma voz que me chama. E nessa chama
 tudo que em mim é noite se ilumina:
 e a névoa do chamado é a de quem ama
 mesmo se o desamor é sua sina.

Ó chama, voz que tua chama inflama
 tudo o que em mim é cinza e da ruína
 dos sonhos a bela esperada clama
 contra o impossível que seu ser domina.

Talvez a voz nem seja mais que a espuma
 dos desencantos — búzio a ressoar
 a saudade do mar sem mar possível.

Há uma voz que me chama: voz nenhuma?
 chama de quem se extingue sem amar;
 cinza de amor que fora inesquecível.

II

E pois amor além do sonho é raro
 e sempre desigual voz sem resposta,
 gesto sem outro gesto, decomposta
 ambição generosa em mundo avaro.

E pois não há chegada a esse claro
 território onde aquela fosse posta
 num altar de ternura, e toda a encosta
 nos leva a esse calvário só e amaro;

viva eu de cantar a pura imagem
 que me é farol no mar desencontrado
 e o desejo de vê-la a nau sustente

além do estrago rude da viagem:
 menos náufrago é quem o amor invente
 mesmo se morre de não ser amado.

III*

Veio teu vulto matutino e triste
 olhando com angústia o horizonte
 desta praia onde amor é quanto existe.
 Vejo teu vulto e o apelo a que desponte

da bruma uma presença que pediste
 com o ouvido na concha, por que conte
 o segredo que no silêncio insiste.
 Não feches teu sorriso ao horizonte:

enche de verde olhar teu ser, teu mar
 bebe o azul sem fim do infante dia.

As gaivotas da vida estão chegando:
 a terra de teus sonhos despontando,
 e, alta, a maré do amor já se anuncia.

IV

Imaginada minha vida antiga,
 antiga vida minha imaginada:
 chegaste quando eras desesperada
 esperança a que o coração se abriga.

Porto final dessa nação amiga
 onde a nau quanto mais desarvorada

* Por lapso de revisão na 1ª edição, na qual nos baseamos, falta um verso a este soneto, que não foi possível recuperar, o que não aconteceu com os de números XVIII e XIX.

mais sede tem de estar pacificada.
Suave pão de minha doce espiga.

Verão de meus outonos de amargura.
Macia madrugada de meus dias.
Rosa de ser no ser de rosa pura.

Sonho que é flor e flor desabrochada.
Melodioso som de melodias.
Seiva que faz a hora iluminada.

V

Teus olhos, transparente melodia,
são como os rios de uma vã paisagem
que subisse do chão acre e selvagem
para a terra das nuvens, alta e fria.

Teus olhos, permanência fugidia,
imagem da imaginada imagem
de teu mais puro ser, são a viagem
mais preciosa (e inatingida). Dia

de luminosa auréola solar
recém-nascida na manhã molhada
orvalho e seiva, pétala de estrela.

Teus olhos rimam com amor e mar
e a saudade da pátria desejada.
De teus olhos se faz a vida bela...

VI

Quanto em mim seja amor quero que aumente
como o vento do mar em maré cheia:

que, a cada dia, um novo amor invente
sempre acrescido de paixão a idéia.

Quanto em mim seja lírico acrescente
a pulsação do amor em cada veia
para que teus desejos apascente
e sintas que te dou, desde que amei a

tua antiga verdade revelada,
não apenas a boca para o beijo,
a mão para o afago e o corpo em chama

mas quanto possa ter pacificada
tua ternura e vença teu desejo:
e te faça feliz como quem ama.

VII

Se és toda de poesia, a poesia
devia em mim brotar agora como
a fonte pelo inverno e o doce pomo
quando é verão e o mar em maresia;

pois se de adivinhar-te eu já fazia
a lírica verdade num assomo
que lírica canção não cantaria
hoje que o sonho a teu amor eu domo!

se és toda poesia e assim te vejo:
e os lábios rimam sobre cada beijo
e o romance de ter-te tudo vence e o

teu orvalho me banha de encanto
escuta como canto se não canto:
planta de amor mais cresce no silêncio.

VIII *Oh roteiro engo*

Tudo é igual a tudo e desigual.
 Se o impele o vento voga o barco e não
 voga se, por seu bem ou por seu mal,
 lhe o vento falta. Ventos mudarão
 que não o barco sempre a si igual.
 E todo esforço é vão e não é vão.
 Pelos frutos que der: bom ou fatal;
 mas sempre o esforço havido é salvação
 se a mão cultiva a muda em terra e estrume
 haverá a geada em que se cresta
 ou a pura primavera e a rosa ideal:
 tudo é igual a tudo e desigual.
 E nisto vida e morte se resume:
 o gesto de intentar é quanto resta.

IX *No breve esp*

No barco do silêncio a vida desce
 até junto à maré longa do tempo.
 Canta um galo vadio e amanhece
 a infância que inventei do que não lembro.
 -
 E surge o que não foi (ou foi?) e cresce
 onde murchou a flor em rude inverno:
 e um menino me brinca e informe a desse
 outro menino — que fui eu? — no espelho.
 No espelho das águas. Águas mansas
 como o pensado sonho das crianças
 no brinquedo chamado nunca-mais...

Barco ou navio ou nau ao desatino
à flor do mar eu vou e o meu destino
era o cais que inventei — perdido cais.

X

Um dia hei-de levar à tua praia
esta viva maré de que estou cheio
e então verás com quanto amor, amei o
teu amor, coisa pura, de onde raia,

sobre a melancolia que era a vida,
o ardente sol que é paz da inútil guerra;
um dia há-de teu corpo ser a terra
onde a água do meu ser cai comovida.

Teus olhos fecharás à luz dos meus,
tua boca há-de selar-se no meu beijo,
teu corpo terá paz de quanto é flor.

Um dia saberás como são teus
meu sonho, minha vida, meu desejo.
Que até, ao fim de mim, sou teu, amor!

XI

Em que búzios ressoa a praia extinta?
de que maré antiga é este choro?
em que país de vento e amargas ilhas
aporta a desventura que é sem porto?

Na gávea sem altura o olhar mendiga
a terra que não chega, que demora
quase mais longe que a vontade onde se abriga
e todo vão esforço se desfolha!

Oh roteiro enganoso onde nos levas
entre contínuas tempestades loucas,
e fugas e relâmpagos e trevas?

ou que nautas sem têmpera vivemos
para não divisar este tesouro
que está no porto em que nós sabemos?

XII

Eis que, soneto, eu te inventei e tenho
para sempre seguro nesta algema:
eis que, de mim, o pássaro sem penas
voou, soltando as vozes que desenho

sobre este pólo de papel nevado
(a gaiola sem pássaro e com canto!)
igual a um campo fértil e lavrado
que pasce das sementes o rebanho.

No breve espaço da invenção à forma,
tu, que de mim nasceste, te fizeste
alheio a mim como a rosa caída.

Em ti pulsa, porém, a seiva agreste
que será sempre minha e ainda é morna
do coração pulsando amor à vida!

XIII

Com o perfume marinho
que evolas de teus cabelos
e embriaga meus sentidos;
contacto de teus segredos

desata minha ternura
e escuta sinos internos
tangendo cristais de pura
alegria se te beijo;

pela tua tessitura
se tece em mim o desejo.
Repouso sobre teu corpo

reentregue à inocência;
tua carícia é meu porto:
teu hausto minha existência!

XIV

Se noite enfim não veio — e já não vejo
senão as madrugadas do amor,
há uma rosa nascendo do desejo
e pétala no teu sorriso em flor.

Se noite enfim não vejo e apenas vejo
teu ser estremecer de doce ardor,
renova-se meu ser de teu calor
que — doce — me transmite cada beijo.

Noite não vejo mais, mas teu olhar
e nele refletindo o meu olhar,
gêmeos assim de lírica ternura.

E nem de tempo sei. De mim me esqueço
quando, junto de ti, o mundo meço
por tua dimensão de rosa pura!

XV

Humildemente curvo-me à memória
de Galileu, prisioneiro da verdade:
fiel a si, à ciência, à realidade
— infiel para os que pensam que a História

se escreve em letras de sua vontade,
seu apetite ou de sua irrisória
limitação. E louvo essa memória
que nos ensina a alta serenidade.

Inquisições sempre houve contra quem
tem a coragem de dizer que a terra
se move e nunca foi centro do mundo:

Que sempre a noite ao dia fez a guerra.
Mas sempre após a noite o dia vem.
Move-se a terra: será outro o mundo!

XVI

E se de teu olhar me perco, tão
longe como hoje sou, logo anoiteço.
Conservo apenas doce o coração
à margem da rotina que aconteço.

Nada ousar, que ousar tivera vão
destino e o ousar não apeteço:
nada não-ousar (outros o farão).
Balanço-me na teia que não teço.

Pois se de teu olhar me perco: e perco,
que sim ou não poderá dar alento
ao tédio e solidão de que me cerco?

Em tédio e solidão teus olhos vejo
navegar tão além do meu desejo!
Saudade é tudo de que me alimento.

XVII

Amo o tempo. Amo a terra. Meu
coração está maduro de vida!
Amo os brancos rebanhos, o céu
amo a nuvem no rio refletida.

Amo o campo e o trigo que cresceu
para ser pão na mesa oferecida.
Amo a silvestre fruta recolhida
pela mão animal que a recolheu.

Amo ser Deus do paraíso puro
onde em nítido mar, o peixe leve
desliza como em nós passam os dias

e mais amo sonhar campos sem muro
e longa se fazer a vida breve
crescida das humanas alegrias.

XVIII

Porque quem tudo tem, tudo lhe é nada,
para quem nada tem, um nada é tudo.
Já só tenho de meu tua lembrada
presença que me foge neste absurdo

acontecer da vida desvairada.
Vai, ave, em tua rota que são milhas,
e rosas, algas, sonhos, maravilhas
para a distância e a vida que te é dada.

Vai para o nunca mais daquela hora,
vai por tua alegria merecida
minha saudade — imerecida embora.

E se um dia outra vez poisarem teus
olhos, caminhos de minha vida,
verás que tudo em mim te diz: — Adeus!

XIX

Já a noite raiou. Vagos silêncios
que nuvem foram já. Melancolia
do tempo que se foi, com a luz do dia
no remanso das águas de setembro.

Acendem-se receios nas esquinas.
Os sons da claridade estão suspensos
na distância que foge. Do que lembro
farei suaves coisas pequeninas.

Como um beijo ou um sonho ou um suspiro.
No que não lembro serás o que sonho.
E bóia em tudo a noite a que retiro

o poema da vida. E posto a bordo
desta nau inventada ao mar me atiro
e do sono da vida então acordo.

EM BUSCA DO TEM

Pergunto. Se não
que coisa respondo
falares disto e de
de vez docu, an
meigo olhar. De

Fecho os olhos
Deixo que tudo
escuro as gotas
revento o que
sobre os sonhos
alem, passado
aqui, vida a gr

PELE E OSSO

E, na silêncio
a infância —
entre jardins

Rio de Janeiro, Orfeu, 1970.

Em *Poesia reunida*. São Luís: Secretaria da Cultura do Estado
do Maranhão; Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

O perfil de v
teci rouas d
e umas pétal
de rosas olh
quiamam b

Habito um
estudo que v
a umas fca
e onde quel
meo peço
humide e o

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Pergunto. Se me pergunto
que coisa responderei?
Falarei disto e daquilo,
de voz doce, amor tranqüilo,
meigo olhar. De nada sei...

Fecho os olhos em silêncio.
Deixo que tudo regresse,
escorro as gotas do tempo,
reinvento o que não fui,
sofro os sonhos por haver:
além, passado perdido,
aqui, vida a se perder.

E, no silêncio, me flui
a infância — meu ser ao longe —
entre jardins em que escorre
em lágrimas a alegria.

O perfil de mãos amargas
toca rosas diluídas
e umas pétalas salgadas
de meus olhos desfolhadas
queimam brancura de lírios.

Habito um outono enorme em
estufa que a cor conserva
a umas flores delicadas
e onde quedo horas que dormem
meu pequeno ser — ó erva
humilde e desamparada.

E, de repente, a saudade
deste sorriso, que esteve
sobre meu rosto, me invade:
sorriso que foste breve,
tão breve como sempre há-de
ser minha amarga alegria.
No espelho da memória
esvai-se quem me sorria...

Os caminhos da distância
e ausência, tão viajados:
me perco pela paisagem
por caminhos alongados,
órfão de algumas ternuras,
de cuidados em cuidados
entre invernos de amarguras,
primavera de pecados,
verão de quimeras puras
e outonos desmesurados.

Árvore do nunca-mais,
meu ser cai em tuas folhas:
primeiro amor, onde estás?
doçura de algumas horas
que tempo te dissolveu?
Verdes anos de quem era,
por que louco era-não-era
quem eu era se perdeu?

Adeus, meu jovem amargo
pastor de melancolias
que riste de ti, se rias,
eu te agradeço o cuidado
de preservar o que havia
em mim de mais alto e raro:

a tristeza doce e antiga
do coração solitário.

Deixei que tudo regresse,
regressei. Se me pergunto
agora, que o grave tempo
pesa no meu coração,
só me peço que me apresse
a ser meu, antes que tudo
me vista de esquecimento
e a vida me diga NÃO!

Nada tive. Tudo quanto
fui — de sonho — só é meu
como a sombra, como a cinza,
como a folha derrubada
do vento que, em vão, a ergueu.

Nada tenho. Ave que havia
em mim, as penas perdeu.
o menino que sorria
vai sorrir do que sofreu.
Água que ninguém bebia,
palavra que ninguém leu,
não tive o amor que devia,
tive a dor que me cabia:
isto tenho, isto é só meu:

Agora que o tempo pesa
grave, no meu coração,
possa eu, do que me resta,
fazer, com a dor que me cresta,
ao menos esta Canção.

Saúde, irmãos!

ASACRUZ

O tempo é um longo rio
do qual me ponho à margem
e grave, adulto, atento
medito a própria viagem:

as intrigas da vida,
as rochas da certeza,
a neblina da angústia,
tudo faz correnteza

e o próprio agudo risco
que quem navega sofre
está no rio-tempo
correndo para a morte.

Se nas águas procuro
medir-lhes a fundura,
me vejo nesse abismo
a imagem meio turva

de mistura com nuvens
que, brancas e esparsas,
me lembram a altura
onde o sonho me esgarça.

De contemplar o rio
me sinto trespassado
pelas lanças do tempo
em que vou navega[n]do!

Milagre é que, seguindo
por onde a onda segue,

eu consiga quedar-me
como quem não navegue

e sentindo que vou
onde me impele o rio
possa pensar que paro
e retorno onde o fio

puro rompeu a rocha
e tombou sobre a serra
para chegar a ser
um rio que navega.

Assim, seguindo, fico
e regresso (ou invento)
um regresso de quem
só existe por dentro

olhando cada pedra,
cada ser, cada monte
e onde a noite foi dia
e onde a rocha foi fonte

como louco relógio
que as horas devolvesse
e fizesse da tarde
um dia que amanhece.

Pude então ver que porto
um companheiro amargo
que comigo viaja
e me é como um fardo

pesado, ó sim, pesado,
incômodo e perverso
que quanto faço entrava
com a sombra de seu gesto

e através tardes, ilhas,
fontes, noites, abismos
é ele quem engendra
todos meus paroxismos;

é ele quem distorce
toda a pura alegria
com seu doce veneno
que até meu ser vicia,

é ele que anoitece
tudo quanto amanheço,
é ele quem renega
aquilo que apeteço;

é ele que me faz
esta inconveniência
que não há quem receba
e que ninguém aceita

porque me eleva um outro
— não este ser diário —
até o homem puro,
o quase imaginário,

o que fere por ser
aquilo que devia
e que, sem esse fardo,
nunca em mim se faria.

Ó viagem, viagem,
onde irei se persigo
esta rota que vai
para o mar inimigo?

Ó rio que me levas
até aquele porto
cuja paz é aquela
que tem o que está morto;

o que será de minha
pobre viagem louca?
Será que a correnteza
que passa em minha boca

deixará um murmúrio
apenas ou sequer
onde fique cantando
a angústia que me fere?

Será que dou sentido
ao rio deste tempo?
será que consenti
o meu ser mais autêntico?

o que me passa longe
além do ser que passo,
o que me passa alto
lá onde nem alcanço?

Se, de quanto receio,
um pouco me conforta
sei que é porque carrego
este fardo, esta longa

espada trespassada
 onde sangro a alegria
 de minha vida amarga,
 ó asa da poesia.

BICHOS

I

Vai o camaleão pardo
 sobre a terra de sua cor.
 Meneia-se lento e tardo
 e o arco-íris é seu suor.

Nossos passos o atemorizam
 e ele foge por entre a mata:
 cambiantes cores se divisam
 sobre quanto pisa sua pata.

Esperto, já sobe no tronco
 com seu jeito hipócrita e bronco
 e a pele — vidro transparente —
 ganha o tom do que mais assente

ao seu fingimento de planta
 ou casca ou erva ou chão: seu ser
 (verde, castanho, cinza ou pedra)
 é um disfarce a acontecer.

II

Deita-se aos pés do dono que ama
 com viva inteligência animal.
 O cheiro do senhor é sua cama
 e tem fome sentimental;

sabe fingir que dorme, alerta,
porém, por todos os sentidos
e sonha que sonha e desperta
ao som dos sonhados latidos

para defender como lobo
aquele que o lombo lhe afaga
e a quem cheira as botas, ao sopro
de agudas narinas exatas;

late à memória de inimigos,
fiel às coisas e aos lugares
e assim morde o osso dos dias
e fareja sortes e azares;

ama perder-se pelo tempo
à procura do largo espaço,
aguçando o instinto nos cheiros
da pedra de afiar do olfato;

é um cavalo resumido
na elegância, e mais refinado,
mais humilde, mais decidido:
manso e lerdo rio dormido
que se faz rápido relâmpago.

Na infinita escala animal
é o selvagem familiar
mais próximo do ser humano.

III

Vai o boi nos campos
tecendo os sapatos
de nossos caminhos
ricos ou baratos;

vai o boi no campo
(que a paz lhe aproveite)
ruminar seu verde
nosso branco leite;

vai medindo o campo
na bovina sorte
construindo a carne
para nossa fome;

pasta o campo, a erva
a lagoa, o longe
de nuvens no azul,
o chão e o horizonte,

e ruma o tempo,
o aboio e o capim,
a corda e o cutelo
que será seu fim.

IV

O Vento ao galope
modelou-lhe a forma,
teceram-lhe os nervos,
a brida e a espora,

as narinas largas
farejam o espaço
que vai devorando
sob as patas do aço,

pasta pelos campos
verde sangue grosso
que se faz suor acre
por prados e morros;

tanto marcha e bate
seus ruidosos cascos,
tanto corre e vence
os horizontes largos

que lhe cai o corpo
e o ser segue intacto,
narinas arfando
no galope abstrato.

V

Quanto há de beleza
vegetal e graça
pôs a natureza
animal na garça:

caule que se move,
lírca e assustada
dir-se-ia que a seiva
de seu sangue é água;

lírio semovente,
frágil e nevada

como planta ao vento
se sustém a garça;

cheia de surpresa
contempla-se na água
com tanta quietude
que se enche de palha!

LUTOLUTA

HÁ UMA BALA VOANDO
no horizonte fechado,
fulminante como um grito,
cheia de metal exato,
amarga com seus intentos,
ferina por seu mandato,
apodrecida no pântano
do Vietnã napalizado;

traz mil venenos sombrios
no seu caminho insensato,
é como urn vento de crimes
propício para seu ato,
é como punhal voando
para cravar-se no alvo
e porta urn milhão de lobos
com seus dentes afiados.

HÁ UMA BALA VOANDO
por toda a rosa-dos-ventos,
cheia de gula sangrenta
e insaciáveis intentos,
densa de apetites surdos
cumpre seus caminhos tensos,

cobra alada e venenosa,
semeando seus venenos
desata o horror que a povoa,
filha da noite e do inferno.

o futuro
HÁ UMA BALA VOANDO
em tudo quanto é sombrio:
no propósito que mente,
no silêncio mais vazio,
no desamor cultivado,
no ódio grosso como um rio
de lama, no atro território
que é da morte o desfastio.

HÁ UMA BALA VOANDO
e de seu terrível ventre
vai parindo outros milhões
de balas que planta entre
quem seja seu campo fértil:
coração que bata quente,
mão que saiba ser irmã
palavra que amor defende,
intenção sem ambição
cabeça acima do ventre,
paixão do homem e do chão
promessa do ser que sente,
quem entoa na canção
mensagem que Homem entende.

HÁ UMA BALA VOANDO
com suas filhas semeadas:
são facas acontecidas
como raízes na alma
dos que desejam o tempo

turva máquina parada,
dos que confundem a cor
da pele com a da alma,
dos que confundem a terra
com seus limites de raiva,
dos que cultivam o lucro
como sua rosa rara,
dos que se revestem de ouro
e os outros despem do que haja,
dos que querem sua vida
pelas mortes adubada.

HÁ UMA BALA VOANDO
sobre a canção e a poesia,
sobre a casa enluarada,
a negra voz em profecia,
sobre quem pensa promessas,
quem delas faz alegria,
sobre Lutero e Roberto,
sobre João (e Maria,
amanhã Manuel, Antônio,
Ernesto ou João da Silva)
sobre quem constrói o mundo
manhã para o sol de um dia.

HÁ UMA BALA VOANDO
com seu poderio absurdo,
com suas asas de morte,
sua trama no escuro,
seu disfarce apunhalante,
sua fome galopante,
seu punhal acutilante
para devorar o mundo!

HÁ UMA BALA VOANDO
contra cada um de nós,
nosso coração e voz,
o amanhecer que há em nós,
o futuro que há em nós,
o humano ser que há em nós;
há uma bala voando
que é preciso aprisionar,
que é necessário conter,
de aço em pedra converter
e em areia desfazer
para a poder afogar
no mar de amar mar amar.

HÁ UMA BALA VOANDO
até quando? Até quando? Até quando?

SOBRE OS RIOS

Sobre estes rios que vão
da Babilônia, me achei
depois que tanto pisei
a cor vermelha do chão,
depois que, homem, acabei
minha própria construção.

As memórias de Sião,
cidade com que sonhei
na infância e que guardei
tão-só na recordação,
com a citara em que dei
som ao mudo coração,
onde triste comparei
o exílio e a promessa,
nos salgueiros pendurei

da minha imaginação e
sobre estes rios que vão
de Babilônia me achei.

Ah! Babilônia perdida
entre o marulhar dos rios,
cidade desprotegida,
prostituta de mil vícios,
ó clara amante ferida
que desgraça te feriu?

Percorro teu descaminho —
— preso que sou a teus laços —
e vou repisando o luto
sob o luto de meus passos
à procura do carinho
que não existe em teus braços.

Vou batendo a cada porta
e à porta também de cada
mas não pode vir resposta
de casa despovoada
e uma voz de face morta
vai me respondendo nada.

Aqui os músicos ferem
suas músicas dolentes
que inutilmente se perdem
pois ninguém as ouve e sente
e os próprios músicos querem
outra ausência mais ausente.

Aqui há corpos cruzados,
entrelaçados com raiva,

inutilmente enlaçados
na carne despovoada,
animais desesperados
numa solidão amarga!

Além os meninos cantam
tristes canções tristemente;
cantam pensando que espantam
a tristeza que consentem
e a triste tarde acalantam
numa dor de não ser gente.

Depois uma igreja antiga
jaz pura, vazia e muda
sem qualquer fé que lhe sirva
pelo ser demais impura.
— Que deus tem resposta amiga
a quem nada lhe pergunta?

Isto eu vi em a cidade
Babilônia e ainda mais
coisas de variedade
mas porém todas brutais.

E havia tanta verdade
que era verdade demais...

Vi o que somos no ermo
sem fim da cidade amarga
e disse: — Rei de que reino,
em que idade deserdada
és, triste senhor supremo
de coroa contestada?

Lobo de si próprio ia
o homem se devorando
e uma parte se rendia
ao destino miserando
enquanto a outra subia
traídos irmãos pisando.

Vi casas, tamanhas casas:
longas fachadas, janelas
ventiladas, deslumbradas
e sem ninguém dentro delas,
dir-se-iam casas talhadas
para uma deusa donzela.

Vi casas... Casas? Abrigo
de animais, pensei. Não era.
Era gente o que ao abrigo
daquilo se recolhera:
eram velhos e meninos
da grã-família miséria.

Vi ruas deslumbradoras
e outras convulsionadas
fedendo a morte e a dor, a
longa vida deserddada.
Vi avenidas sonoras,
preciosas, conservadas.

Andei mais e em certo espelho
me olhei: uns olhos que dormem
pesadelo, bem mais velho
ali me vi e enorme em
mim o espanto: no espelho
era eu: — Aquilo um Homem?

Mas se vira outros iguais
atrelados e feridos,
espancados, imortais
mordendo pão construído
com duros gestos brutais:
animais desprotegidos!

Parei e considerei
onde cheguei e chegamos:
— Que destino, perguntei,
que mau destino enviado
nos foi de deus para dei-
xar-nos assim castigados?

Foi quando diviso os rios
entre os quais navega a minha
Babilônia, fundos rios, rios
que traçam a sina
na mão da cidade — vi os
sinais de morte e ruína!

Quantos incontáveis traços
de desespero e amargura
enrodilhando em seus braços,
numa estranha tessitura,
apenas viventes baços
— lentos homens sem ventura.

E, ao fim de todos, apenas
um rio a todos gerava.
Secreto de forças plenas
de obscura sombria raiva,
cobra que tudo envenena
e em vasta teia se espalha.

— Mau, péssimo rio horrendo,
assassino sem entraves,
lhe disse, de que estupendo
poder de morte de fazes?
Quando deixarás de ir sendo
o túmulo que nos abres?

— Deixa que a cidade seja
entregue à sua verdade,
que, afinal, o sol se veja
amanhecendo nas faces
e o homem cantando beije a
vida recuperada.

E ele me disse: — “Sou,
ferido de estranha sorte,
quem os homens separou
para melhor lhes dar morte;
divido os homens e dou-
lhes uma imerecida sorte.

“Sonoro som de metal,
preço da vida traída,
de mim se tece este mal
que assim a traz contundida:
som falso, frio punhal
cortando a raiz da vida.”

— Babilônia que te vais
sobre estes rios plangentes,
quebra as cadeias fatais
que, veneno de serpentes,
fecham-te em águas letais
e tua morte desmente!

Para que em tristes salgueiros
da minha imaginação,
não pendam mais, estrangeiros,
longe de sua Sião,
mudos, instrumentos
feitos para a suprema canção.

Os tempos futuros sei
que, obscuros, nascendo estão:
Babilônia que verei
mais bela do que Sião
quando alegre cantarei
sobre estes rios que vão...

ROMANCE DO SENHOR DE ESCRAVOS

O SENHOR:

— Nasci dono de longas terras
a que nem sei começo ou fim,
são minhas porque minhas eram
por eu nascer de quem nasci
e assim é porque o quiseram
os deuses que adorais aqui...

(Pobres deuses de que me ri.)

Sou o Senhor, vós os escravos.
Se o sou é porque mereço:
podeis vós ser até mais bravos,
ter vossa alma maior preço,
sempre vos caberão só os travos
que ao vosso bom deus agradeço.

(Pobre deus de quem escarneço.)

Nasci dono de vossa vida
 para a dar, vender ou perder
 conforme minha vontade tida
 no momento do meu querer.
 O que vos dói é divertida
 minha maneira de entreter.

(Vossa ferida é meu prazer.)

Assim foi para meus avós
 e para meus netos o quero.
 Pode ser este um mundo atroz
 feito de pranto e desespero:
 se os desesperados sois vós
 tenho do mundo quanto quero.

(Que apenas bichos vos considero.)

Isto será enquanto deus queira
 e sempre assim sua vontade
 será a minha ou a maneira
 que convier à minha verdade
 irei compor do Inferno à beira
 com a mais torpe falsidade.

(Que eu sou a minha divindade.)

Chorai vós a quem o destino
 trouxe de ventre amaldiçoado.
 Chorai o vosso negro signo
 que para sempre está plantado
 até o fim do mundo e no
 fim o céu vos será dado.

(Céu pra vosso engano inventado.)

Plantai a terra com a fome,
regai-a com vosso suor
e se ela for sáfara o sangue
será um estrume melhor:
o pão que minha boca come
não pode perder o sabor!

— Al onde

(O preço que pagais seja qual for.)

O FEITOR:

a vida cres

— Senhor, me desculpai o enredo
daquilo que vos vou contar,
podeis pensar que seja o medo
que me dá este tom de falar,
mas a vida não é o brinquedo
que vós insistis em jogar.

possa ser

Senhor, me desculpai o aviso
pelo que tenha de desgosto
mais até o tempo em seu rosto
tem um novo aceno impreciso
e o caminho em que o mundo está posto
não conduz a nenhum paraíso...

trabalho

Senhor, me perdoai que vos conte:
este sonho que tive mostrando
o que nasce e o que além do horizonte
é um largo trigal ondulando
não me deixa fitar-vos a fronte
sem sentir como é frágil o mando.

o meu

Recebei este aceno partido
de uma oçulta razão singular

que me pede vos fale, sentindo
 como é vão tudo quanto falar,
 porque o tempo se move e o perdido
 nem os deuses o fazem tornar.

Semeai vosso ouro nos campos,
 semeai a loucura nos montes
 pois é hora do frio sem mantos
 e já secam os olhos das fontes
 e inimigos, Senhor, tereis tantos
 quantos de servos tendes hoje.

Vossa razão tão sem razão
 estava que cessa estar.
 No mar da Justiça ondas são
 tão altas para vos afogar...
 Vai acabar-se o jogo vão
 que vós insistis em jogar!

O TEMPO:

— Eu que sou tempo sem idade
 e que sou feito do que fui
 e do que serei e onde flui
 o longo rio da verdade;
 eu sempre velho de mil anos
 e sempre menino que nasce,
 eu que sei destrinçar enganos
 e sempre descubro o disfarce,
 vos digo, senhores tiranos:
 Triste será vossa alegria
 e breve, que nunca a desgraça
 foi prêmio de boa valia
 Esgotai vossa última taça

com o vinho que vos aprazia
antes que a noite se desfaça
e o sonho gere um claro dia!

O ESCRAVO:

na terra crã

— Aí onde estão as sementes
está a árvore futura:

enquanto tu

por sob a terra, lentamente,
a vida cresce amada e pura!
Há quem durma porque não sente
que a madrugada está madura...

na terra crã

Na terra do meu coração
só cresce uma flor prometida
e eu a guardo secreta onde não
possa ser de ninguém pressentida
e a protejo com rubra paixão
e a defendo com a amada vida.

Ó Senhor, nunca mais minhas filhas
serão pasto de tuas vontades!
A surpresa virá com macias
mãos seguras colher quem não sabe
que já foram chegados os dias
em que a terra do meu peito se abre.

Nunca mais, nunca mais venderás
minha vida pelos teus mercados;
nunca mais meu gemido ouvirás
ante a ira de teus desagradados;
nunca mais, nunca mais, nunca mais,
ó tirano pastor de pecados!

Que já cessam a noite e a tristeza,
que já cessam a morte e o agouro
e terá outro pão minha mesa,
pobre e livre e mais belo do que ouro
pois com sua secreta beleza uma
flor cresce em mim porque choro.

Por que choro? Porque foi nascida
uma rosa de pura verdade
nas entranhas mais caras da vida,
revestida de tal claridade
que se apaga esta noite perdida
na manhã da comum liberdade!

O POETA:

Meu coração faz-se de povo
e meu corpo se faz de terra

e meu pensamento é um pomo
que a árvore do tempo alimenta.

Eu, que sofria no silêncio,
agora canto a Esperança
pois a clara alegria vence o
tempo e a vida é uma criança.

A LIBERDADE:

Aqueles que estão onde esteja
em mim estão e eu neles sou.
Tudo o que está onde se veja
além da noite, me chamou.
Todo o que sonha e o que deseje

e me deseja, me encontrou
e a quem se dá pra que o proteja
inteira e fecunda me dou.

Enquanto uma folha se erguer
na terra crestada e perdida,
enquanto uma planta crescer
da carne do chão ressequida,
enquanto uma gota quiser
das pedras romper incontida:
Eu doce pastora hei de ser
guardando os rebanhos da vida.

ANTROPONÁUTICA

Agora que meu coração é grave
e é grave minha vida e minha sorte
e a água da memória em que me lave

me leva não à infância, sim à morte
pois quanto fui não volta a quanto fui;
agora que lancei a minha sorte

e os dias me não são coisa que flui
mas renhido combate que aniquila
e fortalece o quanto fica ou rui;

agora, quando a dor fica tranqüila,
e o desespero já não desespera
e a lágrima secreta já destila

meu ser alheio da anterior quimera;
posso olhar, mais sereno e mais isento,
o outono que há em cada primavera,

a primavera que há em cada intento,
a força de intentar que o Homem eleva,
a asa de ser que ao Homem é um vento

porque se atreve (e sempre mais se atreva);
vento que ao ser mantém nutrida a chama,
chama em que se desfaz a densa treva:

agora que meu coração conhece
a teia que a si mesma a vida tece
sinto que só é vida a de quem ama.

Há cavalos nos campos e cavalos
HP, ambos pastam sua usina.
Cavalos animais pastam no vale. Os

cavalos HP rodam a sina
de turbinas e usinas assassinas.
Ervas pastam nos campos os cavalos.

Os cavalos da usina pastam gente,
suor de gente, miséria de gente
nas usinas não há cavalo chucro.

Os cavalos do campo pastam erva
e devolvem estrume na semente.
O estrume do HP se chama lucro.

No cavalo do campo monta a sorte,
a dor, o esforço, a própria vida humana.
No cavalo da usina monta a morte.

Mas o futuro, que a ninguém engana,
é de quem monta no cavalo chucro:
na usina do tempo cessa o lucro...

Há cavalos nos campos e cavalos
nos elegantes prados de corrida.
Assim como é a vida desigual

os cavalos a têm dividida:
cavalo chucro morde desespero
no freio das esporas e da lida,

cavalo sangue-azul morde dinheiro
de apostas, morde açúcar de mão fina.
Cavalo chucro morre no atoleiro,

cavalo sangue-azul na baia limpa.
O dono do cavalo chucro morre
com seu cavalo e a mesma triste sina

mas o dono do outro até na morte
morre como quem vive uma outra vida.
Os filhos de quem tem cavalo chucro

invejam a ração do outro cavalo.
Ó campinas e prados, coisa impura:
a pata igual, igual a ferradura...

Porém nem tudo é morto enquanto ao
coração não falta a linfa da ternura,
enquanto o tédio não se faça dor,

enquanto a própria dor se faça pura
semente de riqueza interior;
nem tudo é morte se o pulmão respira

a rosa da manhã, resina densa,
sumo de vida, enquanto nosso olhar
respire a seiva da beleza e a vença

na forma do soneto a inventar;
enquanto a razão encha suas landes
de coisas provisórias ou eternas,

enquanto o ser aspire coisas grandes
e a música comece em tuas pernas
e ondeie em tuas ancas quando andes

e desça de teus ombros pelos braços,
pela margem dos seios e do ventre
até onde os sentidos descompasso

pois é rosa do mundo oculta entre
teu território lírico de flor:
não há morte no corpo se há Amor.

Agora que meu coração é grave
e é grave o mundo e é véspera do Homem
e o Homem sobe ao cosmo como ave

liberta de seu peso, embora a fome em
cada um dos pontos cardeais habite
e homens-lobos ainda outros homens domem

no prazer do chicote, mau limite
para a grandeza humana, e a mais-valia
castre tuas asas de sublime e te

prenda ao vulgar, dor e melancolia;
agora que tudo é ser ou não ser
e de não ser o Homem se angustia:

já vejo noite para amanhecer,
já vejo amanhecer que vai ser dia,
já vejo dia para quanto é ser.

Se o homem voa além do seu limite
e $E = MC^2$ é a verdade,
seja seu território o onde exercite

a audácia de romper a gravidade
quando a 40 mil quilômetros por hora
amplia o próprio ser da humanidade.

Se outro é hoje o sentido da distância
e a cor do espaço e tempo se descora,
mude o circunstancial e não a ânsia

essencial que é o ser do próprio ser.
Cosmonauta de si, o homem se explora:
essa a maior distância por vencer.

Vai, ave humana, sobre-humana asa
tocar estrelas em tuas mãos sem fim;
vai colher rosas do novo jardim,

vai no corcel da alucinante casa
ver as novas verdades virginais
de martes e netunos espaciais;

vai sempre mais além da estratosfera
povoando o silêncio indefinido
com a esteira de luz dessa quimera;

vai onde nenhum ser já tenha ido,
bebe o escuro do espaço indevassado
e o sol do sol mais próximo colhido;

vai como um deus humano iluminado
colher mistérios, devassar o oculto
mas para regressar com o intocado,

antigo, eterno e grave humano vulto.
Que tuas asas todo o espaço domem:
O INFINITO MAIOR É O PRÓPRIO HOMEM

CANÇÃO QUARENTÁ

E, de repente, o tempo fugitiva
sombra se fez como água entre meus dedos.
Impossível detê-la: pura e esquiva

ela se faz passada e vãos enredos
será tentar colhê-la porque foge,
inconsútil e breve, em seus segredos.

E, de repente, me eis chegado ao hoje
com este acre sabor do que é perdido
e a sensação de quem já se despoje

de tanto melhor sonho inobtido,
de tão alta esperança de outra história
para contar, tão cedo despedido

da vida merecida e ilusória.
Sem nenhuma riqueza acumulada
quer fosse permanente ou provisória

e o que falta trilhar na dura estrada
apenas debilmente desenhada
linha crepuscular de antememória.

Vim por este caminho falso e ardente
como um rio iniciado na alta fonte
(e obscura) sem o leito complacente:

fio de água que nas pedras desponte
para descer por ínvias avenidas
líquidas, só murmúrio no horizonte;

os acidentes naturais, descidas
imprevistas e súbitas veredas
que trocaram-me a vida em tantas vidas,

tão alheias de mim, tão duras quedas,
tão píncaros da imaginação:
neves gelaram minhas labaredas,

secas árduas povoaram meu verão
de ramos desnudados como putas
quando fingem vender doce paixão;

uma crosta de angústias e de lutas
me revestiu na dura proteção
de atra amargura e lágrimas enxutas.

Comparo no espelho da lembrança
minha paisagem de ontem e de agora:
a promessa dos sonhos de criança

que a precoce velhice hoje descora,
saudade do amanhã que me iludia,
vespertina saudade que em mim mora;

e, se contemplo minha mão vazia
de qualquer bem e o coração igual,
mais a tarde anoitece e me anuncia

os abismos da noite, pantanal
onde tudo se perde e a vida adia
apenas (e entretece) seu final.

Mas, meditando cada ruga, cada
melancolia do olhar sem chama,
cada silêncio, cada impronunciada

voz, adivinho que entre a amarga trama
do acontecido ou não acontecido
nem tudo foi a dor que se reclama

nem tudo ganho (pelo inatingido)
mas do que a vida fez amor e poema,
quebrando à solidão a dura algema,

não me perdi: nem tudo foi perdido.
Vi a lua espraiar seu diadema
sobre a praia do amor inesquecido

e o Teu sorriso abrir-se como um luar
quando meus olhos, procuravam porto
na pacífica praia do teu mar

e as âncoras da carne o corpo, absorto,
na baía de tua doação
cravar — para tombar feliz e morto

até à páscoa da ressurreição
quando todos os sinos saudaram
Teu ventre no trabalho da criação.

Senti o amor, seu mel, fulgor e travo
profundamente devorar meu ser.
De mel, fulgor e travo fui escravo,

cantei a dor, chorei o azul prazer,
provei-lhe a melodia ou rumor cavo
e com os seus venenos me embriaguei.

Bebi-o avidamente, adusto vinho,
dedilhei-lhe as mil cordas musicais
e o escutei puro som de violino

ou rumor de tormentos infernais.
E aprendi esta fome — o Amor, divino
céu-inferno onde a Vida nasce e jaz.

Mas não foi só o Amor translucidado
que funde os promontórios e baías
da carne em paroxismo iluminado:

pude também, à flor de amargos dias,
aprender um Amor mais numeroso
em suas dilatadas harmonias:

um Amor vasto, denso, poderoso
que derruba as mais ásperas fronteiras
e ergue pontes de fraternal repouso,

lúcidos gestos, vozes verdadeiras,
signos que abrem as mais fechadas portas
e derrubam o não de mil barreiras;

pude aprender, por entre coisas mortas,
uma réstia de vida verdadeira
e lúcidas veredas entre as tortas

vias que truncam cada coração:
aprendi a lutar pela bandeira
do Amor que faz do humano ser o irmão.

Desamor aprendi ao sofrimento
imerecido, ao ódio vão, ao triste
desperdício de vida se alimento

é da dor, e à fome — lança em riste
alçada como um fúnebre terror;
e à injustiça sobre quanto existe

talando a sorte, desfolhando a flor
que para a humana seiva fora erguida.
E porque só há vida onde há Amor

já tudo desamei que nega a Vida.

E a tarde se me fez crepuscular
de ver o quanto coração não pede:
manhã não orvalhada, atro luar

de quanto a existência não concede
ou eclipse de rosa recusada,
sonhado ser que a realidade impede,

humana profecia inalcançada,
minha e alheia negação do ser
autêntico e fiel, história errada

do que nos deveria acontecer.

Contemplo-me na cruz dos três caminhos:
aquele que eu seria o que devera
no projeto maior do meu destino;

outro (não essa lúcida quimera)
onde de mim fizera o que sonhei
(igualmente truncada primavera)

e aquele onde os dois outros me neguei:
duas mortes morri quem me eu quisera.
Que pois morto não viva o que salvei!

Se pulsa o coração e a vida é,
 pesar de quanto a nega e quanto a mata
 (frágil embarcação na árdua maré

que a cólera dos deuses maus desata),
 fazer de quanto é frágil tensa fé,
 brandir este punhal como insensata

e luminosa arma invencível, seta
 da humana tensa corda disparada
 e que dá som ao canto do poeta

mesmo ao crepúsculo e ante a mais cerrada
 ameaça de noite desmedida,
 pois ainda que não se alcance a meta

não tentar é negar a madrugada
 cuja luz desejada é a própria Vida.

E, sem a doce Vida, tudo é nada!

CONFISSÃO DE AMOR

I

No teu corpo que é campo
 de suaves aconhegos,
 como florestas, mansos,
 arfam brandos relevos;

na água de teus olhos
 flutuam coisas límpidas
 e na rosa dos lábios
 o amor tem suas linfas;

tens um ser que, sonhado,
faz sorrir de alegria
e ao coração amargo
devolve o amor da vida.

II

Teu corpo que apetece
como rosa entreaberta
é a mais viva festa
do ser que o mundo tece;

teu ser é que amanhece
nossa noite funesta
é em teu ser que se apresta
o futuro que apetece.

Antiga como o amor,
jovem como o desejo,
és a amada exemplar:

sonho de vida em flor,
flor de sonho e desejo,
razão de ser e amar!

III

Se até a paixão cansa
não cansam benefícios
de tuas rosas brandas
e teus serenos lírios.

Porque tu és a eterna
e renovada virgem

cuja carne sonhada
se faz doce vertigem!

VII
Porque tu és a única
que o tempo não derrota
e, quanto mais antiga,
mais és menina e moça!

IV

E eis que os donos da vida
para quem uma rosa
é perfume proibido
e uma cor viciosa,

eis que os donos da vida
para quem é o sonho
uma flor proibida
e um desperdício absurdo;

IX
eis que os donos da vida,
incapazes de amor,
querem furtar-me aquela
cujo ser é em flor.

V

Como se alguém
querer ousara
furtar a alma
que a água tem.

Como se alguém
possa deter
o ser do ser
que no vento vem.

Como se alguém
possa tocar
o oculto ar
que o ar sustém.

VI

Mais se proíbe o amor
mais o amor é forte:

mais forte do que a dor,
mais profundo que a morte.

Mais se proíbe a vida
de que esse amor é chama,

mais alto a chama é erguida
na noite de quem ama.

Mais se proíbe Aquela
que é razão de viver

mais Ela, oculta e bela,
nos faz amanhecer...

VII

Pois o que é belo e puro,
seja sonho ou mulher,
está mais alto que o muro
que se lhes possa erguer.

E quem as rosas mata
faz seu trabalho em vão:

secreta, a rosa rara
cresce no coração.

contar

VIII

E quando se faz noite,
a mais densa e fechada,
seus olhos me desvendam
a luz da madrugada...

XII

Na mais noturna treva
— a desumana e louca —
Ela os sonhos me insufla
com a rosa de sua boca.

E Seu corpo secreto,
na noite tumular,
pela nossa esperança
se deixa fecundar.

ca

IX

Pois Ela é sempre virgem
e mãe cheia de graça

e nutre minha vida
com seus seios e intacta,

é mater amantissima
para nossos calvários,

XIII

árvore de delírios
e flor de itinerários,

estrela matutina,
futuro em nossa dor,

carne de nossa alma,
rosa de nosso amor.

X

São inúteis o circo,
os leões e o César:

olhando essa alva antífona
mesmo a morte é um néctar.

É inútil a arena
e a fúria dos Patrícios:

seu bálsamo serena
os mais rudes sacrifícios.

E o sangue derramado
é um punhal no tirano:

do grão assassinado
nasce um futuro humano.

XI

Que nunca de Teus olhos essa chama
deixe de responder ao meu apelo,
e a água de ternura que me inflama
negue seiva à raiz de quanto é belo.

Que nunca de teus lábios a quem ama
falte a resposta que desata o zelo
de amar-te mais e o gesto que derrama
teu ser seja a esperança a quem apelo.

E tudo o mais me falte se não faltas
e nada mais me dêem se me és dada:
contente me farei se és minha sorte.

Por ti é que ave sou de asas tão altas:
e, se me dás o amor com que és amada,
grande se faz a vida e leve a morte.

XII

E jamais haverá quem corte o laço
que a ti me prende, anel unindo o amante
à sua amada, no fatal abraço
em que se funde a vida coruscante.

Porque esta alta paixão vence o espaço
e o tempo, vence a eternidade e o instante,
te amo daquele amor que é sem cansaço
e até após a morte é amplexo arfante.

Amor assim é o único penhor
de que não é viver faina ilusória,
tristeza inútil, danação inglória

pois, deslumbrado em tão profundo amor,
darei que apetecível faz-se a dor
e a morte frágil para tal memória.

XIII

Porque és no árduo caminho
um doce vinho;

e em teu sorriso apagas
minhas lágrimas;

e entendes meus segredos
de silêncio;

e acalentas de esperança
a nova infância;

e cobres de doçura
minha angústia;

e desvendas a cor
do dia em flor:

é que à tristeza sobreponho
o sonho

e canto por saber que não é vão
Teu calor que me pulsa o coração.

XIV

Minha lúcida amada
por quem o ser afino
és a música alada
de um sublime violino.

Corpo e alma inconsútil
do mundo por haver,
por ti não é inútil
a tragédia de ser.

Em tuas mãos macias
colhes carícias puras
que, à noite destes dias,
tecem manhãs futuras.

QUA E se o punhal de agora
sua lâmina me crava,
Teu perfume de aurora
de coragem me embriaga.

XV

És meu anjo-da-guarda
e alvo dos meus desejos;

meu êxtase e minha alma,
flama dos meus lampejos;

és carne de minha alma
e flor dos sortilégios,

calor que não se apaga,
promessa aos desalentos,

resposta em que se acalma
a angústia e seus tormentos.

XVI

Virtude entre meus vícios,
meu vício de virtude:
que fora eu se não visse os
teus olhos, plenitude?

Que fora eu sem teu ser?
Só névoa indefinida.
Mas já sonhar-te é ter
razão para ter vida.

XVII

Seu nome? perguntei à ave do céu
como se chama sua vida alada
e a ave, no azul, responderá com seu
vôo azul, pelas nuvens afagada.

Seu nome? perguntei à orvalhada
rosa que nos jardins amanheceu
e a resposta será essa irisada
lágrima da manhã que a flor colheu.

Seu nome é ave e nuvem, é jardim,
é azul e manhã, lágrima e rosa,
seu nome é som de pássaro e de flor

pois chama esse começo sem ter fim
que faz fragilidade poderosa:
chama secreta do maior amor.

Seu nome que resume poesia,
graça e beleza — síntese do amor;
seu nome — chama e luz, sinal e guia,

cor e perfume que resume a flor,
não se diz Julieta nem Maria:
é melodia de outra claridade,

ritmo e som que não cessa e que não cansa,
capaz de alimentar a alma insubmissa
e ao Homem devolver a humanidade:

para vencer a noite é Esperança;
para ser livre chamo-lhe Justiça
e, se quero ser justo, Liberdade!

QUANDONDE?

I

Depois que os pés nas pedras apunhalo
 e bebo água dos pântanos da vida
 e os joelhos nas urtigas rasgo e ralo
 e como a terra-mãe na fome ardida;

depois que ao frio vento me agasalho
 e rolo pela furna desabrida
 e me antemorro, eis que me toca o halo
 da imagem procurada e proibida.

E tudo amor esquece: dor, miséria,
 pranto, punhal do tédio, antecipada
 morte, fome, aves de angústia em bando,

se vou sorver-te, taça da quimera!
 Mas, de repente, já não és, Amada,
 e serás onde, quando, ondequando, ondequando?

II

Em ondequando estás à minha espera
 com as fomes da leoa pelo cio,
 fértil como uma tensa primavera,

dadas maçãs dos peitos e o estio
 do eletrizado corpo palpitante
 à espera do ardente desafio,

pura e tensa, voraz e doce amante,
 com a boca de sedes consumida
 e a interna floresta coruscante.

Em busca de ondequando esvai-se a vida
e cada vez mais longe vai ficando
a ilha em que te escondes: ondequando?

III

Há uma avenida
sutil, luminosa,
com folhas de brisa
e perfume de rosa

tépida e esparzida,
macia e sonora:
caminho de ida
sem nenhuma volta.

Caminha-se vida
sob suas copas,
respiram-se finas
manhãs sob o sol das

árvores que filtram
sombras luminosas:
coisas infinitas
se fazem tão próximas

como nas campinas
o céu se horizonta
e a tarde confina
com a noite que acorda;

e tão definidas
se fazem as coisas
que o silêncio filtra
as vozes silenciosas.

Plácida avenida
das lúcidas formas
e das razões nítidas
que o ser desabrocham;

onde a mente filha
caminhadas novas
na alameda viva
de cores e formas.

Poder tua trilha
ir, sábio, pisando
té minha outra sina:
Dizei-me: ondequando?

Divisar a linha
que o horizonte esconde
daquela avenida:
quandonde, quandonde?

IV

Além há um onde
que a tudo responde:
rio para a sede,
maçã para a fome,
e a espiga dos dias
balanço da rede
e o teu doce nome.

Lá vamos cantando.
Chegaremos quando?

Ó seria quando
acordar sonhando

seria mais doce
que sonhar sonhando:
mulher desejada
ao alcance da mão,
música na corda
de cada violão,
só mel, bem-me-quer
em cada coração,
em todas as bocas
o suave pão,
coro repetindo
a palavra irmão,
vida mansa e longa
rosa sem senão!

Pergunto sonhando
e ninguém responde:
pra ir a esse quando
caminho é por onde?

V

Job que me responde:

vai-se pelas mágoas
quando em rio as lágrimas,
vai-se pela dor
quando a chaga é flor,
vai-se pela terra
quando reina a guerra,
vai-se pela noite
quando sob o açoite,
vai-se pelo crime

quando a lei oprime,
vai-se rente ao chão
quando o homem é o lobo
do homem seu irmão;
onde estamos todos
com dentes de lobos,
onde devoramos
até o que amamos,
onde é o caminho
o estrume e o limo,
onde mais se come
nossa própria fome,
onde a gana e a inveja
se fazem de igreja,
onde muita gente
tem deus por seu ventre,
onde o natural
à mão é o punhal:
eis aí o quando
mais irmão do onde
nos vamos sepultando.

O sonhado ondequando
secreto se esconde
e, se gritamos: quando?
uiva o eco: onde?

VI

Mas há rumor nas pétalas das rosas,
no azul do céu, no mais azul do mar,
na forma de tuas ancas e nas coisas

que sussurram teus gestos, num olhar
cheio de rios-nuvens, na palavra
inconsútil, no verde vento, no ar

orvalhado ressoa este rumor que lavra
o quando da promessa adivinhada
lá onde o Homem colhe sua safra:

onde é hoje esta noite, este obscuro
não-ser e quando tudo nega a sorte
quandonde estufa o ventre do futuro:
quando, onde a Vida vence a humana sorte!

PROPOSTA

Dai-me uma pequena
semente de sonho
e vereis a Pátria
que dele componho.

Lavrarei seus campos
com suor de cantigas,
regarei de lágrimas
rosas e espigas:

brotarão pomares
do amargo caminho
e se farão rosas
no anterior espinho;

barcos de quimeras
no mar feito amigo
colherão as safras
do oceano antigo;

hão de florescer
usinas de Amor
nos olhos, nas mãos
da ternura em flor;

uma infra-estrutura
de humana verdade
penderá seus frutos
para a Liberdade,

recônditas minas
de el-rei salomão
hão de dar o aço
da doce paixão,

solo e subsolo
de um humano ser
serão a antepátria
por amanhecer.

Dai-me uma pequena
semente a sonhar:
crio-vos serena
Nação exemplar

pois ao Homem basta
um sol como história
para que floresça
seu pão de vitória!

O HOMEM EM PELE E OSSO

A pele é superfície,
os ossos são entranha.
A pele é o que se vê,
os ossos o que escapa.
A pele é uma casca,
os ossos uma safra.
A pele é entrega,
o osso é arma.
A pele é palma,
o osso é clava.
A pele é a pintura,
os ossos são a casa.
A pele é o acidente,
o osso o permanente.
A pele são as nuvens,
os ossos são a água.
A pele são os musgos,
os ossos são montanhas.
A pele é o agora,
os ossos são milênios.
A pele é um orvalho,
os ossos são invernos.
A pele é viração,
os ossos são os ventos.
A pele são palavras,
os ossos são segredos.
A pele é o direito,
os ossos são o avesso.
A pele são cabelos,
os ossos pensamento.

A pele é a pulseira,
os ossos são o pulso.

A pele são os gestos,
os ossos são o músculo.

A pele são os seios,
os ossos são o útero.
A pele é uma algema,
o osso a faz inútil.

A pele é só o som,
os ossos são o sino.
A pele são as vozes,
os ossos o sentido.

A pele o que parece,
os ossos o que é.
A pele é prece,
os ossos fé.

A pele o que se rasga,
os ossos o que quebra.
A pele é o que verga,
o que comprime alarga,
o que dilata e aperta,
os ossos coisa certa
de dimensão exata.

A pele o que se adapta
e se faz fino ou denso,
os ossos um ser tenso
de feição sem mudança.

A pele é assim frágil
coisa apenas de ver
e os ossos o tutano
de que se faz o ser.

A PELE E O OSSO
FAZEM UM SÓ CORPO
NO APARENTE ENGANO
POIS SENDO DIVERSOS
(DIREITO E AVESSO)
PINTAM O UNIVERSO
DOS SERES HUMANOS.

Se o homem é um ser/pele
é extremamente difícil
que consiga erguer seu caule
contra o vento que o castigue,

mas quando seja um ser/osso
é inevitável e fácil
não só que seu caule cresça
como desabroche em árvore.

Se tem o homem da pele
a compleição toda plácida,
sua raiz há de ser
areia de água escavada

mas, quando propensa aos ossos
se faz sua tecitura,
há de ter a raiz ávida
em que a planta ganha altura.

Se feito de só pele
muda-se com o vento
e se faz mais frágil
no passar do tempo.

Já a carnadura óssea
ventos desbarata
e o tempo alimenta
sua força eriçada.

Será o homem/pele
oco igual à cana:
se faça a atravessa
fere o âmago de nada

mas se assemelha ao osso
quando guarda no âmago
humana seiva grossa
de fértil tutano.

Se âmago é tutano
nem a lâmina corta
a carnadura óssea
que lhe reveste a força

mas, se a pele dá tom
ao tecido que a tece,
só no gesto da lâmina
seu osso se faz pele.

Quando o ser é osso
até o por fora
ganha a tensa pele
que não desfolha

e se é assim por fora
tanto mais por dentro:
nem lhe desmoronam
os pensamentos,

imaginações
se fazem intentos
e até seus sonhos
acordam concretos.

Mas ao ser de pele
até os ossos
têm seu outono
e caem folhas

que, a pouco e pouco,
o osso e seu âmago
vão desmanchando
em nervo flácido

e assim por fora
como por dentro
é tudo pele
direito a avesso;

do que imagina
aos vãos pensamentos
que até despertos
são pesadelos.

Quando é de pele
(como pulseira)
só lhe apetecem
coisas externas:

palavras vagas,
ambíguos gestos,
cores garridas,
brilhos, enfeitos,

pompas e glórias,
mantos, coroas,
salamaleques,
truques e loas,

GENESIS

adjetivos
e honrarias,
brasões, medalhas
e fancarias.

Se porém de osso
(o osso é pulso)
todo ressuma
ao que é profundo:

não vê o externo
nem o avulso,
conhece o tempo,
não o minuto,

é substantivo,
conciso e duro,
planta verdades:
colhe seus frutos;

conhece as plantas
mais pelo sumo,
pisa caminhos
que tenham rumo!

.....

A PELE E O OSSO
FAZEM UM SÓ CORPO

NO APARENTE ENGANO
POIS SENDO DIVERSOS
(DIREITO E AVESSE)
PINTAM O UNIVERSO
DOS SERES HUMANOS.

.....

Comum apenas
o chão da morte
pra cuja força
ninguém é forte:
mar onde correm
todas as águas
mansas ou turvas,

doces, salgadas
mas mesmo à luz
desse relâmpago
há o que morre
e o que não se mata:

desfaz-se a pele
para ser água
que se dissolve
nas deslembradas
sombrias perdidas
do inumerável;

calcina o osso
como diamante,
pedra e cimento
que não se apaga
e para sempre

sua força guarda
no inesquecível
da humana saga.

GENESIS

I

Raiz de um verão árido e sedento,
me fiz ao mundo como planta agreste
e me nutri do húmus avarento
que é este amargo chão dos homens, este
solo dos desirmãos crestado ao vento
dos ódios viciados como a peste;
tive de achar por minha dor o leste,
o sul ou norte para meu intento.
Plantado como Adão num paraíso
de desencantos, só me não negaram,
podre, a maçã da árvore proibida.
Amanheci no Dia do Juízo.
Sofri a cruz a que me condenaram.
Mas te provei, ó denegada vida!

II

Tua beleza renegada e doce
fui aprendendo a degustar, profundo
sabor, com o apetite de quem fosse
tendo a coragem de inventar o mundo;
tinhas um travo por que revelou-se
o céu do inferno no esplendor imundo,
tinhas o mel do sofrimento atroz se
lhe não desse sentido o mais profundo
aprendizado de viver que é pena
de quem viver recebe como graça

para subir do chão até à altura
de si próprio, em que a dor já é pequena
e tudo que é menor aos pés lhe passa
e onde a seiva do sangue se faz pura.

III

Palmilhei o caminho descaminho
de que se tece a humana encruzilhada,
comi o pão amargo e o doce vinho,
o fel do tempo e o mel daquela hora;
atravessei o grosso mar do nada
e a montanha em que a neve faz seu ninho
e se respiram pétalas da aurora;
passei nos desvãos do descaminho
e nas veredas da serenidade,
mordi frutas silvestres, colhi rosas,
rasguei os pés nas pedras afiadas;
plantei meus latifúndios de ansiedade,
e ao fim de tantas safras prodigiosas
fui um servo de glebas inventadas.

IV

Olhei o sol do amor ferir-me o olhar
quando tive a coragem de fitá-lo
e de repente o sol fazer-se luar
sobre teu corpo nu e devassá-lo,
revelar teus segredos que ainda calo
por não saber palavras de os contar:
ó chão maduro para me plantar,
terra, floresta, grutas, montes, vale, o
país do meu ser, ó pátria amada
onde da morte diária me levanto
na primavera em carne de mulher.

Ó paisagem do céu vista e tocada,
violino de espasmos do meu canto,
praia fértil da espuma do meu ser.

V

E, por não só do pão viver o homem
e nem só do vinagre da tristeza,
colhendo fui também a árdua beleza
de que se nutre a outra nossa fome, em
espigas da razão, heras que sobem
muito além dos sentidos, da vileza
dos apetites materiais que comem
a melhor intenção da natureza.
Segui pelas veredas perigosas
que as coisas nos revelam mais obscuras
além das sombras vãs e mentirosas;
me cravei da verdade, árduas e puras,
essas sublimes setas venenosas
que dão sentido às nossas vãs procuras.

VI

E quanto mais de mim se aproximava
aquele que de mim ia eu tecendo
o novelo dos sonhos desfazendo
(a que preço, meu deus, e me sangrava
o humano ser) e quando mais a escrava
corrente conseguia ir desprendendo
e as montanhas terríveis escalava
lá onde enfim meu ser iria sendo;
quando mais me negando eu me afirmava
e aprendia a fazer de espinhos rosas
e apetecia só ser quem eu era
mais quem eu era a vida me negava,

e mais se me faziam enganosas
esperanças de amiga primavera.

VII

Assim me fui fazendo até o quanto
agora sou (metade do que eu fosse?),
face que já crestou o amargo pranto,
meia-alegria que é tristeza doce,
discreta melodia do alto canto,
promessa que é só véspera da posse,
impulso aquém do gesto que se esboce,
deslumbramento que perdeu o encanto;
mas, por trás do crepúsculo que existe,
escondido naquele que se mente,
preservado ao disfarce que me visto,
pulsa quem me salvei desse contágio:
bicho da terra que palpita e sente
e é uma rocha de sonho sem naufrágio.

BREVE MEMORIAL
DO LONGO TEMPO

1ª edição: São Luís: Edições Sioge, 1977.

2ª edição: São Luís: Edições Sioge, 1978.

Em Poesia reunida. São Luís: Secretaria da Cultura do Estado
do Maranhão; Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

Dezoito mil dias e noites não são tarefa suave para o menino que veio ao mundo nesta bela cidade de São Luís para tontear seus olhos de sol tropical e salgar seu tempero humano no mar que invade a Ilha. Por isso, quando os completo, pouco mais tenho para oferecer aos convivas desta humana aventura do que este “breve memorial de um longo tempo”, testemunha do homem lutando para ser fiel a si e a seus irmãos. O poema quero, pois, que seja uma taça imponderável de testemunho, solidariedade, e convite à meditação do compromisso que a todos nos justifique de estarmos vivos. E ainda, sob a angústia, o brotar de esperanças que à vida alimentam.

Do alto da ladeira do seu tempo vivido, o menino que resistiu a tudo vos assegura:

— Amanheceremos a existência!

Mãe, olha o limão nos meus olhos
que eu quero ver.
Não acarinhe meu choro
desatado de recém-nascido:
preciso me acostumar
ao grande réquiem da vida.

Há cinqüenta anos estou
nascendo e hoje
antes que a morte me proíba
de recenascer as manhãs,
quero ver a chorar outra vez
pela primeira vez e sentir o gosto
da vida, pela outra primeira vez,
como um doce leite materno
e outra primeira vez
escutar as palavras e aprendê-las,
os gestos e copiá-los,
ser coberto pelo manto da ternura
e manipulado pelas mãos da ciência
para que viva.
E viva para que seja um Homem,
e seja um Homem para que sofra e saiba,
e sofra e saiba para que pense
e pense para que multiplique
em mim a vida humana.

Agora que já foi protegido
o indefeso, que ninguém cuide
excessivamente dele. Deixai que a vida
se encarregue disso. Soltai-o que já anda
e pois saberá (deverá) achar
o(s) caminho(s) com e sem volta,
as avenidas e os becos do ser,

a vereda da noite que amanhece
e o atalho da manhã que anoitece.

Deixai que aprenda o gesto irmão
e o palavrão,
o carinho
e o grito,
a dádiva
e a recusa,

o uso da faca
e o como se lhe escapa,
a ótima intenção
e a contrafação,
a ternura da mão
e a espessa paixão,
o sim e o não.

Não, isso não é ontem nostálgico:

é o ser revisitado
em sua origem.
É o ser remeditado
à procura
de si, também procura
do mistério que o cerca.

Reandar o caminho
para medir na própria caminhada
a viagem geral:
não o mundo na dimensão pessoal
— micromundo — mas minha dimensão
no vastomundo.

Fazer de mim apenas ponto
de onde ver, viver, teimando
em acertar as batidas

do grande coração universal
 com meu atropelado coração
 de angústias próprias e alheias.

Renascer para medir.
 Medir-me no mundo,
 fazer-me dele
 para que seja meu
 e o meça e meça-me
 multiplicado.

Não dá

.....

De que

Reviver, resser:
 reandar, reaprender,
 reamar, redesamar,
 ressofrer, recantar,
 rever, ressonhar,
 recompreender,
 reesquecer,
 lembrar.

De vez

De passo a passo
 no compasso
 do passo menino:
 dar novamente a mão a quem ensina o passo,
 reouvir quem ensina a música palavra,
 refazer gestos espelho de gestos.
 Reinventar a vida.

de

O primeiro amor infinito
 no b...á...bá da carne alva
 da doce normalista
 que sentava no colo

o menino que fui, no calor
de cujos seios aprendi
outro sentido à carne feminina.
Ó aulas lentas passando tão rápido
na sala do sobrado. Ó tardes
benfazejas de inverno porque retínheis
o inofensivo amante
junto daquele corpo em que os verbos
da carne estavam todos conjugados.
Ó saudade de meu ser adjetivo
junto da mestra substantiva
que sabia tão bem colocar os pronomes
como valer-se do meu corpo infantil
para amornar os seus desejos.

Ó mestra iniciadora de minha filosofia,
a somar o saber com o bem,
ternura e gramática,
a plantar na infância que hoje faz 50 anos
estes vícios que sempre te homenageariam:
ler e amar.

Vi-te, afinal, tanto tempo passado,
outro dia na rua: cabelos
brancos — vovó virgem —
o mesmo porte de antigamente,
as pernas ainda belas,
os seios ainda levantados,
serena, a pisar o chão de nossa multidão
e dos teus isolamentos.

Por que não me colocas
novamente em teu colo
e ensinas teu consolo
às minhas discordâncias
como fazias quando
eu errava orações?
Por que, com teus perdões
e teu sorriso brando
não me ensinas respostas
às interrogações?
Não dás ponto final
às minhas aflições?
Por que não me sufocas
o choro que não choro
com a ternura que evocas
colhendo-me em teu colo?

Ó que saudade
de palmeiras e pássaros
da viagem no trem lento e difícil,
do bonde a burro,
da balsa sobre o rio
e do leite mugido
e da jibóia flutuando
com o boi apresado,
do roteiro, a cavalo, pra fazenda
e da surpresa
dos corpos femininos nus no rio
(alguma coisa em mim vibrando sinos
pela adivinhação de futuros delírios!)
e a tepidez das águas sob a sombra
de árvores generosas;

e as tardes dos primos no balanço
das rangentes redes.

Que saudade do tempo e mundo inocentes
em constraste distante
com a civilização das máquinas da morte;
que liberdade junto à natureza
enquanto a Liberdade
dos códigos, dilacerada
pelas bombas, explode
nas Espanhas de ontem
e Vietnãs de agora.

Da janela alta do sobradinho
da rua do Passeio
onde todas as tardes via passar,
menino, minha adolescente namorada
em cujo sorriso vespertino
construí os mais belos casos de amor,
vi, também, certa madrugada,
na hora do padeiro e do leiteiro,
o apressado e tenso
rumor de soldados em Revolução. Era 32.
Mas não houve um tiro. A luta era longe.
De tarde já a mesma paz:
Batalhão Federal e Polícia Militar descobriram
que lutavam do mesmo lado. Pouparam-se tiros
e vidas. Guerra mesmo
houve, nesse ano, de confetes e serpentinas
e lança-perfumes que quase me afogam
no deslumbrante corso.

Ó carnavais de então!
quando Carolina

você era o meu amor
mas agora moreninha
a taça é tua,
e ricos brancos pobres negros
se batucam libertos
por três dias
em suas fantasias
nos blocos e nos clubes e nas ruas.

Adeus. Lá vou
para o exílio português
navegando pelo patriotismo de meu pai
que desconfia das letras brasileiras
e gostaria que todos os filhos
nascidos no Brasil fossem bons portugueses
até no sotaque com que ele resistia
aos seus sessenta anos brasileiros.

Lá vou nesta Nau Catarineta inglesa,
moderna e confortável, de potentes motores
mas que em mim não foge às velas
com a cruz-de-cristo em sangue
de minha navegação inventada:
eu, pirata e descobridor.
Lá vou, maternamente protegido,
para as aulas rurais
e o esguio e sábio mestre
e as frutas nos quintais
e o gato angorá nas tardes preguiçosas
e macias de um tempo
em que eu não entendia
por que os meninos tão iguais na escola
tinham fora da escola destinos tão diversos.

(Depois, tantos anos mais tarde,
entendi. Sobretudo quando encontrei
Antônia, que fora minha ama-menina,
como puta em Coimbra...)

Onde estão? Onde estão os amigos
plantados no caminho viajado?
De uns sei, de outros jamais.
Dos que sei: como nos disparatou a vida,
a nós, tão iguais na aula e na bola.
Alguns levou a morte, outros a sorte,
e tantos do que eram se perderam...

Meu bom aprendizado lusitano
além-exílio conventual:
o longo e próximo convívio
com as coisas naturais:
campos, a faina dos plantios,
o cantochão das mulheres na tarde

(“O meu coração
é de pedra dura,
é como a laranja
quando está madura”)

os pés esmagando o vinho no lagar,
a lagoa ajoelhada aos pés do povoado
e a passagem da leitura ao sonho
na solidão dos pinheirais
com os quatro Fernando Pessoa
por infinitos companheiros.

E os torresmos, o vinho, a trigamilha,
o gesto de podar, de amanho os cultivos,

de conversar com as macieiras
e maldizer pragas da couve,
e o grande tronco, os braços invencíveis
do avô lavrador-lenhador,
analfabeto e sábio,
cheio de saber de vida
junto ao qual como nunca mais
conheci minhas raízes
e o mistério dos laços
da descendência. Que bom calor, avô,
o da tua lareira em pedra e barro
sujos de fumaça
a crepitar de densa humanidade
contra a neve no corpo e na alma;
que máscula ternura
em tuas poucas densas palavras
que ecoam até hoje
pelas furnas dos meus graves silêncios.

E fazia verão e havia frutos.
(Os frutos ainda há. E o paladar?)
E havia canções pelas colheitas
e coração maduro pra cantar

e as ingnuas intrigas das aldeias
tecidas com amor sob o luar
e pão suficiente no celeiro
e vinho nos tonéis a fermentar

calor humano e humanas energias
para aquecer o áspero inverno.
E nessa doce paz iam-se os dias
fazendo anos e era um tempo eterno.
(Minhas pequenas mãos sabedorias
pequenas transcreviam no caderno.)

Ó meu deus que mundo difícil,
que lição árdua para meus
oito anos de então, cinqüenta de hoje,
aprendendo a ler o mundo
em títulos de morte nos jornais,
nas revistas onde floresce

em lugar do perfil da natureza
a rosa das granadas.
Como entender o cristo do catecismo e
o enredo da solidariedade,
lendo e vendo os homens
revestidos de garras mortíferas
se estraçalhando como feras?

E o terror daquela voz histérica
a uivar deutchland
no mesmo maravilhoso microfone blaupunkt
em que ressoavam adormecedoras
as mais ternas e suaves melodias?

Como aprender essa confusa
lição de fantásticas descobertas
para salvar a vida humana
que nos campos da morte
estava sendo, sabiamente,
convertida em gordura
para fins industriais?
Como entender arranha-céus
se aproximando às nuvens

e o coquetel de caviares
e os rollroyce de ouro
quando o bairro vizinho

vegeta sobre a lama
e como os excrementos
de sua própria fome?

Que confusa lição para meus oito
anos de então, cinquenta de hoje!

E as classes conscritas, os avós
e seus netos nos mesmos uniformes,
todos no mesmo passo das batalhas
treinados para o mesmo morticínio
e os gênios convocados
para inventar mais morte,
e a morte a galope no horizonte.

E a vida, o amor,
a esperança?

E botas, bombas, massacres,
acionamento, sangue nas manchetes,
nações estraçalhadas e humilhadas,
e o estupor da ameaça
do terrível milênio,
e os fuzilados e os maquis
e as resistências.

E a Esperança!

Tio Carlitos me ensine o paladar
do enfiador de sapatos
— macarrão dos miseráveis —
para que eu possa
ser solidário com todas as fomes;
me ensine a resistir

ao uso generalizado dos homens
como peças da grande engrenagem;
me ensine com seu passo espalhado,
sua bengala inagressiva,
sua ridícula cartola
a quente solidariedade
aos miseráveis e sofridos.

— Urgente: enquanto é tempo
me inclua na sua lista de Carlitos
pois já rufam tambores, já estrugem
os clarins do anti-homem,
já legiões com águias suásticas
levantam joelhos e reboam grossas
botas esmagadoras
sobre a indefesa Europa,
as Áfricas e Ásias;
já aves de rapina e de metal
rosnam e grasnam em todos os céus
ensurdecendo o azul
com seu rumor de morte;
já a Inquisição Nova sacrifica
milhões na cruz da câmara de gás.

Que aprender? Nessa teia de aranha
como saber se é noite ou dia,
o direito e o avesso,
a cara e a coroa?

Só retornando sempre
à sábia inocência da infância
para rever, reentender, redecidir,
rejulgar
já que não é possível

reentrar
no paraíso intra-uterino
para viver sem sofrer (ser).

É preciso alimentar o coração
a que só servem náusea
de um sangue incorruptível
e fundi-lo em diamante
para que não se parta ou se dissolva
entre ácidos de angústia
e de revolta.

O órgão estava então gemendo
as dores do mundo
e o incenso
enchia a nave da catedral
do perfume asfixiante
dos te-déuns e dies irae,
o céu e o pecado vizinhos
no aprendiz dos caminhos de deus;
o exilado, triste nas imaginações
e lembranças,
a desaprender o deus do catecismo
nas razões da filosofia;
o exilado
só em si, frio
de invernos severos,
a disfarçar seu desterro
nas árduas conjugações
e equações que sujam os cadernos
entremeados de poesia.

Ó, eu chorando por mim na tarde úmida
sob o véu comovido da chuva.

Minh'alma tinha palmeiras
onde a ave do paraíso
vinha cantar ladainhas
para meu ser indeciso.

Minh'alma tinha palmeiras
onde o demônio da vida
também mandava seus pássaros
cantar uma outra cantiga.
Minh'alma tinha palmeiras
e vozes de céu e terra,
desafiantes melodias
que punham meu ser em guerra.

O sabiá do meu corpo
desafiava o de minh'alma:
meu ouvido era de terra
e só um canto escutava.
Do Penedo da saudade
lancei os olhos além.
Sonho meu de eternidade
com saudade rima bem.

Ó sombras das Torres de Anto
dos choupais da beira-rio:
que é dessas sombras que à tarde
convosco se confundiam
e ao ar as vozes erguiam
e as mãos erguiam no ar?
Sem saber por onde iam
aonde iriam parar?

Ó capa preta, manto da noite
enrolando-me os sonhos, ó pedras sábias

que D. Dinis ergueu em templo
à deusa ciência. Ó Coimbra,
inteligência romântica de um País
sentimental, fonte de santas heresias
a pulsar para sempre
nos corações que um dia
na água de tua fonte os lábios jovens
embriagaram.

Como entender o mundo? Mil verdades,
sofismas, teorias salvadoras,
braços erguidos, corações em chama,
ululantes aplausos, punho erguido,
bandeiras, brados. Árdua, a solidão
de quem isento pára, isento pensa
e procura a verdade sem facções
como o naufrago busca
a praia, a vida.

Ontem e hoje assim. Nos verdes
adolescentes anos ou cinqüenta:
como entender o mundo?

Ó vida, minha deusa,
por que me abandonaste
no tempo desumano?
Quando meu vizinho
se curte do ódio
do que estou pensando;
quando cada rua
em vez de vizinhos
mão e mão se dando
facções inimigas
na teia de intrigas

vai multiplicando;
e espiões, delatores
inventam suspeitas
te denunciando;
cada coração
partido em partidos:
ninguém é irmão.

Dindinha, Santoca, Juquinha, Nhanhá,
paladar brasileiro do amor familiar
reencontrado. Avó, mãe, tias
mas um caminho só, a mesma
sabedoria do amor materno multiplicado
em fala e gesto,
em banho de cheiro e bolo de tapioca,
em reza e promessa,
em conselho e zelo,
em aviso de perigo e vigília noturna,
em verdade ensinada e mentira protetora.
Os tios maduros de vida humanizada, os irmãos
tão outros pelos efeitos do tempo.
E o pai severo.
A família reagrupada na metade do século
e hoje tão dispersa sobretudo pela morte
e os efeitos maléficos da ausência
das matrizes que lhe eram seiva e alento.
Ó solidão sem retorno!

Meu mundo vivido lido, lido vivido,
devoradamente consumido em milhentas
páginas, meu segundo mundo
que de tão nele inserido
nem mais sabia (e sei?)
qual o real ou irreal

ou reais ambos,
ambos irreais.
Ó páginas paisagens
palpitando vidas
a convidar-me que as vivesse!
Em quantos me vivi
a desviver a vida que eu vivia.
Quanta vida aprendi vivendo a alheia
vida inventada. Assim me envelheci
tão precoce em meus dias:
Sei de coisas e sei que nada sei.
E do nada que sei me viverei!
E o que sei? De quanto vi, ouvi,
li, senti, vivi, imaginei?

Que a terra cumpre seu ofício
e a lua o seu ofício
e o sol o seu ofício
e o Homem, não.

Que cumpre seu ofício o chão
ao germinar a planta
e a ave quando voa e canta
e o tempo de inverno e verão
e o Homem, não.

Que cumpre seu ofício o mar
nutrindo nossa fome, e o vento
que enfuna a vela ao navegante intento;
noite e dia em seu rito pendular.
E o Homem, não.
Que exerce seu ofício natural
tudo que pulsa ou não,
é necessário ou vão,

sangue ou metal.

E o Homem, não.

A pedra, o pão, sol e luar,
a água, a terra, o fogo, o ar
cumprem, sendo o que são, seu plano.

E o Homem: desumano.

Décadas de 40 e 50. Tempo
de colher os sonhos com a mão
e sentir seu gosto. Tempo
de aprender por completo
a sintaxe do sexo. E de exercer
o direito de inventar amanhã
como se o futuro
pudesse ser moldado em barro
por uns poucos oleiros.

Tempo de plantar
as grandes amizades. Tempo
do amor profundo e denso
como um naufrágio fértil.

E tempo de mergulhar
minhas raízes mais profundamente
nesta salsugem
de insular marinheiro
na gávea dos sobrados
e de impregnar o corpo de minha alma
das dores tropicais
da gente que se nutre
de sua própria fome.
Tempo de encontro com a Poesia,
única humana salvação.

Tempo do primeiro livro alimentado
na placenta de jovens angústias.
E do primeiro filho em que me recém-nasci!
Tempo de multiplicar-me: filhos,
minhas manhãs,
meus sinos, meus sábados de ressurreição,
minhas aleluias, meus álibis e absolvições,
excessivo pagamento da minha incompetência
de operário da vida.

E também tempo
de guerra fria, de Mundo
partido em ódios, de terror atômico
— espada do juízo final,
imensa ave de rapina
sobrevoando o Mundo.

(Apesar do calvário
daquela cuja dor
e despedida
a todos nos crucificou
para sempre. E por quem
tanto de mim morri
que para sempre
em mim, dentro de mim,
meus sinos dobram).

E outros sinos dobram
sobre estas vidas podres
que se espraíam
neste colar de palafitas;
a renda da miséria
a enfeitar de protestos
a próspera cidade

dos que lucram e comem.

E meus olhos
com a miopia das lágrimas
desta amarga paisagem
buscando divisar,
para além da falência
de verbosas falácias
de entronados pavões,
o tempo em que os humildes
possam ser exaltados
e os pobres não sejam
só no reino dos céus
os bem-aventurados.

Por que a morte pequenina,
por que a sorte assim mofina,
por que a palavra ferina?
Por quê?

Por que o gesto que castiga
e a solidão que fustiga,
desamor que desabriga,
por quê?

Por que a angústia de quem come
só a solidão e fome
e outras tragédias sem nome?
Por quê?

Por que a laranja da vida
pela mão geral colhida
desigualmente partida?
Por quê?

Ó quanto de mim morto

nos vietnãs da Ásia
e da minha alma
e de minha cidade
e minha pátria.
Ó século sessentão e setentão,
rio de tempo lamacento
de angústias e de túmulos sem cruzes
e de corpos boiando suas fomes
e sonhos no sepulcro do silêncio,
rio que me navega
e que navego
sem âncora nem porto.

Ó rio de estagnadas águas sujas
onde florescem os piores ontens
travando guerra com as águas limpas
dos amanhãs brotando em fontes
de lágrimas e dores
tão puras como a melodia beatle
e o canto dos sabiás sobre as palmeiras.

Viajei tão longe, corri tais caminhos
de mim mesmo e alheios, gerais e vizinhos,

chego ao fim de mim sem achar começo
que já me procuro pelo meu avesso

e mais avesso fico do quanto me cerca
e só sou achado quanto mais me perca;

sinto-me um navio que saiu do porto
e se perdeu sem bússola no grande mar morto

sem vento nem vela sem rumo que leve
a roteiro seguro por caminho breve;

só, breve e seguro, vejo que naufrago
no mar de mim mesmo, profundo e amargo.

E os agoras?
Em tanta coisa má
iguais a outroras:
a multiplicação de pão e fome,
muito mais numerosa a solidão,
a praga da injustiça e a garra adunca
do ódio vicejando como nunca
e o homem lobo — rei dos animais —
devorando os iguais.

E em cada esquina
a palavra ou arma
assassina.

E em cada beco,
a palavra ou arma
de medo.

E em cada porta,
a angústia de bater
sem resposta.

E em cada coração,
a expectativa
do não.

E em cada boca,
o hálito do amor
sem outra.

E em cada olhar,
mensagens que não vão
chegar.

E nos braços,
a cruz de nossos
calvários.

E em cada gesto,
o temor do outro
funesto.

Ó meus 18 mil dias e noites:
que tempo breve, que infinito tempo
e quantos amanhãs tornados ontens,
quantos sonhos tornados obsoletos
e a herança só de filhos e sonetos.

Ó que magníficas derrotas
contra a náusea de pérfidas vitórias,
quantas partidas para o só regresso,
quantos sonhos tornados obsoletos
e a herança só de filhos e sonetos.

Quanta paixão sem lenitivo,
quanta dor sem perdão e alívio,
quanta esperança sem motivo,
quantos sonhos tornados obsoletos
e a herança só de filhos e sonetos.

Mas também certa melodia
de palavra e intenção amiga,
raro afago à minha fadiga
enriquecendo sonhos obsoletos
e a herança só de filhos e sonetos.

Ora, nem tudo foi em vão
se fiz a dor florir canção,
se, de meus sonhos obsoletos,
pobre, só filhos e sonetos,
fiz música em teu coração.

É preciso viver quando se é vivo.
E para se ser vivo
— vivo ser —
é urgente a cada dia renascer
do ventre da mãe-vida
mesmo para ser cristo
nas manjedouras desta natureza
e humanidade poluída.

E assim, recém-nascido,
viver em cada dia
o tempo e o modo de uma vida.

Sem se deixar
deslumbrar
com as manhãs,
porque anoitece.

Sem se deixar
anoitecer,
porque amanhece.

E, em meio a tantas noites,
guardar em si um sol
para ver e cantar
e sofrer e sonhar
e ajudar a plantar
as manhãs de amanhã

quando o Homem
qual a árvore e o inseto
se cumpra
em seu projeto.

O menino
de 50 anos contempla
o menino de 20 anos
que contempla
o menino de 8 anos
que contempla
o recém-nascido.

Qual o recém-nascido
se viver
não é sobreviver
mas conseguir nascer
das próprias mortes?

Foi um tempo de morte
mas continuo vivo.
Urge, então:
recém-nascer,
reandar, reaprender,
ressofrer, recantar,
rever, ressonhar,
recompreender,
reesquecer e lembrar,
resser e reviver!

Passo a passo
no compasso
do passo menino:
redar a mão a quem ensina o passo,

reouvir quem ensina a música palavra,
refazer gestos espelho de gestos
e me reinventar
reinventando a vida.

Mãe, entre tuas-minhas dores,
teu antigo menino
está recém-nascendo.
Não esqueças o limão em meus olhos
para o ácido dom de ver
ainda que seja a morte:

O poema não morre.

O amor não morre.

São Luís, janeiro 1977

CANÇÕES NO EXÍLIO

1

Se cantar não ajuda
que a primavera seja muda!

2

Queira ou não queira,
tente dizer ou cale,
seja sincero ou represente
nunca vi qualquer mão se estender cordial
ou outro gesto de gente...

3

O Homem era o mar.
Alguém, ao navegar,
desceu a sonda ao fundo.
Lá onde mais profundo
e a água mais clara,
o coração se derramara...

4

Estavas linda e leve
caída à beira d'água.
Silente como a neve
e sem sombra de mágoa.
Era mansa e serena,
tua pele uma gaze.
Deitada, nua e apenas
não eras carne quase.
Apetecias, sim,
como um pomo
de sonho.

Mãe,
escrever-te para quê?

Para contar-te aquilo que já sabes?
Para explicar-te aquilo que já sentes?
Só te posso dizer que amor não mente.
Que em nada deste mundo cabe.
E nada vale o espaço ser espaço
porque o silêncio
vence-o.

5

Eu já sabia
que teu amor não viria.
Maldita a primavera que mentiu,
maldita a flor do campo que floriu,
bendita a noite que avisava
e meu demônio que escutava
aquilo que em mim dizia
que teu amor não viria.

6

Canta a canção mais mansa,
canta porque eu escuto.
Que tua voz me chama
transpondo qualquer muro.
Canta, canta, criança,
canta mesmo sem voz.
Adivinhar não cansa.
Entenderemos nós...
Canta a canção mais mansa
enquanto somos nós.

7

Cai a última pétala no caminho.
Um desengano passa como um rio.

Há margens murchas, frias e cansadas
Duas pombas abrem de manso as asas.

Há um vento leve, lento e sonolento.
Há um acenar de saudades, como um lenço.

Cai a última pétala no caminho.
Passa leve o destino com suas mãos de menino...

8

A terra diz-me que me está nas veias
na seiva fértil de que as trago cheias
e eu sinto-a e acredito.

Do além de mim, porém, alguém proclama
que de além vem a chama
em que me agito.

E eu hesito:
— Qual a voz do profeta e das sereias?

9

Horas e horas de estudo,
calado, mirrado e mudo
sugando papéis pintados
com gestos desesperados
com que agarram naufragados
as tábuas de salvação.
Renegar o sol e a vida
e ter, no fim desta lida,
certeza de não passar
dum conjunto celular
mais não-sei-qué glandular
com funções de secreção.

Sensação de não poder
erguer uma só canção:
enjôo de se saber
uma simples reação.

10

Ele passa,
ela passa
e vão trocando o ar de sua graça.

Depois
noturno para dois.

A promessa floriu:
alguém, que desse convergir surgiu,
passa,
outro alguém que esse alguém atraiu
passa
e vão trocando um ar de sua graça...

11

E nem já o sol havia que se desse
nem flores para o receber abertas,
nem as chamas no peito — amigas certas —.
Mesmo o trigal que ondula e enloirece

o nosso olhar, vazio nos deixara.
Já nem lugar havia para em cimos
reais-irreais, que nunca daqui vimos,
sonhar um despertar de manhã clara.

Nem madrugada ou noite ou meio-dia
nem tristeza, nem tédio ou alegria:
só a vida medida e acautelada.

Só o tempo escoado em mim e o resto:
água mansa filtrando-se de um cesto.
Isto, só isto ou nem bem isto. Ou nada.

12

Cantava
e do seu peito se erguia
alguma coisa que entrava
dentro de nós:
era o calor humano que subia
daquela voz.

Sorria
e seu sorriso dizia
uma alegria
tão verdadeira
que a bebia
a alma inteira.

Abraçada
a um tronco de árvore florido,
naturalmente enfeitada
era
também um vicejar de primavera
incontido.

Erguida
flor de promessa! Fonte
lá no alto do monte
a escorrer vida.

13

Neste trem sigo,
nele caminho rasgo.

Vou passando.
Deflorada, a paisagem vai ficando.

Em tudo
o velado sentido que se explica:
sou esse trem que passa
e minha vida a paisagem que fica.

14
Nunca um sino gemeu como eu queria.
Nunca uma paisagem me foi o que devia.

Nunca uma flor floriu como eu a amara.
Nunca a manhã me foi suficientemente clara.

Nunca um olhar me olhou como eu quisera.
Nunca ninguém me disse o que eu (se o fora) me dissera.

Nunca num cais me acenou saudosamente um lenço.
Nunca nada me foi aquilo que o penso.

15
Nunca
a sua garra adunca
me crave
essa maldita ave...
e entrave
a minha trajetória.
Nunca eu seja um animal
excepcional.

Absorto e mudo
seja eu secreto como tudo
que existe

e como tudo absurdo:
nem alegre nem triste.

frio
como o correr de um rio
leve.
Cidade sem terá ou teve.

Nem coragem nem medo:
só segredo.

16
Aquela derradeira confiança,
aquela ilusão última caída,
aquela boa promessa mal cumprida,
aquela sensação de quem já cansa...

O aguardar e aguardar uma outra vida
sempre longinquamente prometida.
Abraços impossíveis dessa mansa
“alma minha gentil” sempre em esperança.

Meu mago gesto, por que assim caíste?
Meu genial coração, por que paraste?
Por que fugiste, cruel, covarde dor?

Olhos meus, por que não sois lança em riste?
Poço sem fundo de meu esforço em flor,
estrada doida, afinal, por que acabaste?

17
Hoje, ontem, amanhã e sempre até o fim:
Eu
fugindo de mim com medo

de desvendar o segredo
por que anseio
e que receio.
Fugindo aos outros, temendo
serem afinal o espelho
do que me afasta de mim.

Eu,
condenado e forçado
a ter-te, Terra, a meu lado
e ver no pisar-te pecado
e sentir-me asfixiado
de olhar em branco pro céu.

Hoje, ontem, amanhã e sempre até o fim.

18

Não é porque a desmereça
(sei que ninguém A merece)
nem mesmo porque Dela me esqueça
a uma outra luz falsa e louca:
julgando minha alma pouca
nenhuma Paz a ela desce.

E nem eu quero que desça...

19

Bastava que eu dissesse: — Seja assim!
indiferente a mim,
de alma anulada e entregue
bastava que avançasse para o centro,
ou pra direita,
ou pra esquerda
e seria um Honrado Cidadão.

Bastava.

Mas o que o Anjo em mim marcou a fogo?

20

O retrato mentiu porque dizia
à família que em volta o olhava
que eu era só o que estava
naquela fotografia.

Como a todos enganava!
Que, afinal, o que se via
não era mais que a cisterna
onde a minha face interna
se escondia.

E essa face ninguém via.

Portugal, 1945/46

VIOLA DE AMOR

Já é tempo para cantar o Amor.
Sinto que nasce em mim a melodia;
canto da ave que me despertou
quando o canto em nós dois amanhecia.

Já é tempo para quebrar silêncios
com a ribeira da canção que nasce
do teu olhar em que fiquei suspenso
vendo o sorriso te banhar a face.

Já é tempo! Chega de espera, maduro,
meu coração tem a canção
como a árvore tem o fruto

pronto para rolar no chão.
Sobe a maré do canto puro —
— canta, de Amor, meu coração!

CANTAR

Cantar de puro amor! Cantar de vivo
amor e violento sentimento!
Deixar, um pouco, o frio pensamento
ser dobrado ante o coração esquivo.

Cantar de coração — doce moinho
que o vento do amor desassossega
e onde o trigo de amar se verte em fino
filtro de amor que ao mais atento cega.

Cantar como se a voz fora uma fonte
e o peito de onde jorra um alto monte
e tu foras a boca sequiosa...

Cantar pelo que vem de teu encanto,
para que, no espelho do meu canto,
tu vejas como és — nítida rosa!

FONTE INCESSANTE

Fonte incessante do amor, cantando
em mim, a cada instante, docemente,
tenhas tu um rumor de água corrente
por entre brandas margens deslizando

e chegues onde, suave e posta a mente
em coisas que são de se estar sonhando.
ELA tem seu repouso e está contando
ao silêncio o que só a amada sente.

Fonte incessante do amor, desfia
o fio puro da canção que, um dia,
no monte de meu peito cresce, ondeia

e suave ribeira mansa e clara
vai até onde, descuidada, a rara
pastora seus cuidados pastoreia.

I

Em mim resides, pequenina ave,
em minha casa doce como um ninho.
Árvore entregue ao vento, me balançam
os ventos quando, em berço convertido

te embalo ao som do rio que dissolvo
em mim, para que, barco feito o berço,
nas ondas continue o movimento
para o país do sonho endereçado.

Vai, ondulante, ao som que, claro, teço,
 infante corpo de menina onde
 se guarda a melodia que responde

à voz que para ti chega em espuma;
 azul som de trombeta além da bruma,
 apelo na distância que te esconde.

II

Fosse eu o mar, com fúria te amaria
 e em ondas de ternura te afogara.
 Fosse eu o mar, oh minha doce amiga,
 e com músicas largas te ninara.

Fosse eu o mar e em conchas te daria
 a água de ternura pura e rara.
 Fosse eu o mar — teus sonhos embalara
 entre o azul e a úmida alegria.

Fosse eu o mar... Ou fosse uma floresta:
 no tronco de meus braços te prendera,
 de folhas te adornara e, à viva festa

dos cheiros materiais, os teus cabelos
 se fariam mais úmidos e belos!
 Mas que sou eu, ó minha primavera?

* * *

Maduro está o mês, maduro teu
 sorriso manso e doce, tão maduro

como teu ventre puro como o céu
tão longamente azul, sereno e puro.

Maduro está o vento, que tangeu
o navio das nuvens e o obscuro
país do sonho irrompe e vem de seu
esconderijo florir, vencendo o muro.

Nossas palavras são maduro trigo,
maduro está o meu olhar de amigo,
o silêncio é maduro e a canção.

Maduro o amor em nós é re florida
safra crescendo farta quando a vida
amadurece em nosso coração!

MATERNIDADE

E, novamente, tuas mãos pequenas
repousam em teu ventre acariciando —
Ó chão da vida! — mansas e serenas,
a vida que da vida vem brotando!

E, novamente, teu olhar amigo
fala de coisas com que está sonhando
e o sonho vem de teu sorriso brando,
brandamente, até mim, brincar comigo.

E novamente já não és apenas
a amada das morenas mãos serenas:
com ramos de carinhos enfeitada,

de beijos como flores revestida
 que serão fruto, és mãe — raiz sagrada,
 prodigiosa árvore da vida!

SAUDADE MARINHA

E entre nós era o mar. O mar perdido,
 longínquo, soluçante, ilimitado
 e azul, como a canção de ser amado
 e longo como o olhar em ti vertido.

Das nuvens o navio desmedido
 aumentava a distância e o som magoado
 do mar adivinhado era o gemido
 que em teu longo silêncio havias dado.

Ó mar sem termo, cessa tuas ondas
 e o distante horizonte e esta amargura
 e este verde soluço de ansiedade,

até que sua música responda
 e eu reconheça a voz amiga e pura
 vencendo a maré alta da saudade.

I

Úmido vento que te vens do mar,
 que palavra de amor trazes contigo?
 — “Úmido trago em mim claro cantar
 que a doce amiga envia a seu amigo”.

E tu, ó coração-leão do mar,
 que soluço de mar gemes na areia?
 — “Recados que manda a virgem sereia
 para o senhor ditoso por amar”.

Voltaí então na madrugada pura,
levai meu coração e esta canção
à senhora rainha da amargura.

Beijai a areia que seus pés pisaram
e a praia onde saudosos demoraram
seus olhos de menina sem ventura.

II

Dizei-lhe que outras praias assistindo
vão às minhas saudades e tristezas.
Dizei-lhe que ondas vejo vindo e indo
carregadas das mesmas incertezas.

Mas contai-lhe também que seu pastor
tem à doce pastora preparado
rebanho de carícias e de amor
qual jamais outro igual foi pastoreado.

Contai-lhe como a espera desespera
a quem o coração sente ferido.
Falai-lhe da infinita primavera

que aguarda seu olhar entristecido:
tanta alegria que fora quimera
não lhe tivera eu oferecido.

O silêncio pende, fruto
maduro, de tua boca.
Como fome desse silêncio
a minha boca estremece.
Ó pomo delicioso
que tem gosto de segredo

e se desfolha em meus lábios:
puro malmequer de vida!

* * *

Volto a ser de minha infância
para sonhar que te ouvi
desbrochando cantigas
que fazem parar as coisas.

Volto a ser de minha infância
para furtar teu cabelo
que era ruivo e se fez negro,
maduro do meu olhar.

Volto a ser de minha infância
e sonho que te sonhei
e eras a pétala mansa
que nas minhas mãos achei.

RIMANCE

Ó lúcida menina, amanhecida
na vida que, perdida, decorria.
Sorria o claro dia!, apetecida
luz, que da minha vida se fez guia.

Ó clara, inesperada rosa amada
que dada e consagrada me vieste —
— só neste canto agreste vais cantada
pois nada mais a fada me concede.

Se fora água sonora este meu canto,
e tanto que o encanto te embalasse,
tua face beijaria em acalanto.

Mas, se isto não consigo, sem disfarce,
apenas nas serenas tuas mãos
deposito, ferido, o coração.

SOBRE O AMOR SEM DESFALECIMENTO

Se te contemplo, recordo
o tempo em que te sonhei
e, sonhada, vens a bordo
de meu sonho, na amurada,
permanecendo inventada
já depois que te toquei.

Guardas, de vires sonhada,
maior beleza real.
Debruçada na amurada,
viajas no desigual
meu sonho, por sobre as águas
do tempo ondulado em mar.

Real, do sonho surgindo,
longe do mar e navio,
teu corpo fico sentindo
tão puro como se viu
no sonho (de que mar vindo
como nenhum existiu?).

Assim sonhada e presente,
tens a graça dividida
que nunca ninguém consente

às formas perto da vida
da forma real, tangente
à forma irreal tangida.

Por isso, de meu amor
meu próprio amor não se cansa
pois a forma exterior
ao pressentir que se alcança
se reveste da maior
jamais tangível distância.

Sonhada, surges molhada
do mar de sonhar teu vulto,
debruçada, na amurada,
no sonhado mar oculto:
fingindo a forma inventada
de que meu desejo nutro...

De sonhar-te com ternura
em tantos anos a fio
foi que tua face pura
de meu sonho assim surgiu:
corpo de mulher madura
que meu carinho sentiu.

E, ao amar-te, vou lembrando
que meu amor não se cansa
de beijar teu gesto claro
que se alcança (e não alcança)
Pois se teu corpo sonhado
consigo aquém da esperança
já me foge, desejado,
teu ser real na distância.

OFERENDA

Aqui, o homem que sou
em latitudes terrestres,
te dirá o que te dou
em paga do que me deste:
te contará o que sou
despido de falsas vestes:

Apenas um homem rude
à margem dos rudes dias.
Coração que não se ilude
com falsas mercadorias
e a quem não dói a atitude
das impuras mãos vazias.

A altura do pensamento
conservada em sua altura.
Nenhum falso sentimento,
pesar das manchas impuras,
e toda a beleza ausente
da (um pouco triste) figura.

Apenas um homem que
não se perdoa imperfeito,
sabendo a loucura de
se pretender sem defeito
e escondendo para si
a dor que leva no peito.

Um homem que vê a vida
com a pequena coragem
de a olhar assim despida,
assim rude, assim amarga,

tendo a vida repartida
pelos irmãos de viagem.

Um homem que apenas sabe
que viver é um dever
de estar presente e não cabe
a homens vivos descrever
da vida se não lhe agrade
a que o destino lhe der.

Um homem: esta palavra
e o que ela tem de amargura,
de travo, desesperada
raiz de certeza e dúvida,
encontros e desencontros,
sol e tristeza noturna.

Eis o que sou, alegria
deste que sou, homem rude
à margem dos rudes dias,
coração que não se ilude
com falsas mercadorias
e a quem não dói a atitude

das impuras mãos vazias.

Se é isto um homem verdadeiro
em tuas mãos o tens inteiro!

CANTIGA

A minha guitarra
se chama poesia
e esta serenata
é quanto sabia

minha mão errada,
ó senhora minha!

Te sonho na alta
janela do amor
escutando em calma
o canto melhor
que em minha garganta
consigo compor:

Que importa meu canto
seja pobre e tímido
se, com teu encanto,
tu paras a ouvi-lo?
O melhor dos cânticos
ficará comigo —
— suave, impreciso.

CANÇÃO

Uma canção
para dizer tudo o que sinto.
Essas palavras — onde estão? —
que ainda não soube mas pressinto
para dizer, na exatidão,
o que é paixão e o que não
cabe nas palavras que minto?

Vem, poesia,
com tua melodia pura.

Esta alegria, esta alegria
se alguém a ouvisse na altura
diria que uma estrela caía

tangendo tímpanos de pura
prata de lei que não havia.

Meu pequenino
coração, corre bem veloz
pelos campos do desatino.
Se isto é destino, minha voz,
canta o maravilhoso destino
que um deus menino
deixou escorrer sobre nós.

Pérola fina
da madrugada que fizemos,
tomba nas mãos dessa menina,
rosa do longe que tivemos —
— um arco-íris se defina
a cor do amor feito de extremos
em suas mãos, pérola fina.

Se amor existe
é este amor, meu cordeirinho
que de alva neve me surgiste
ao contato de meus carinhos.
Antiga flor dormente e triste,
que te desperte o doce vinho
do meu amor que consentiste!

Que direi mais?
palavras loucas, vinde em festa,
dançai de roda as imortais
pequeninas danças de gesta
e sua frente coroi
de flores puras da floresta:

Que minha amada
alva eu a vi, na madrugada!

Menina e moça foste nos meus sonhos
para desabrochar em minha vida:

Ó doce e pura pétala florida!

Menina e moça, teus cabelos soltos
eram árvore mansa de alegria.

Ó rio melodioso de água límpida!

Menina e moça foste nos meus braços
a mais clara colheita recolhida:

Ó trigo amado da melhor espiga!

Menina e moça, vejo que nasci
para banhar teu corpo de carícias

suaves, mansas, leves e tranqüilas.

Ó terra fértil que desabrochei,
ó rio de ternura! Ó pequenina

rosa de outubro a quem todo me dei
para ganhar, contigo, a maior vida!

* * *

Foi o rio do tempo (como é seu
destino ir) sempre rápido, passando

e me deixou esta nesga de céu
que em teu olhar se fez sorriso brando

e me deixou, pousado sobre o meu
coração outro coração pulsando
tão suave, tão leve, doce e brando
que um coração no outro se perdeu.

Outra maré do mar do tempo, vinda
das águas numerosas do passado,
outra maré do tempo aqui é finda

depois de deixar tudo transformado:
Sem mudança, porém, persiste ainda
o meu amor por ti, de enamorado!

* * *

Farei descer um rio de silêncio
onde flutuem tímidas camélias
ao sopro suavíssimo dos ventos
do amor e partirei nas pandas velas

(não do sonho, que o próprio sonho venço
e estas praias da vida são mais belas)
até onde o sorriso tens suspenso
dos lábios puros que o amor revela.

E sobre o rio que de mim se parte
até vosso sorriso, reservado
para meus olhos, flutuando desço

(ou subo?) na corrente inesperada,
buscando em vão a pura forma de arte.
E apenas meu silêncio te ofereço!

ROMANCEIRO DA
CIDADE DE SÃO LUÍS

PRÉ-HISTÓRIA

Na solidão do chão sem tempo
há uma ilha de expectativa,
entre dois rios, como braços,
suavemente recolhida.

Verdes copas e o vento nelas
e os cachos das frutas nativas
e as alvas coxas de suas praias
ao sol do trópico estendidas.

Vizinho o mar com sua espuma,
seu horizonte imaculado,
com sua raiva e sua ânsia,
com seu verde pulmão salgado,
misturando sua maresia
com o acre cheiro do mato.

Vizinho o mar com seu mistério
e o além por ser desvendado.

O mar de onde, por milênios,
tudo que vem é rumor longo,
surdo ou cavo, manso ou severo,
canto chão grave, som redondo
contra pedras, conchas, areias,
interminável apelo em som do
horizonte que não se revela
o mistério profundo e abscondito.

IMAGEM

Vista do mar, a cidade,
subindo suas ladeiras,
parece humilde presépio
levantado por mãos puras:

nimbada de claridade,
ponteia velhos telhados
com as torres das igrejas
e altas copas de palmeiras.

Seus dois rios, como braços,
cingem-lhe a doce figura.
Sobre a paz de sua imagem
flui a música do tempo,
cresce o musgo dos telhados
e a umidade das paredes
escorre pelos sobrados
o amargo sal dos invernos.
Tudo é doce e até parece
que vemos só o animado
contorno de iluminura
e não a realidade:
vista do mar, a cidade
parece humilde presépio
levantado por mãos puras
e em sua simplicidade
esconde glórias passadas,
sonha grandezas futuras.

HISTÓRIA

A alma da gente da terra
era doce como uma fruta:
quem veio de fora
é que trouxe
coisas impuras.

Sob o sol tropical, os homens
se multiplicavam nas mulheres
e dormiam sob as estrelas

com a paz no coração:
quem veio de fora
plantou a semente
da ambição.

Os filhos da terra sabiam
a alegria, eram fortes e bravos:
quem veio de fora
é que os fez escravos.

Os filhos da terra eram incultos,
os que vieram, civilizados:
os segundos ficaram ricos,
os primeiros foram exterminados.

AS VOZES

Polidas pedras, estreitas ruas,
velhos sobrados, velhas torres,
vosso sono é longe e atento:
guarda feitos, memórias, nomes;
guarda gemidos dos escravos
— fome de liberdade entre dores —
guarda os passos firmes e eternos
dos santos e poetas maiores.

Vosso sono dorme por fora
mas é toda atenção por dentro:
sabe de cor velhas histórias,
lendas, verdades de outro tempo
sutil como as densas verdades,
imponderável como o vento.
Este sono é o espelho largo
de inúmeras faces impresso.

Quem conhece as noites de lua
e o mistério que ocultam vários,
já divisou como no espelho
da cidade o passado é claro:
quem pisa as calçadas da noite
ouve — rumor imaginário —
Bequimão com sua revolta,
Vieira e o verbo literário.

Vozes que falam do martírio,
de terror ou de obscuro medo,
vozes que murmuram poemas
ou que se escondem no silêncio
para conspirar liberdades.
Contra o duro trono avarento,
vozes puras como a cidade
cuja grandeza vence o tempo.

FONTE DO RIBEIRÃO

Eu não sei se é de pura saudade,
de mágoa, alegria ou paixão
que há séculos chora
a Fonte do Ribeirão.

Talvez porque a muito amada
menina-moça foi embora
e as alvas mãos nela não banha
é que a Fonte do Ribeirão chora.

Talvez porque o primeiro poeta
que, ali, de versos fez sonora
a noite, é pura cinza antiga,
é que a Fonte do Ribeirão chora.

Ou de uma sóbria confiança
do impossível amor de outrora
se fez esta aguda plangência
com que a Fonte do Ribeirão chora.

Não sei que dor de ausência amarga:
talvez tudo o que foi e agora
só tem um fio de beleza
no que a Fonte do Ribeirão chora.

Escutai-a em noite de lua
e vereis que em lágrimas aflora
o ser da cidade no tempo
quando a Fonte do Ribeirão chora.

PEDRA DE ALMA

De pedras e azulejos,
mirantes e becos,
sobrados e torres
faz-se uma cidade:
ainda mais de alma.

Lucros e interesses,
negócios, comércios,
embarques e rendas
fazem a cidade.
Sobretudo a alma.

Glórias e infortúnios,
vitórias e dor,
aleluia e réquiem
narram a cidade.
Mas, e sua alma?

Pedras tombarão,
torres e mirante,
glórias e desgraças
morrem com a cidade
se o destino a faz
um lugar e nada.
Restará no tempo
a pedra de sua alma.

O SIGNO

Cercada de águas e sonhos,
de glória, de maresia,
a ilha é sobretudo circundada
de Poesia.

Cada ilha só não naufraga
se o horizonte a desafia
e embarca em naus de velas pandas
de Poesia.

Cada ilha só sobrevive
e afirma sua rebeldia
se sabe alçar a pura asa
da Poesia.

Esta imortal ilha maior,
Ilha Grande como se dizia,
há de viver enquanto for
sua a Poesia.

Não há passado passado
(todo o futuro o proclama)
se foi passado na chama
da Liberdade.

O HERÓI

Não há tempo que destrua
a chama desta lição:
morre o herói, fica a pura
memória de Bequimão.

Se o sonho é de Liberdade
e a seiva se faz de sangue,
rosa brotará do chão:
um dia será verdade
o sonho de Bequimão.

Não haverá Companhia
do Grão-Pará & Maranhão
devorando sangue e vida,
vontade, sonho e ação,
direitos, lucros, franquias,
quando o sangue for a seiva
que faça brotar as rosas
do sonho de Bequimão.

Um sonho de Liberdade
que brilha sobre a cidade
e é chama pura que há-de
um dia fazer verdade
o sonho de Bequimão.

Embora tiranos tenham
sorte dos homens na mão
e possam trincar-lhes a carne,
cadafalsos não destroem
flor que nasce da razão.

AUSPÍCIOS

Tua riqueza antiga
é agora pobreza,
teu veludo e arminho
são eco de tristeza.

Já dos engenhos ricos
de sangue escravizado
não vêm pejudadas arcas
para o fausto dourado,
para salões e polcas
ou dotes de noivado.

Teu manto é um farrapo
de desespero humano.
Já não se erguem sobrados

mas sombrios mucambos.
Não há salões nem valsas
mas gemidos e prantos.

Teu diadema agora
é coroa de espinhos
duramente cravados
sobre os desprotegidos.
Tua festa é um calvário
de horizontes sombrios.

Mas a gota de sangue
do sofrimento obscuro
é uma rosa que se abre
sobre o destino impuro
e à glória do passado
faz penhor do futuro.

OS SINOS

Tocai sinos seculares
nas altas torres erguidos,
repeti ecos sabidos
pelas antigas idades,
espalhai as claridades
do som que o bronze colheu
para fingir de ser céu
a terra e suas vaidades;
tocai sirenes de Deus
que, em vossas sonoridades,
se concentram as verdades
de amor e morte com seus
desígnios, signos, sinais.
Como outrora fostes som
no batizado de Dom,
como fostes sepulcrais
para anunciar o fim
do alto senhor, assim
hoje soareis; e mais;
que vosso som cristalino
seja agora um novo hino
de pétalas musicais
sobre a cidade, esta rosa
que renasce, preciosa,
e se não cantais a sorte
da princesa empobrecida,
cantai-lhe a glória perdida
que nunca saberá morte.

OS POETAS

Do acre ofício de viver,
a alguns dá a natureza o privilégio
de fazer florescer
beleza, em sortilégio.

São os navegadores
da alma humana,
descobridores
do ser:
mágicos de maior riqueza havida
ou por haver.

Poetas, sonhadores, artistas
que crescem na noite do tempo
brilhando alto
com a voz e o exemplo.

Sobre este chão brotaram
e deles se doira
a fama e a memória:
são o futuro do passado,
o amanhã do ontem,
o iluminado signo
de nosso alto destino.

OS TELHADOS

Sobre este campo vermelho
que o tempo pasta,
o passado é lento rebanho
retouçando nuvens brancas.

Andorinhas seculares
ondeiam no verão supremo
e o musgo denuncia aos ares
que o tempo se fez eterno.

ÍNTIMO COMÍCIO

BUCÓLICA

Na margem desta ribeira
da vida, que desce e corre,
sem saber de ontem ou hoje,
esqueço dor e canseira
e, mansa, minha alma dorme.

Sonhando que meus cabelos
repousam sobre teus braços
entregues a teus cuidados
e, por entre teus desvelos,
o sonho alonga seus passos,

e sonha que, nesta margem
desta serena ribeira,
suspendo minha viagem
e, em meus sonhos, tua imagem
me dá vida verdadeira.

Eis que o pássaro se esquece
do silêncio prometido.
Minha alma, acordada, vê-se
com espanto, ainda nesse
sonho de manso sentido:

à margem desta ribeira
em teu colo adormecido.

DECLARAÇÃO

Não quero ser guardado
numa antologia.
Ó que deus me guarde
de ficar fechado

numa antologia.
Quero que meus versos
tenham a alegria
e corram nas ruas
como pão da vida.
Que eles desabrochem
na mão do meu filho
em rosa de amor
aos ventos se abrindo.
Não quero meus versos
numa antologia.
Quero-os rolando
caminhos e dias
na boca do povo:
rosa da esperança
vermelha e florida.

PAISAGEM

Eis aqui um cão
e defronte um homem:
ambos o pão
da fome comem.
Olha o cão a vida
triste das pedras
(coitado do cão
que não pasta ervas)
e por fim já morde
o osso das trevas.

Olha a vida o homem
com saudade amarga.
Os olhos do homem
já não olham nada.
Só, em seus ouvidos

de carne fanada,
teimam os latidos
da morte e do nada.

A INEVITÁVEL

Insaciavelmente ela te espera
carnívora em seu furor uterino.
Movida pela fome de pantera
vigia teus descuidos de menino.

De numerosas tramas tece a espera
e os becos sem saída do destino
e em seu macio pêlo esconde a fera,
a fúria, o enredo e o negro desatino.

Sempre atenta te espreita desarmado,
pronta a te desferir garra ferina
para sorver-te a vida àquela hora

insuspeita, fatal e inevitada.
Pois, se lhe foges, ela te fascina
e, se te entregas, ela te devora.

POEMA NATURAL

Ó verde chão ressuscitado
por uma revolução verdadeira:
mágico húmus revelado
em pétalas, pomos, colheita.

O antigo outono desolado
veste sua roupa domingueira
e sai, de inverno enfeitado,
pela florida sementeira.

Até os velhos ventres fremem
ante este mar recém-nascido
de coisas intensas que crescem
no horizonte colorido.

Mugem as reses pelas crias
e o sol é um touro endemoniado,
semeando o chão de delícias
e os corações de pecado.

Ó verde chão, ressurge a vida
do seu calvário desolado
e no corpo de cada amiga
um coração pulsa semeado.

POEMA INVENTADO

Barco
ou cavalo?

Cavalga o campo das ondas
deixando espuma de raiva.
A vela branca me diz
que não é cavalo, é barco.

Ou cavalo?
Seu ondear sobre as ondas
é galope amotinado.
O vento fustiga a vela
ou o cavaleiro branco

É cavalo?
Será barco?

Mas se é a noite, o mistério
das coisas indecifráveis
e ouço um barulho de patas
batendo a estrada das águas...

É mais cavalo
que barco.

Mas será cavalo o que
cavalga a noite molhada?
São patas ou é ruído
de ondas no cais se quebrando?

Mais barco,
menos cavalo.

Cavalo?
Barco?
Cavalo?

É um barco galopando
por sobre a estrada das águas.
O cavaleiro que vemos
é cavaleiro e vela branca,
o ruído do galope
é quebrar de ondas no cais.

Cavalo da noite avança
o barco que as ondas rasga.

PRISMA

Vejo mal
ou invento?

Só sei que do que os outros se sustentam
não me sustento.

Invento
ou crio?
Sei simplesmente olhar este fastio
sem fastio.

MONOTONIA

Aqui e além
sempre a mesma vida:
Ah, estes homens com alma
e que nem sabem que a têm
e estes homens sem alma
e a crença nela acendida;
o mesmo gênio a se erguer
numa catedral ou taba;
o mesmo peito a ferver,
a mesma fome de ser
que, aqui e além,
não acaba.

HIPOCRENE

Isto que foge a todos:
a gota onde é verdade o oceano
o dia-a-dia de que é feito um ano
os anos de que a vida cinge um homem
a soma de homens que é a humanidade
os cansaços de que se cobre a vida

a asa de sonho que roçando-A A salva
a falta de esperança que a endurece
a esperança construída a que se aquece
tudo isto entra verdade em meus sentidos
e sai dos meus sentidos poesia.

AMOR MARINHEIRO

Só há uma viagem
que sei timonar:
porto de partida
— eu te desejar;
porto de destino
brilha em teu olhar.

Desafio ventos,
mar desatinado,
todos os tormentos,
risco de naufrágio:
nada me perturba
porque sei que ao fim
és praia de amor
ofertada a mim.

SINFONIA PASTORAL

O pastor esvai-se
no estranho canto.
O rebanho pasta
o canto e as ervas.
Um pássaro rompe
a tarde e a música.
Natureza abstrata,
o pastor viaja
entre a melodia

e o calor parado.
E, de sua altura,
vai olhando em baixo
junto às rudes botas,
o tempo e a bilha:
naturezas mortas.

TERNURA

Com o perfume marinho
que evolas de teus cabelos
se embriagam meus sentidos,
contato de teus segredos
desata minha ternura
e escuto sinos internos
tangendo cristais de pura
alegria se te beijo.
Pela tua tessitura
se tece em mim o desejo.
Repouso sobre teu corpo,
reentregue a inocência:
tua carícia é meu porto,
teu hausto minha existência.

REFÚGIO

Guarda-me em teus olhos
quando amanheceres.

Guarda-me em teus lábios
quando seja tarde.

Guarda-me ao crepúsculo
na tua ternura.

E, chegada a noite,
guarda-me em teu corpo.

CANÇÃO AMARGA

Ai que terrível tristeza
nos passos do meu caminho.
Aqui sou só, meu vizinho
pesquisando a natureza
do que sou, sendo sozinho,
no chão da humana avareza.

CORPO DESNUDO

Assim tão alvo e desnudo,
teu doce corpo deitado
me faz ausente de tudo,
todo nele concentrado.
Teu doce corpo desnudo
contemplo em transe a teu lado.

Debruçado no teu corpo
desnudo, como um luar,
colho teu sabor, absorto;
degusto teu doce sal.
Conjugo, sobre teu corpo,
os tempos do verbo amar.

A LUA

Alvo luar do negro mundo, um dia
tu iluminarás não esta angústia
mas a rosa noturna da alegria
afinal conquistada e repartida.

Com tua cabeleira luminosa
deslumbrarás o coração pesado
não porém de incertezas mas de vida
desabrochada em todo o chão humano.

Quando a mágica deusa tão sutil
filtrar em sua claridade o vinho
amado do amor, ó lua triste
hoje, só então serás verdade.

Só então serás flor da natureza
para o olhar humano, puro rosto
belo de contemplar-se, adormecida
luz do silêncio deslumbrado.

Só então, doce amiga, fino véu
dos sponsais noturnos, só então
tu serás nossa e verdadeira e teu
fino luar o bom lençol dos sonhos.

E é pelo que serás que hoje te canto.

IDENTIFICAÇÃO

Entre a verdade de nevoentas luas
perseguirei as torpes falsidades.
Sete véus tirarei para que nuas
surjam as chagas e malignidades.
Esventarei as faces estudadas,
os estudados gestos e a palavra
com máscaras e às rosas perfumadas
desvendarei o espinho que escalavra.
Asas de sapos mostrarei às aves
que na lama do azul coaxos cantam

e o espelho erguerei ao olhar da vestal
onde de si olhos se espantam
e cavarei até o subsolo
da negra humanidade: a pura linfa
que a vida dessedenta nem apolo
a tem, nem jorra de ti, ninfa.

Que o verdadeiro herói de quem
diz Carlos — “os ombros suportam o mundo” —
não é César, Bonaparte, Matusalém
mas apenas João, José, Raimundo.

ODE A GARCÍA LORCA

A palavra verdugo
sobre o fuzil amargo.
O fio de sangue
sobre o chão que amava!

Pelo céu da morte
alvas pombas se espalmam.
No bico as sementes
do sangue tocado.

Aos milicianos
a farda aziaga
de verde que fora
se pôs encarnada.

Entre nuvens grossas
alvas pombas viajam
plantando a esperança
que no bico guardam.

A ferrugem come
os fuzis amargos
e os duros verdugos
mas tua poesia
cresce como o trigo
e faz verde a Esperança
do tempo futuro!

MANHÃ

Amanhecem os galos e horizontes.
Cantam as fontes e as cores.
O sol inventa, pelos montes,
rebanhos, árvores e flores.
Da noite — breve bicho da seda,
caramujo, concha adormecida —
voa, afinal, a borboleta
da manhã sonora e colorida.

PRAIANA

Entre o céu e o mar
estou como um barco
vivendo as marés
e a espuma vem dar
em meus peitos. O arco
do sol me refez.

Entre o mar e a vida
voga vago sonho
para não ter fim.
Sou longe do que olho
na praia perdida
que faz-se de mim.

UM DIA CANTAREI

Um dia cantarei
uma canção tão triste
que nela esquecerei
a mágoa do que amei
e a dor de quanto existe.

Um dia cantarei
uma canção tão clara
que os beijos que te dei
e os que apenas sonhei
se farão coisa alada.

Um dia cantarei
a canção proibida:
tudo o que tenho e sei
e quanto adivinhei
além meu ser e vida.

Amor, sê sem cuidado,
serena o coração:
se um dia fui amado,
meu ser te será dado
um dia, na canção.

Talvez que a ninguém ouça
neste rumor imenso
mas tu, menina e moça
de que meu ser é denso,
saberás escutá-la
na voz do meu silêncio.

O JURO DA MORTE

O dono da casa funerária é
homem de extraordinária fé:

ele acredita no Deus da morte
que é o seu lucro e sua sorte,

que infiltra micróbios e vírus
para manter dividendos sadios

mas apesar disso faz preces
para que a morte mais se apresse

e, como lavrador que o tempo ajuda,
colha ele sua safra graúda.

NOSSO CALVÁRIO

Pelo caminho que nos leva
(de açoites e pedras e sangue)
vamos subir nosso calvário.

Essa é a vida (aquela outra
que deveria é o imaginário).

Faz crepúsculo antes da treva
e lá vão os cristos exangues
e a turba dos mercenários
poderosos em suas lanças.

O dai-nos almas de crianças
para estar nesse crime vário
sem as máculas que o acompanham
e com a lágrima da esperança
de um reino da terra solidário.

A NOITE E A MADRUGADA

Era uma vez um país
com serras, prados e praias,

verdes árvores e gris
melancolia. Um país
com gente de toda a laia,

onde o servo obedecia
sem queixa, quando mandava
o Alto Senhor que podia
mandar sem que em qualquer dia
alguém razões lhe buscara.

Era um país como tantos
com nuvens pelo céu claro,
regatos límpidos, cantos
vivos e agudos pássaros
fluindo pelos céus mansos.

Um país onde mandavam
aqueles que possuíam
e por isso declaravam
Lei que nem deuses mudavam
a lei que mais lhes convinha.

Um país onde crianças
e as meninas suas tranças
tinham fome por brinquedo
desfiavam pelos dedos
cantando desesperanças.

Onde os velhos marinheiros
olhavam o mar sem termo,
sem fim como o desespero
sem fim e os longos roteiros
do coração sem remédio.

Onde as mães diziam finas
canções falando de morte
aos tenros filhos que a vida
dava a suas anemias:
“Antes morte que má sorte”.

Duro país dividido:
luz e sombra, pão e pragas;
a uns dada toda a vida,
a suprema, apetecida;
a outros toda furtada.

Um país assim: sereno
lago sem rumor à tona
mas ruminando veneno
que pelo fundo se entorna
e cresce e cresce sem termo...

Quem só olha o lago diz:
“Nem um rumor pelas águas
perpassa. Doce país,
o país que se retrata
no lago manso e feliz!”

Mas diz quem conhece o lago:
“Para bom entendedor...
a leiva surda é maior
e produz maior estrago
a funda, incógnita dor!”

Certo dia, estremecidas
foram as águas do reino
ao sopro de densa brisa
do futuro e da crescida
fúria do fundo fermento...

Fundo fermento da vida
nos rios da noite havida
tecidos, fundo fermento
estremecendo a dormida
falsa paz e a revolvendo.

Disse o Senhor: “Era noite,
nosso domínio era a noite.
Somos os filhos amados
vindos do fundo da noite.
Que se detenham seus passos!

Se não cessarem seus passos
o que será de meus paços?
A madrugada nos mata!
Onde estão aqueles braços
que detêm a madrugada?

Noite é nossa duração!”
Mas porém adonde os braços
para deterem os passos?
Onde aquela proteção
que ao Rei salvasse seus paços?

Aquele rumor que vinha,
aquela força violenta,
que do mais fundo subia,

na madrugada se assenta
que já clara se entrevia!

Logo então amanhecia
uma doce madrugada.
Nenhuma força mantinha
os passos da noite fria.
Madura, a manhã chegava.

Chegava e desabrochava.
Rosa de pura esperança
a madrugada se abria.
Noite, rei, reino partiam
e a vida viva reinava.

O país onde mandavam
aqueles que possuíam
já em país se tornava
onde macias floriavam
as alegrias mais claras.

As nuvens pelo céu raro,
regatos límpidos, cantos
vivos e agudos de pássaros
vestidos de azul encanto
tinham seu destino exato.

Era uma vez uma clara
república, novo país
com serras, prados e gaia
alegria pura e alva
sem melancolia gris.

Onde as crianças brincavam
com a claridade da lua
e as meninas sua trança
desfiavam, doce e pura,
cantiga cantando mansa.

Já as mães, sorrindo, alvas
canções cantam ao ninar
à vida desabrochada
que os tempos do verbo amar
tecem na carne da amada.

Puro país, onde a vida
é a safra bem plantada
sem o muro que a dívida
a rosa do ser sonhada
por todos será colhida.

Puro país onde a vida
é lago onde nuvens claras
amam se ver refletidas
e a flor da esperança brilha
em rosa do povo, amada.

CANTIGA

Guardo em minhas mãos
fechadas em concha
as formas de teus seios
mansas e redondas.

Estou morto de sede:
vou levar à boca

para saciar-me,
minhas mãos em concha.

LIBERTAÇÃO

Querida, dá-me teus lábios
porque morro de desejo.
Deixa que em beijo me livre
da angústia deste veneno.

Dá-me tuas umidades,
teus recantos mais secretos
pois só tua intimidade
faz de mim um ser liberto.

NATAL 1947

A cidade estava tão suja,
a alma dos pastores tão distante de si própria,
os homens tão piores do que vacas e jumentos
que o menino Jesus paredista não veio.

Vou pedir-lhe, porém, que venha ainda e embora.
Nasça em meu coração mais simples que uma gruta
e se agasalhe com meus pensamentos acres
e brinque corri a chaga do meu lado.

O QUE NÃO MORRE

A morte te matou que não é morte
mas entrega da vida pela vida.
Teu coração se derramou de forte;
tua força foi por tantos recolhida

que se diria que não foi perdida.
Essa presença não tem morte. Morte

apenas há no coração da vida
roubada em ti que eras sereno e forte!

Vejo teu coração ou uma fonte
jorrando uma certeza tão segura
— água pura nascida em claro monte...

Vejo teu coração assassinado
batendo, comovido e o olhar molhado
de antever a seara ondear madura.

A AMADA OCULTA

Porque tu és a pétala mais pura,
porque tu és a mais rosa das rosas,
porque tu és a graça mais formosa
ó rosa da manhã clara e segura;

porque sem ti a noite é mais obscura,
porque sem ti a formosura passa,
porque sem ti a graça se desgraça,
porque sem ti a vida é morte dura;

ó lírio da tarde que se reveste
de quanto esta mãe-terra sabe e cria:
paz dos rebanhos pela tarde fria,

paz dos montes dormidos, doce veste
do mundo amanhecido!, te juramos
que a vida que nos dás por ti a damos.

CANÇÃO NA TARDE

A leve sombra
que a tarde faz
se espalha sobre
nós.

No chão tombados,
leves de sombra,
temos sequer
palavras.

“Igual à árvore
que flores cobrem
também serás
florida”

eu considero
olhando os seios
destapados
e rijos.

Por sobre a relva,
de pés descalços,
a vida passa
com

a mão pousada
no ventre inchado,
gaia colhendo
flores.

VIDA

Longos cabelos. Pernas desenhadas
em músculos de fêmea e superfície de água.
Nevados peitos poderosamente
alimentando a vida e a esperança.

Sorriso aberto ao vento, aviso claro,
certo sinal de consistência humana.
Fundo espelho dos olhos que atravessa
até à raiz toda a presença viva.

Fino talhe de boca, despenhando
rios de beijos, rios de palavras.
Leve bailado nupcial dos gestos.

Belo anel de cintura e grandes coxas,
região de permanente fonte mágica:
entre pêlos rasgada flor selvagem.

A FLOR DAS ÁGUAS

Somos os pescadores do infortúnio
e aguardamos no cais o aviso claro
enquanto a madrugada não desponta
e apenas há gemidos sobre a praia.

O vento da alegria já não sopra
contra as velas do coração — cerradas.
A salsugem dos dias se desdobra
e a noite cresce nas crescidas águas.

Cegos estão os olhos de amargura,
surdos estão os corações e escura
se fecha, como um duro inverno, a alma.

Eis que a doce manhã, porém, desperta,
serena o mar e, a nosso olhar oferta,
a Esperança é uma flor das águas.

CANÇÃO DO SILÊNCIO

Farei descer um rio de silêncio
onde flutuem tímidas camélias
ao sopro suavíssimo dos ventos
do amor e partirei nas pandas velas

(não do sonho que até o sonho venço
e estas praias da vida são mais belas)
até onde o sorriso está suspenso
do lábio puro que o amor revela.

E sobre o rio que de mim se parte
até vosso sorriso, reservado
para meus olhos, flutuando desço

ou subo na corrente inesperada
buscando em vão a pura forma de arte.
E apenas meu silêncio te ofereço.

A NOITE AMANHECIDA

Renasce o canto pelo teu encanto
e é lírico e sereno e azul e manso
canto de amor por Ti, de que não canso
o coração pesado e grave. Tanto

amor te dou, ó doce meu recanto
onde paro e tem casa meu descanso
suave, doce, breve, alegre e manso:
ave em teu colo sonhando teu encanto.

Renasce em Ti o canto. A calma
do Amor cresce um momento, a ventania
dos versos combatentes adormece

e, embora seja noite, estás comigo
e há tal luz em teus olhos que eu te digo:
“Amada minha, vê como amanhece!”

VELADA LUZ

Meu irmão, esta noite apavorada
não é tão negra nem tão longa e obscura
que não se veja aparecendo pura
uma réstia de luz da madrugada!

Nem é tão vasta nem desesperada:
que há uma estrela de maior altura,
inapagável, vívida, segura
rompendo e cintilando imaculada.

Nem é tão noite que se não ature.
Nem é tão longa que jamais se cure.
Apenas, para ser ultrapassada,

precisam-se olhos para ver mais fundo
e ouvidos pra escutar uma velada
luz e voz pelas quais se alegra o Mundo.

AVE DA VIDA

De tuas mãos desejo a linha pura,
de tua boca a água do beijo suave
e de teu coração esta madura
canção de amor. Ó minha ave

de serenidade! oh segura
minha aliança aonde cabe
tanto de carinho e ternura
como a vida no canto da ave!

Mãe para a mão em meus cabelos e
Filha para eu semear desvelos
sobre a tua face amanhecida.

Irmã do meu coração violento.
Ó amiga, ó esposa, ó vento
vivo da vida em minha vida!

NOVEMBRO I

Eis que é novembro e chove.
Não mais as nuvens brancas
desfilando na tarde:
apenas a tristeza cai em gotas.

Molhada cheira a terra como um corpo
e mais de verde as ervas se revestem.
O tempo e a umidade escorrem lentos
no muro exterior e em nossa alma.

úmida vem a música e acende
as luzes comovidas da memória:
não é amor nem maio mas infância

é uma outra imagem recortada em pranto,
um sentimento de dezembro vindo:
árvore de Natal com seu orvalho.

NOVEMBRO II

E ainda amor perdido e vida falsa
e silenciosa dor não confessada.
A mão falando o adeus e o nunca-mais
visto corpo do amigo se perdendo.

A sala despovoada onde brincávamos
(há quantos anos? em que outro novembro?)
e a presença da morte imponderável
tocando nossa carne de receios.

Alguma coisa ainda sem contorno
e a saudade do que não foi nosso
além das formas fúteis do desejo.

Palavra ou gesto ou caixa de surpresas
lembradas surdamente. Eis que é novembro
e ganham vida as coisas misteriosas.

NOVEMBRO III

Eis novembro que é fim quase começo,
feito de expectativa e despedida.
A leve chuva que atravessa o tempo
cai sobre mortos e futuros dias.

Suaves tardes tristes de novembro,
com seu breve rumor de folhas mortas,
boas de aproveitar para passeios
rodeado de gris e som marítimo.

Lento mês de novembro, breve sono,
sonho de passos repisando ausência
em paisagens de infância ou de viagem,

dás uma consciência de ruínas
e longas galerias escorrendo,
lago sem velas de água cor de cinza.

NOTURNO MARÍTIMO

Pelo silêncio noturno
desliza um vento marinho,
que tange a música estranha
de súbitos violinos.
Teus cabelos se desenham
como lentas algas úmidas
e minhas mãos, sábios peixes,
buscam carícias ocultas.
Será manhã ou viagem
imaginada ou as nuvens
quem estende sombras mágicas
no frio espelho do azul?
Estou sonhando teu vulto
lentamente adormecido
pelo silêncio noturno
e o som do vento marítimo.

CANÇÃO DO CATIVO DIANTE DA MORTE

Aqui estou, tomai as mãos
de quem não tereis a vontade.
Também, por um momento, grãos
de trigo estão na obscuridade
mas a espiga é Liberdade!

Aqui estou, tomai a vida
a quem não tomais a certeza.
Morto é o grão mas escondida
sob a terra cresce a espiga
que será pão em nossa mesa.

Aqui estou, senhor tirano,
mais livre do que vós estais.
De muitos dias faz-se um ano
e, de muitas vontades, o pano
de vossa mortalha se faz.

Aqui estou para morrer
com a alma recém-nascida!
Irmãos que ficais para ver
a Rosa do Futuro prometida:
— Eu vos amei e amei a vida!

SONETO CORPORAL

Nesta manhã que o sol torna madura
o vento forte passa contra a vida.
Leve, o rumor das águas tudo banha
e a música das cores vem subindo.

De pé no campo, como se crescera
dele também, um corpo de homem está.
Com sua carne morena e a cabeça
coroadada de cabelo e pensamentos.

Junto de si a bela fêmea guarda
a cadeia da vida. Suas curvas
são convite à carícia e profecia.

E o sol, que amadurece esta paisagem,
vai desatando a vida que o aguarda
ao mesmo tempo que desata o dia.

AMOR SELVAGEM

Sou um tigre de amor, ó flor de outubro,
demasiado áspero e selvagem.

No teu olhar, olhando-me descubro
o susto que te causa minha imagem.

Rasga estas veias, vê o sangue rubro
que esconde desmedidas vilanagens:
pelo que sou, qualquer raiz de obscuro
me fere de surpresas e miragens.

Mas sou teu, muito embora este olhar frio
não deixe, a quem procure desvendá-lo,
mais do que a sombra vã do desafio.

Onde ninguém o veja, aí o guardo,
secreto e sem palavras e maduro,
o meu amor por ti, rosa de outubro.

INTIMIDADE

Dócil o canto me vem
se teu amor está perto
com o que de ti me tem.

O sonho tange o concerto
que nasce do teu olhar
e ondeia ao luar incerto.

Onde estamos não há mar
mas ouço as ondas da vida
em teu corpo marulhar

uma cantiga infinita
que o vento de contemplar-te
dispersa e a carne ilimita

já quando, para beijar-te,
meus lábios, aos teus unidos,
te sentem corpo de lírios.

ANO NOVO

Uma suave espada de lembranças
cinde o passado do presente. Resta
de tudo alva doçura que se alcança
quando a lágrima escorre e o olhar amansa
esta triste alegria que nos resta.

(Lembrar, senhora minha,
que teu outrora esquivo
sentimento, é cativo
dessa mágoa que eu tinha
em meu olhar cativo!)

Na árvore de Natal, imaginadas,
caem as neves da memória, finas.
No coração tomba uma luz cansada
e a noite que vai sendo madrugada
me banha de boa melancolia.

(Lembrar, ó doce amiga,
o sorriso passado

que me é como uma espiga
a nutrir a fadiga
do coração pesado!)

Suave espada da lembrança
cinde o passado e suas penas
da recém-nascida esperança,
e revive em mim a criança
das antigas coisas serenas.

(Pudesse eu enfeitar
a canção incompleta,
faria em teu olhar
a árvore de Natal
da alegria perfeita!)

POEMA CONCRETO

O urro do boi que rasga
a tarde de meio a meio
é fria ponta de faca
e poderoso rochedo.
O boi vermelho que berra
no meio do campo posto,
patas fincadas na terra,
é pesado, rude e grosso.
De si próprio desenterra
todo o pavor de seus cornos
que suspende a cor parada
da tarde quente de sono.

ELOGIO DO MUNDO

Meu sangue e minha carne estão no mundo
como a raiz das árvores na terra.
Bicho que sou, apenas me deslumbra
o amor da vida amarga verdadeira.

Sinto meus estes dias perturbados
pelo sal desumano da coragem:
sinto que não estou só de passagem
entre vícios e muros levantados.

Como a raiz da árvore na terra
se sente presa, assim meu coração
se foge, volta a esta contínua guerra
por um mundo que os deuses não lhe dão.

BOM CONSELHO

Dorme, Marília.
Nasceu Jesus Cristo.
Depois matam-no.
Dorme, Marília
ao menos enquanto
esperas tua vez.

Dorme, Marília.

AVE MARIA

Ela me guarda o coração cansado.
Sinto suas mãos banharem-me a cabeça
de águas macias de coragem única:
campo de doce pão e vinho forte.

Ela reside em tempos de esperança.
É uma bandeira branca de pacíficos
rios descendo minha terra exausta
povoando de colheitas o meu reino.

Ela veio da tarde para mim:
longo salmo, tristíssima elegia
e minha noite teve estrelas raras.

Ave Maria que me vem dos mares
e canta em mim um reboar de sinos,
de aleluias, pássaros e crianças.

TRANQUÍLA PASTORINHA

De novo surges, madrugada branca,
entre o pavor dos tempos, melodia.
De novo teus cabelos se balançam
pelos ventos de norte e sul tangidos.
De novo teu sorriso
invade o coração desprotegido
e lhe devolve a mágica alegria.
De novo tua mão, pequena e mágica,
abre um gesto de azul. Pedra no lago
do mundo, perturbando a face estática
do refluir dos dias imutados.
Filtro de mel nos lábios,
de novo és coroada e por vassalos
te rodeiam meus líricos afagos.
De novo és tu a rosa predileta
amanhecendo no esplendor dos lírios.
De novo o coração se movimenta
para a sabedoria dos sentidos.
De novo és a rainha

e eu digo lentamente a teus ouvidos:
 “Ela ia, tranqüila pastorinha...”

E embora continue o teu encanto,
 sem palavras, meu canto aqui termina.

PEQUENA PROFECIA

Virás quando chegar a hora exata.
 A certeza de vires nos alegra.
 A alegria desmancha o mal-do-tempo.

Virás com a pequena rubra flor,
 com os lábios e os seios descobertos
 para consolação dos desvalidos.

Virás. Uma certeza nos consome,
 uma dor comovida de Letícia,
 um luar, uma bênção sem limites.

Virás. Mas como? Quando? O quê? De quê?
 dormem recônditos até aquela hora
 em que mistério se transforme em trigo.

A POSSE

A mão direita, conduzindo o braço,
 desfaz a carne de carícias curvas.
 A mão esquerda vem sinistra e prende
 mais a unanimidade das cabeças.

Teus peitos algo rijos se desfazem
 contra a fúria que neles se amacia.
 Teus braços estraçalham a existência
 e os pés se cruzam num signo sem limites.

Ventres se encontram úmidos e plácidos.
O odor da vida, fértil se derrama
nos corpos que um no outro se fundiram.

Espasmo com manhãs de nevoeiro,
delíquio de planície se esvaindo,
os sexos se redimem. E constroem.

TROPICÁLIA
CONSUMO&DOR

Prefácio de Oswaldino Marques

1ª edição: São Luís: Edições Sioge, 1985.

O PÃO GERAL

Oswaldino Marques

Persisto na convicção de que a obra de todo poeta merecedor desse nome, isto é, que haja logrado o amadurecimento até a cristalização de sua arte, apresenta uma criação que constitui a chave-mestra de sua inteira visão estética e humana, suscetível, pois, de identificar-se com a matriz de suas videnciações — de seu projeto.

Num produtor de capolavori, como Bandeira Tribuzi, que após a sua chancela a tantas páginas soberbas da arte da palavra, o difícil é proceder à eleição do monumento representativo onde se concentrará o repertório primordial das vertentes de seu espírito.

Depois de azougar-me entre opções penosamente relegadas à margem, a saltar de jóias estupendas como “Antroponáutica”, “Em busca do tempo perdido”, “Quandonde”, para “Canção quarentã”, “A Máquina do mundo”, “Itinerário do corpo”, “Asa cruz”, desfazendo-me até do admirável *Breve memorial do longo tempo*, favorito durante largo período, o meu sufrágio se dirigiu, categórico e indesviável, para “Meditação da ponte”, segundo penso a obra-prima de Bandeira Tribuzi, cume e remate da obra que nos legou o cantor maranhense.

Esta invenção magnífica acha-se incluída no volume que ora tenho a honra de prefaciar e será objeto de minha obstinação exploratória no intuito de descerrar aos olhos dos leitores as alturas a que atingiu o estro do autor de “O Homem em pele e osso”, poeta tão encarnadamente comprometido com o social-humano, que, se passado a fio de espada, impossível seria atingir um sem golpear o outro.

Preliminarmente, debalde se refreará a exclamação ao compulsar o poema. Que espantosa premonição! Que faculdade divinatória fez o vate intuir que a sua existência se iria emblematizar e perpetuar numa ponte real que a cidade que lhe é berço lançaria sobre um rio concretamente hidrográfico, mas que, não obstante, é o rio de sua cosmumidade, de sua trans-vidência!

Assombroso, sem dúvida.

Ver-se-á, contudo, que também isso integra a trama de “reflexos”, de reflexos simbólicos de que se entretetece o texto inteiro, o sujeito a emitir radiações para o mundo e o mundo a replicar com refrações que se esfacelam sem cessar no foco original.

Algo assim como o fenômeno de interferência das ondas luminosas.

Desafia-nos um jogo especular estonteante que se desenrola numa multiplicidade de planos, que vão da intransferibilidade da consciência para a unanimidade grupal, com as transições inevitáveis em que, pelo desbloqueio da subjetividade, o indivíduo jubilosamente se desnucleariza, socializado.

Não se deixe escapar a ambigüidade do título — “Meditação da ponte” — o qual se pode entender, ao mesmo passo, ‘meditação que tem como tema a ponte’, ou “meditação concebida, efetuada pela ponte”.

Ressalta a importância disso, de vez que ‘ponte’ aí, como de resto no poema todo, é objeto e sujeito simultaneamente, com a anexação imprescindível da respectiva *relação* mental.

Logo de início, o ‘Eu’ lírico adverte da desnecessidade da existência (concreta) da ponte, pois, se a gente a vir “além dos acidentes” —

tome-se acidente no sentido que lhe confere a doutrina aristotélica das essências — pode-se perfeitamente operar com ela trasladada a seu conceito, que é universal e perene. Uma maneira, decerto, por ele utilizada de vincar na nossa mente que a dimensão em que se exige nos situemos é tão-só a da imaginação — plano onde todas as permutas significativas se podem efetuar sem o — *placet* prévio do estatuto lógico.

Tanto assim é que ele não vacila em ‘debruçar-se’ na ponte, para comprovar heracliticamente que, embaixo, “passam as águas” mas “o rio fica”. Logo fisgará a atenção do leitor a imprevista antropomorfização do que está sucedendo, pois, num súbito refluxo, agora é o agente lírico que, consubstanciado em ponte, admiravelmente “se passa em águas” e “rio fica”.

Estão, nesse ponto, com rigor equacionados os entes — ponte e ‘Eu’ lírico — e espera-se que ninguém mais se intrigue com a absoluta intercambiância e comutatividade dos dois termos.

O prosseguimento da leitura reclama o exercício constante do que eu chamaria de faculdade de *desliteralização*, ou seja, a malícia de transpor o anteparo referencial da palavra em busca das transignificações aninhadas nas reintrâncias dos símbolos.

Abro um parêntese para elucidar que, na análise presente, farei abstração da pessoa civil de Bandeira Tribuzi e me ocuparei exclusivamente com o ‘Eu’ ou agente lírico, ou seja, com o sujeito do enunciado em contraposição ao sujeito que enuncia. Este poderá perfilhar um quadro de valores inteiramente diversos dos que propõe na materialidade dos seus textos, sem que isso ponha em risco a sinceridade e a lógica internas de suas criações. Claro está que para realizar tal façanha se exigem os poderes inapeláveis de um genuíno artista.

Adiantarei que as minhas afinidades eletivas vão para os autores em que se verifica a superposição das duas individualidades — a cartorária e a lingüística (no caso, *persona*) — mas, quando tal não ocorre, sei guardar a necessária distância crítica para não comprometer a captação final do veio estético.

De regresso ao poema.

A níveis de complexidade mais alta se eleva a voltagem simbólica. O ‘Eu’ lírico é, não apenas a ponte, mas, de uma só vez, “as águas” que

passam sob a ponte e o meio por onde se efetiva a *passagem*. Ficaríamos em débito com a riqueza do processo se não registrássemos que o agente lírico se identifica também com a “imobilidade” no trânsito, a constância interina identificadora do devir...

Tudo se enfeixa e aglutina numa realidade de polivalência pasmosa — uma metaPonte — que é o Poeta: *pontifex*. Não sem razão se insinua que a própria Ponte medita...

Os signos cifrados que, de começo, nos intimidavam até o desalento agora se deixam devassar na transparência das imagens. Torna-se quase fútil apelar para um “espelho mágico”, ou “mágica lanterna”, pois, nas “águas” da memória nada impede que transcorram

... .. as coisas, as pessoas
pedaços de mim e alheios,
coisas, pessoas, eu, eles havidos
mas estranhamente combinados
em outras formas de ser (mos)
pessoas, coisas, eu, eles.

Tome-se ‘havidos’ na acepção de ‘consumados’, ‘escoados’, ‘peremptos’, ‘transcorridos’. Aprenda-se, demais, o modo astuto por que o poeta se aproveita da transição do substantivo ‘ser’ para a forma verbal infinitiva, ‘ser(mos)’, imergindo, destarte, o ‘Eu’ lírico na correnteza figuracional.

Defronteia-nos um ‘Eu’ integrativo, protéico, transformacional, espécie de campo magnético a galvanizar as limalhas da humanosfera.

Nesse vórtice metamórfico, privilegia-se, em seguida, a aparição da criatura das criaturas, o ser por excelência. É uma mulher, e se orna de todos os amavios, todas as seduções do objeto amado.

O curioso, todavia, é que o desvelamento dessa presença se faz por um inusitado expediente sinedóquico.

Aquilo que vem ao “encontro” do ‘Eu’ lírico não é um corpo, uma pessoa inteira; ao contrário, são uns “olhos”, a que se ajuntam ‘sorriso’ e ‘palavras’.

- o os olhos dela vindo ao meu encontro
- o absolutamente despidos do que, nos olhos dela,
- o pôs amargura para sempre nos meus olhos;
- o os olhos e o sorriso e o aproximar
- o de ambos, vindo como um navio
- o para seu definitivo ancoradouro.

Por uma projeção inversa, que se estrutura sintaticamente ao molde de Fernando Pessoa, está de todo ausente dos “olhos dela” (vêm “absolutamente despidos”) qualquer coisa que engendre pesar; essa ausência, não obstante, põe “amargura para sempre nos olhos” do agente lírico — maneira de sugerir, creio, que a tristeza que assalta o sujeito do enunciado advém do re-conhecimento, na memória afetiva, da realidade irreconstituível, irrecuperável, dos “olhos” da aparição.

A ressurreição da arriada sozinha, singela, continua, por sinédoque, a ser promovida mediante os sintagmas “sorriso”, “olhos”, “palavras surdas-não-mudas”. Eis que, contudo, ocorre um salto qualitativo e se precipitam “todas quantas amei”. Dir-se-ia uma reação em cadeia. Os traços e dados fisionômicos da figura avulsa se confundem com

... todas quantas amei e me desamaram
 e articularam um outro rio (não este
 que existe porque não existe),
 que foi gerando o pântano da solidão, o’ ponte!
 como esta tua, apenas testemunha
 das inconsúteis águas.

(Aí, no penúltimo verso, há um encontro silábico — ‘esta’/‘tua’ — cuja dissonância escapou à vigilância do autor.)

O passo acima, de dificuldade sobremaneira tenaz, acha-se inçado de antinomias, as quais, todavia, pronto se diluem se conservarmos sempre em mente que o palco de tudo é a memória — na cabeça do poeta aninha-se o universo. Se não, vejamos.

Que paradoxo! Um rio *articulado* que gera a solidão — o inarticulado!

No contexto, contudo, isso é cabalmente plausível, visto como, no remate da vida, ao tentarmos colocar em perspectiva, por um retrolâmpago, a experiência processional, restamos *aqui*, no extremo da fila-indiana — sós!

Tudo é recapitulado na estrofe subsequente, que reza:

Olhos, sorrisos, palavras não faladas
 como me trazeis todas Elas, somando
 e multiplicando a cor, o tom, o som, o cristal
 de cada uma para despir esta carne sagrada
 sobre um leito ponderoso de águas:
 seu(s) cabelo(s) caído(s) sobre o(s) ombro(s)
 — noite ou sol —, as pálpebras amortecidas,

É aí que se ratifica o trânsito das amadas irrelatas (“todas Elas”) para a Amada que é a soma e a suma, o produto da multiplicação das precedentes. Com a edificação do símbolo, compreende-se que seja também a esta altura que se verifique a passagem do profano para a sacralidade. (Não se tome ‘sacro’ por adstrito a qualquer seita ou confissão religiosa, mas por uma predisposição que se introjeta sob o córtex do inconsciente coletivo.)

A transubstanciação — uma canonização quase — consuma-se na “carne sagrada” da mulher una — substantiva, arquetípica. Somos arremessados, neste ponto, aos altiplanos do mito e é em tal clima que se inicia o rito do desnudamento do corpo ‘sagrado’ “sobre um leito ponderoso de águas”.

Sabe-se que ‘água’ é um vetusto arquetipo de delíquio orgásmico, da inundação fecundante do ventre feminino. (Sem querer, reincido nas imagens aquáticas...). O adjetivo ‘ponderoso’ empresta turbidez, certo caráter abissal ao rio, pois, numa região dessas, urge conceder espessura ao mistério.

No penúltimo verso do bloco transcrito antes, dá-se uma verdadeira superposição perposição dos dois planos, com a transfusão do singular no plural, e isso graças a um expediente sobremodo simples, mas de eficácia a toda prova, a saber, a colocação entre parênteses do índice do plural (para suprir o morfema zero):

“seu(s) cabelo(s) caído(s) sobre o(s) ombro(s)”.

Como que se presencia a lenta e paulatina fusão do múltiplo no uno...

Desdobra-se, a partir daí, inesquecível seqüência descritiva do ludipugilato do enlace amoroso, entremeadada de superlativos *Einblicke*, intuições primorosas, o todo compondo um dos mais altos momentos da invenção líril de Bandeira Tribuzi.

Rendo-me à tentação de reproduzir esta passagem antológica:

Vejo-te a planície que das regiões elevadas desce
para o grande vale sagrado
onde musgos suaves mal escondem
o tabernáculo do prazer com sua gruta
recôndita e úmida.

Tremem tuas coxas nervosas como um potro
pronto a cavalgar infindáveis campinas
e assim oferecida e mansa vens oferta
à minha solidão para que nos povoemos!

O estado abismal, prospectivo, em que o agente lírico se encontra, a desreprestar na memória o rio de sua experiência, confunde-se, parece, com o desapego, o desgarre do sono, porque diz:

Eis que ouço um sussurroso sibilar de águas
Desperto... ..

Apaga-se de contínuo “a lanterna mágica”

e sou apenas nesta ponte ímpar, só,
com o rio (ir) real sob nós indo e estando
como vou e fico: para sempre? Até quando?

São flagrantes as antilogias, a cerração referencial predomina, o que leva a presumir-se que se trata de um sonho dentro de um sonho. A vigília alcançada (“Desperto.”) é, supõe-se, o retorno do sonho à 2ª potência, dado que o agente lírico continua a ter debaixo de si um rio “real” e “(ir) real”. Além disso, conquanto ele se declare “só” “nesta ponte ímpar”, já no verso seguinte, o sujeito se pluraliza ao incluir-se na esfera de um “nós”.

A translogicidade ostensiva do universo do discurso, com o rio “indo e estando”, o ‘Eu’ lírico deslocando-se e “ficando”, aponta para a subsistência, a conservação do sujeito do enunciado no primeiro estágio onírico — o sonho de 1º grau.

Aliás, não nos fará falta alguma o descarte destes degraus, desta escala de *desrealidade*, porquanto, como já sabemos de sobra, o nosso domínio é o da imaginação e aí impera um estatuto, um cânon, de radicalidade total, subversor de nossas pobres categorias discursivas.

O agente lírico *medita* num espaço/tempo reversível e metamórfico, atravessado pela pluridimensionalidade.

Se é concludente a análise em que me empenho, chegados somos ao ponto nodal do poema, onde se dá a virada que vai imprimir ao arremesso inteiro da inspiração o impacto decisivo que leva do funil, do gargalo sufocante do individualismo à amplidão escâncara do social, do humano, do coexistencial.

Com o despertar, ocasionado pelo “sussurroso sibililar de águas”,

Acende-se novamente a visão outra das coisas,
das pessoas, de eu, de eles, mergulho
no outro rio da (in) verdade verdadeira
e impossível.

Somos agora milhões. Todos. É madrugada.
 Um imenso rebanho de animais e plantas
 nos oferece, às todas mãos-dadas, a litania
 do seu mel, do leite alvo como os seios da amada,
 os frutos maduros e doces corno sua boca,
 a fartura terna e irmã da abundância
 pacificadora como a posse dos corpos.
 Ouço cânticos gerais.

A gana transgressora não subverte apenas a normatividade lógica, mas atinge também o estrato da sintaxe, da semântica, do léxico: “de eu”; “rebanho de ... plantas”; “às todas mãos-dadas”; a litania / de seu mel” . .

Sublinha-se, atente-se bem, que é outra a “visão das coisas”. O novo mergulho é “no outro rio da (in) verdade verdadeira / e impossuída.”

Parecem-me tais contralogismos, expressos por desnorteantes oximoros, certo um recurso estilístico para reafirmar o alcance da meta ardentemente cobiçada, quando mais não seja, mercê do projeto da utopia, o que de modo algum lhe subtrai o lastro de plausibilidade. Assim se explica por que se postula uma “(in) verdade verdadeira”. Isso, muito mais do que uma travessura verbal, é uma audácia exemplar do espírito, o descerrar indômito de um horizonte de expectativas resgatadoras.

Digno de reflexão é o fato de que o ritmo dominante, estruturador da significação geral do poema — a visão última por ele edificada — está, como já se começa a prefigurar, teleologicamente comandado pelo apelo à identificação com o social humano — o escavado talvegue da espécie que por derradeiro receberá os afluentes de origem vária — mas o impulso da inspiração é compelido a derivar previamente pelo declive da experiência afetiva, num indisfarçável privilegiamento de Eros sobre o *politikòn zôon*, muito embora tal se revele não mais do que um momento do processo dialético subjacente.

Dito de outro modo, é pela mediação da Amada arquetípica que o agente lírico deságua na *humanitas*. Estamos a um passo de uma gnosiologia erótica de Bandeira Tribuzi.

Esta *chegada* — atrevo-me a anunciar — é que constitui a meta suprema do ‘Eu’ lírico, definida, nos termos do verso citado mais de uma vez, como o outro rio da (in) *verdade verdadeira*”.

O prefixo negativo entre parênteses, insistimos, não deve ser tido por uma diabrura vocabular; ao invés disso, cumpre entendê-lo cumulativamente como o indicador da vertente em que continua a defluir a “Meditação” — ou seja, a órbita do imaginário, da visionaridade.

O poema agora estala por todas as costuras do molde confessional, lírico — ganha registro épico, um tom de celebração.

Ouço cânticos gerais.

e o chão povoado de pessoas felizes como coisas:
pedras, animais, plantas. Um frêmito
nos povoa a todos, igual ao do corpo
deslumbrado e nu que antes viera
para minha solidão nas marés breves do rio.

Como contraparte, delineia-se aqui um desorientador anticlímax que nos instala numa atmosfera pressaga. O sujeito do enunciado volta a debater-se em ambivalência inquietante, pois é repossuído do sentimento de solidão, após se “desacenderem” as “imagens mágicas”. Há um novo regresso à vigília, um estremunhamento, dir-se-ia, do transe. “... .. Toco meus olhos / para despertá-los de mim. E os reabro . . .”

Nisto, desponta uma

... outra imagem refletida (não reflexa)
que de minha solidão projeto da ponte no rio
ou a ponte permite que o rio em mim projete.

A “Meditação” assume aqui o mais alto grau de opacidade. Guiamos-nos graças tão-só a vislumbres capturados através de avaras frestas.

Arroja-se o ‘Eu’ lírico em rumos que se repelem, se excluem. O “mar da multidão” onde, como “um fio no novelo do rio”, ele se “desembruha”, logo se lhe demuda na “solidão maior”.

Ora reconhece que se acha em estado de consciência, ora admite que se encontra imerso em penumbra, e não sabe dizer ao certo se vê uma sucessão de coisas “... no mar deste rio / — espelho mágico —”, ou se tudo não passa de projeções, aí, de sua própria imagem.

Proponho um interlúdio ao leitor a fim de que testemunhe que eu não tento esquivar-me a nenhum desafio atirado pelo texto. Chamo uma a uma as dificuldades e as arrostos sem apelar para qualquer tipo de escamoteação.

Se, vez por outra, os resultados são parcos, é porque as vias do poema mergulham num túnel que vai ficando cada vez mais soturno, desalumiado.

Uns coágulos de claridade, todavia, nos deixam entrever a reaparição dos “olhos”, dos mesmos olhos que se nos haviam deparado a partir da segunda estância, com a diferença de que, no trecho presente, eles não mais vêm ao encontro do ‘Eu’ lírico, “... como um navio / para o seu definitivo ancoradouro”; bem ao contrário,

“... .. — vão, partem
mesmo quando chegam, uns olhos que põem
os desnudos corpos amados além
como se uma lente se fosse fazendo míope
e os fosse atraindo na noite da miopia
para a distância, o longe, o nunca-mais;”

Por uma vicissitude talvez insanável, um fatal erro de máquina (trabalho com o dactiloscrito) deixa em suspenso uma ambigüidade que invalida os esforços no sentido de decidir-se se “os olhos”, na verdade, vêm ou vêem, porquanto o dactilógrafo grafou simplesmente veem. (Em vários passos do original o poeta revela indecisão quanto à ortografia da 3ª pessoa plural do indicativo presente dos verbos vir, ir e ver, o que faz pressupor que ele mesmo haja batido o texto.).

Estou, todavia, bem propenso a crer que a forma verbal é, de fato, vêm, em face da oposição vir — ir, veiculada pelo verso:

uns olhos que não vêm — vão, partem
mesmo quando chegam,

Sabe-se do acontecimento que representou para Bandeira Tribuzí a poesia de Fernando Pessoa. A veracidade disso é confirmável no texto sob análise. O enquadramento, a clave concepcional, o espectro reflexivo de “Meditação da ponte” guardam algum parentesco com criações pessoanas do recorte, digamos, de “A tabacaria”. Até certas práticas formais sintomáticas de Pessoa diria quase sestro — como o emprego peculiar de orações reduzidas do infinitivo e do gerúndio com função objetiva, subjetiva e até mesmo de adjunto adverbial, são observáveis na sintaxe tribuziana. Por exemplo:

“... .. Estou pois debruçado / em não haver a ponte.” “Mas sob a ponte que me é sob, / sob o meu sentimento de habitante da ponte / e sob o não-saber se sou menos ou mais / do que pensar que ela me acolhe e permite,”

Pelos amplos panejamentos e pela ambiciosa instrumentação conceitual, o nosso texto traz à mente também “Sôbolos rios que vão...” e a Canção IX, “Junto de um seco, fero e estéril monte”, geniais invenções de Camões.

Frise-se logo, porém, que o poeta mantém a sua perfeita autonomia de vôo, sem a mínima subserviência a seus modelos. A originalidade tribuziana em nada fica chamuscada com a vizinhança desses astros.

Pois bem, retomemos a exegese que vimos ensaiando.

Por complexo que seja o painel de significações que se desdobra diante de nós, acaba por desenhar-se, como se entrevisto por uma lâmina esfumada, o entendimento de que o ‘Eu’ lírico, retroarreatado para um espaço contrário, por ação de uma figurada “lente” que “se fosse fazendo míope” e “fosse atraindo na noite da miopia” “os desnudos corpos armados” “para a distância, o longe, o nunca-mais” — o entendimento, dizíamos, de que o agente lírico deplora, com acentos dos tragedistas gregos, a desnaturação de um princípio superior de Vida, a corrupção do humano em tão algo grau que as criaturas se desreconhecem entre si e resvalam umas pelas outras emparedadas na alienação.

as coisas, as pessoas, eu e eles (nós-vós)
 iguais aos desiguais quotidianos, desirmãos,
 com as mãos sujas pelo óleo do sangue,
 das lágrimas, do suor dos irmãos,
 a boca cheia de palavras pantanosas,
 a ambição florindo sobre a lama como rosa fétida,
 flor homívora e insaciável,
 as pessoas se desmudando em coisas:
 um rebanho de coisas desamparadas e inúteis:

O poema é circular. Inicia-se regido pelo módulo do auto-exílio e conclui-se num clima de quase desterro. Mas, entre esses dois pólos, o poeta dá volta ao mundo.

À medida que se avizinha do epílogo, a “Meditação” vai assumindo o registro de um solilóquio, vai afunilando-se, entunelando-se, enconchando-se, no que caminha *pari passu* com o agente lírico que se vai infletindo sobre si mesmo até que, com a nadificação de tudo — do rio, das águas, da ponte — se confunde irredutivelmente com “... um vão / de solidão.”

Não pode haver consumação mais excruciante, desenlace mais imprevisível!...

Aqui, porém, se dá algo que talvez nem o próprio autor chegou jamais a pressentir.

O poema, vingando-se sem complacência de seu demiurgo, refuta gloriosamente o Poeta, pois a “Meditação”, de ponta a ponta, nos povos, nos desenmudece, nos rearticula a mensagem da refraternização, nos resseiva a palavra da co-existência solidária, enfim, nos reomifica. Re-homi -pontifica!

Julgo haver explicitado a natureza matricial da obra até agora em foco.

Dela, pode-se, por uma espécie de maiêutica de uso na crítica literária, extrair as várias direções em que se esgalhou o espírito criador de Bandeira Tribuzi.

Os vectores que se irradiam desse núcleo autorizam, sem dificuldade, a sua capitulação entre as modalidades da poesia de denúncia ou de contestação social; lírica — erótica ou especulativa; de orquestração heróica; ou até de inflexão dramática (notar a variedade de *personae*, portanto de “vozes”, dissimuladas na tessitura da “Meditação”).

Fazendo convergir nossa atenção agora para o *corpus* constituinte do presente *Tropicália consumo&dor*, caberia ressaltar, entre as páginas de protesto mais ostensivo, p. ex., a secção XX de “Pavana do fim do mundo” (título que recorda o *Quatuor pour la fin du temps*, de Messiaen). Toda a “Toada do meu desejo”. O esplêndido “Samba / Coral”, que se entretece de celebração da vida e de desmascaramento intrépido da desigualdade social, do racismo, da histeria belicista, bem como da exploração do homem pelo homem. (Há, de quebra, instigantes soluções formais, com rimas audaciosas — “grande” / “grão de”; “vê-se o” / “avesso” — além de memoráveis versos: “se a fome é igual / e o pão também / e a Terra é mãe / por que não vem / o Pão geral?” “Haverá amanhã de Homem / se do Homem não é irmão? / — EU DIGO NÃO.”). O sinfônico “América América”, construído com estrofes caracterizadas pela polimetria e percorrido de um frémito de ode.

Aqui, também, podem alinhar-se as produções na clave satírica ou mor, pois apraz amiúde ao poeta borrifar a carranca da impostura com o vitríolo do riso. Quem não se deliciará com este dístico lapidar de “O tempo dos Conglomerados — “para evitar insultos cerebrais / os crânios são inflados de vazio”? Ou com este: “e o quarto de hora do amor diário / e fêmeas com eletrônico ovário”?

Por diapasão análogo se afinam o demolidor “Várias hipóteses de José da Silva”, permeado de escolásticas distinções entre o ‘José da Silva’ — *genus* e o ‘José da Silva’ — *individuu*, assim como as dez partes em que se estrutura “Consumo&Dor” que, já desde o trocadilho do título, desconjunta o carunchado pardieiro capitalista.

Entre os belos frutos do estro lírico, de entoação confessional (embora, em Tribuzi, o intimismo raro não se tinja de comunal), cite-se “Por isso canto”, quintilhas e sextilhas em metro de arte menor; a

robusta exibição de virtudes paisagísticas que, em “Tropicália”, se inicia com “Cadê os pintores do meu país estranho, / cadê os pintores que não vêm pintar?”; além da inesquecível seqüência do vertigem erótica, constante de “Meditação da Ponte”, seqüência essa já posta em relevo.

Não me deterei a evidenciar os componentes outros da poesia de Bandeira Tribuzi, tais como se acham representados neste livro — o timore heróico, o dramático etc. — porque o leitor sensível logo discernirá as várias cambiâncias do seu espectro verbal.

Prefiro, neste ponto, aproximar-me de uma faceta de sua obra que demanda um esclarecimento judicioso. Tenho em mente sua tomada de posição face a um apelo de religiosidade.

Ninguém ignora que o poeta experimentou uma formação devota, tendo chegado mesmo aos umbrais do sacerdócio católico.

A partir do momento, porém, em que foi sacudido pelo cataclisma ideológico do nosso tempo — e tal se verificou ainda no mosteiro onde conduzia seus estudos em Portugal, à época da tenebrosa derrama das hordas do Demogorgon-Hitler — ele, pelo menos no que transparece de sua poesia, pôs entre parênteses a transcendência, como o fez Husserl com o ser mediante a sua célebre *Epoche*. Foi mais longe ainda — atreveu-se a lançar aos céus certos reptos no tocante à inerradicabilidade do mal reinante na Terra. (Era a teodicéia que o vate punha em questão.).

Não é este o ensejo de eu apreender a escavação dos vários estratos de sua obra, a fim de trazer à tona os elementos indispensáveis à fundamentação exaustiva do que ficou dito.

O assunto, aliás, só tem importância colateral e assim mesmo em correlação com testemunhos, como o oferecido pelo padre João Mohama, de que Bandeira Tribuzi, no seu leito de morte, buscara a reconciliação com a divindade. Para uma tomada de contato com essa versão, remeto o leitor à homilia que o ilustre prelado e escritor maranhense proferiu ao azo do primeiro aniversário da morte do poeta.

Quanto a mim, só me cabe dizer que, no rastreamento da pluralidade de motivos e temas presentes aos textos enfeixados em

tomos até o momento dados a lume, entre os quais motivos se encontram naturalmente indícios de inquietação religiosa, nada encontrei que sancionasse a presunção de que o autor se houvesse decidido a perfazer a viagem de volta ao regaço da fé.

Eu poderia até, ao invés, estribar-me em mais de um passo para imprimir rumo contrário à conjectura, o que bem afagaria a minha condição de materialista conseqüente.

Para não me desviar, todavia, do programa que me propus de começo, de não conceder prioridade à pessoa empírica de Bandeira Tribuzi, antes dando o realce máximo ao agente lírico, conferirei peso maior à questão de saber se o autor, quando no trato de tópicos dessa natureza, o fez segundo exigentes padrões de qualidade poética. É afirmativo o meu pronunciamento.

Cinjo-me, por suficiente, a reproduzir passos constantes de textos do presente livro, bem como alguns colhidos do Apêndice à prestante monografia, *Pela cidade do homem* (Uma interpretação de Bandeira Tribuzi), de autoria do crítico e poeta Rossini Corrêa, onde se reúnem 24 poemas do cantor, éditos só em periódicos.

... ..

que eu senhores estou farto
de tantas medidas, uras,
de santidades históricas,

... ..

... ..

de tantas panças católicas
apostólicas ó ólicas!
(Raios partam! Estou farto!)

(“Pavana do fim do mundo” — I)

Homens há poucos que vêem
que há festas de caridade
em que a caridade está
em certo esfregar de corpos

e que dessa caridade
 só se alimentamos mortos,

(Idem, II)

Sei de certa piedade

que se recolhe a conventos
 não sei nem quero saber
 tragédias que lá se passam.
 Mas sei que só certos túmulos
 darão a paz verdadeira...

(Idem, X)

Com mais pão e menos fome,
 mais amor distribuído,

 e um novo claro horizonte
 contra este céu corrompido!

(“Toada do meu desejo”)

Morte
 Onde
 Repousa
 Teu
 Espírito!

(Final de “Canto impuro”)

... ..

... ..

quando a vida

é mão colhendo abricós e sabiás,
 sábia no jeito de outras mãos
 e o amor o único despacho
 de todas as Igrejas sem igreja.

Assim seja!

(Fecho de “Tropicália”)

No poema “Antes que seja tarde” (vide Rossini Corrêa, op. cit., p. 77), o poeta concebe a morte como um “sonho” “sem manhã” de onde não se acorda, e proclama taxativamente: “não há noite além”. Nada mais distante da crença numa outra vida. Há aí, também, referências à divindade — num caso, no plural “deuses”; no outro, no singular, porém com inicial minúscula.

Dê-me deus mais, antes da paz que, um dia,
 ganharei — saldo a humana transação
 ao menos uma rima de canção:

.....

.....

Bandeira Tribuzi, que sabia latim, traduz por uma perífrase o termo *defunctus* (particípio passado de *defungor*), que significa ‘saldar a dívida com’, no caso, estar rigorosamente quite com a vida.

Em “Credo” (ibidem, p. 79), rejeita-se, de modo irretorquível, qualquer suposição de que o poeta acariciasse o intuito de tornar-se um reconverso, de empenhar-se em ser readmitido no seio do Pai místico.

Recomendo essa grande página à atenção do leitor, onde há, por parte do vate de “Antroponáutica”, decisiva profissão de certeza materialista, expressão inequívoca de confiança na ciência, e absoluta convicção do fim próximo da lepra, do parasitismo capitalista.

Creio nos males da moeda
 e no furto da mais-valia
 que fazem deste bom planeta

arena da pior vilania

.....

.....

Instrutiva seria também a leitura de “Elogio (e Réquiem) do Café Society” e de “Megalópole, história e tempos” (in Rossini Corrêa, *ibid.*, páginas 92 e 97).

Em ambos, há alusões *cum grano salis* a vezos da religião oficiosa nossa. Cito apenas passagem do primeiro:

Gente tão feliz que depois
de viver feliz neste vale
de lágrimas para milhões,
paga missas e devoções
para comprar muitos perdões
e imensas absolvições
que a levem sem contrições
ao paraíso celestial...

Observo, de raspão, que, quase ao termo de “Elogio (e Réquiem) do Café Society”, o poeta obliquamente atribui a Schopenhauer uma obra que teria por título “Acima do bem e do mal”. Na realidade, trata-se de Nietzsche, autor de *Jenseits von Gut und Bose* (1886).

\$

Numa tentativa de enfeixar, numa síntese final, a impressão dominante que me ficou da travessia por este livro, diria que foi de liberação, de liquidação dos disfarces, das máscaras.

O poeta promove a desrepressão de nossa cólera contra este mundo estúpido que nos envolve, a civilização falida que logrou a façanha única na história de algemar o punho do cristianismo ao punho do capitalismo para submeter todos nós ao tripúdio de um monstro bicéfalo.

Estas páginas porejam de identificação com a dor geral e valem por uma propedêutica à insurreição contra a asfixia, o intramuramento da “ordem” vigorante na *soi-disant* cultura do Ocidente.

Ao mesmo passo, faz-se-nos aqui o legado de um Testamento de Beleza. Não é um sedicioso, um carbonário que se ergue diante de nós. O vulto que convoca a nossa admiração e respeito é um Poeta.

Nesta nave ressoa o Canto — a floresta coral do canto.

O que isto possa conter de inescrutável, deixo ao leitor como tema de reflexão.

Indagarei apenas: não se acha aí entrelumbrado o semblante de nosso tempo?

Oswaldino Marques.

(Brasília,
dez. 84 jan. de 1985)

PAVANA DO FIM DO MUNDO

I Eu fui gerado em prazer
e fui parido com dor
e quando mamei mamei
e é por isso que direi
com palavras de estupor
o que tenho de dizer:
Que nós aqui vamos indo,
vamos indo flutuando
vivendo de quando em quando
como a sorte determina.
Raios partam dor de dentes,
dor de cabeça e de peito
— exceto dores de parto —
que eu senhores estou farto
de tantas medidas, uras,
de santidades históricas,
de viúvas tão honestas,
de tantas virgens que o foram,
de tantas panças católicas
apostólicas ó ólicas!
(Raios partam! Estou farto!)
Que ou ISTO se simplifica
ou me complico e nos mato.

II Homens há... Cadê os homens?
Mas homens há certos poucos
que ainda chamam as coisas
com os nomes delas próprias.
Homens há poucos que vêem
que há festas de caridade
em que a caridade está

em certo esfregar de corpos
e que dessa caridade
só se alimentam os mortos,

quando a caridade está
em chamar-se a um burro — burro
e em chamar-se porco a um porco.

III Certos poucos homens vêem
certas feridas chagadas;
por sob meias de seda
e certos lábios pintados
com bom baton de papel.
Sabem de certas entregas
que não são lua-de-mel...

IV Certos poucos homens sabem
que há prostitutas com filhos
e há belas damas ó amas
que se espremem, se escangalham,
assassinam e esfarrapam
para que os homens não delas
repoisem em sua carne
os olhos depois o sexo...

V Certos poucos homens sabem
que há homens tão bons maridos,
tão bons pais, tão sociais,
tão amantes das esposas
que só se sentem felizes
Na cama de outras não suas.

VI Certos poucos homens sabem
que há crianças que não brincam,

homens feitos que não pensam
porque lhes doem as culpas
que a seus avós não doeram.

VII Sabem isto e muito mais.
Ora não sabem por quê.
Contudo porque é simples
Porque — aqui o direi
Embora saiba que dói
a certas almas de escol
ou escremento de boi.

VIII Mulher cujo sexo arde
cujos nervos se consomem
cujos seios se definham
e cujo ventre se estreita,
se não há homens no mundo
morde de amor-de-outro-mundo
o primeiro qualquer-homem
que for um macho fecundo
e terás a honra escrita
sobre a carne satisfeita,
Homem tu, bom animal,
flor acre de pensamento
e força de fecundar,
se é que uma mulher qualquer
tua mulher tem de ser
por falta DESSA mulher
que não fosse uma qualquer,
vai navio e prende amarra
em qualquer ancoradouro
onde haja sol e haja vento
e em flores de carne crava
a força de tua garra!

IX Meu filho, meu camarada
ou meu irmão ou meu ódio,
hoje havia sol na praia,
havia frutos e sombras
para descansos e beijos
e nós fechados nas casas
lutando por existir
e a praia dos caranguejos.
Meu filho, meu camarada,
ou meu irmão ou meu ódio
domingo irias à praia
com a mulher e as crianças:
Porém domingo choveu...

X Já vi mulheres histéricas
e suas noites tremendas
porém não conheço um caso
só de histerismo nas éguas.
Sei de certa piedade
que se recolhe a conventos
não sei nem quero saber
tragédias que lá se passam.
Mas sei que só certos túmulos
darão a paz verdadeira...

XI Certa Maria qualquer
amou com força tão grande,
pariu com tal convicção,
trabalhou com tal bravura
— mesmo sem chegar a ser
aquela mulher perfeita
de que não há escritura —
que bendigo seu mau hálito
e lhe beijo a vida pura.

XII Certo homem mascarou-se
(que o dinheiro que devia
ninguém podia esperar).
Certo homem mascarou-se,
botou a língua de fora
e deixou cair os braços,
os pés e pernas sem nexo,
deixou cair a cabeça
com toda a língua de fora
e a face de carantonha.
Mascarou-se pendurado
duma árvore qualquer
somente para brincar...
(Que o dinheiro que devia
ninguém podia esperar)

XIII O sol de domingo diz
que ISTO é um mundo feliz:
Ora porém por detrás
de certas grades, que eu sei
não são grades de jardim,
alguém se espanta e detém
de ali estar por um caso
banal de simples facada
e odeia o mundo com ódio
que aqui sequer se descreve.
Porque nunca teve um beijo
de sua mãe que não teve.

XIV Vem sim! Porém se te atreves
se julgas poder viver
ao lado dum animal.
Se julgas poder amar
uma força verdadeira

e terrena e natural.
Vem se não temes altura.
Vem ver a beleza pura,
Outro céu, outra ternura,
minha mulher companheira

XI Meu filho, quero que saibas
só as palavras sinceras;
quero que só compreendas
as intenções verdadeiras;
quero que durmas à noite
com o olhar nas estrelas
e que ames as aventuras
e uma coragem tão certa
que uma ave mal ferida
nela se aninha e aconchega.

XVI Aqui as árvores sonham
o horizonte parado!
Aqui as aves murmuram
ou gritam de amor concreto!
Aqui as águas embalam
de frescura o tão sossego!
Porém, em baixo, a cidade
guarda um ódio em cada beco.

XVII Por estes campos desertos
a solidão paira calma:
só se houve o urro dum boi
dormente no ar redondo.
Boiadeiro tem nos olhos
mil paisagens de aventura:
todo seu corpo estremece
quando olha ao longe a planície

e ainda sabe quanto vale
haver no mundo um amigo.
Porém nós, deuses supremos,
que gesto amigo sabemos?

XVIII Ora porém sei também
de certa moça que tem
(digo errado porque gosto)
que foi tão forte sincera
e tão bem soube mentir
que o mundo que se nos fecha
às suas mãos se há-de abrir...

XIX De certas mulheres sei
que sendo são e não são
um certo nome que os homens
às mães de outros chamarão.
De certas mulheres sei
que o são talvez por destino,
por fome de amor, por falta,
de luz mais outra que a delas,
por defender outras sinas
ou por fome ou frustração.
É porque sei lhes perdôo:
lhes encho a noite de estrelas
e aqui lhes peço perdão.

XX De mim sei que não me calo
enquanto houver poesia
e me a garganta der voz,
Canto forte, canto bruto,
canto feroz, canto faca,
contra o erro que me esfarpa;
canto pelo que de mim

me constrange verdadeiro
e um resto bom que há em nós!

XXI Barco parado: olha o vento
Mão presa: tens pensamento.
Flor murcha: tens o meu peito.
Virgens: tendes o meu sexo,
Noite enorme eu te ilumino!
Pensamento, por que paras?
Coração, por que não gritas?
Mãos, que é feito da carícia?
Braços vós tendes destino,
Menino tens tua bola.

Velho tens tua lembrança,
Menina tens tuas tranças,
Moça tens espelho e seios,
Rapaz que é de teus anseios?
Viúva — pai pra teus filhos!
Fome, por que o teu nome?
Palavras, por que mentis?
Coração, por que desvias?
Mão rica, por que te fechas?
Gesto bom, por que te esqueces?
Falsidade, por que aumentas?
Nudez, para que te vestes?
Lenço azul e não acenas. . .
Saudades, escondes as lágrimas?
Lágrimas frias salgadas
por que mordeis certos lábios,
escondeis certas tragédias,
fingis tamanhas comédias
e não rolais, engrossais,
não sois rio e transbordais,

nos afogais e acabais
com tal miséria de vez
para que o mundo regresse
à força de que se fez?

POR ISSO CANTO

Nesta teima de cantar
nenhuma canção me basta.
Que minha vida é teimar
em estar e para estar
só cantando a vida é vasta.

Porque é estreito demais
esta real que tocamos,
pobres bichos imortais
que futilmente teimamos
em gostos transcendentais.

Se devo ficar (e fico)
doirado de sonho e mudo,
ao menos em vão explico
com falso belo veludo
minha pobreza de rico.

E, para que viva, canto
na vida que nos é dada
o som de maior encanto
da quimera desgarrada
que a dor faz não doer tanto.

Minha alegria que tenho
e ofereço sem pudor
aos de quem, próximo, venho
tentar disfarçar a dor

teimosamente a sustento
de meu ser interior.

Dói em mim não sermos todos
o que sonho que serei,
dói, posto não tenha modos
de ser o que me sonhei,
e em mim a maré dos lodos
me faça o que desprezei.

Mas a alegria não pára
porque não pode parar:
farol que as noites aclara
e não deixa naufragar
a nau que desabrigada
agoniza à flor do mar.

Já me não dói o que doa
em meu sangue e minha carne.
Que a dor de todos tomou a
minha dor para queimar-me
no fogo que nos magoa
e em que nossa alma arde.

A mim, que chamo de irmão
todo o bicho semelhante
onde um rubro coração
se consome a cada instante,
me resta a contribuição
de matar a dor que cante.

Por isso canto: por mim,
pelo que me faz cantar —
— o amor que do sem-fim

me veio para te amar —
e por nós e por que vim
para este canto nos dar.

TOADA DO MEU DESEJO

Desejo o mundo que quero —
— quero o mundo que desejo.
Diferente do que vejo
meu desejo quero e espero
e aguarda apenas o ensejo.

Maior por ser desejado
pelo coração do povo,
é navio carregado
de ardente futuro novo
tão longamente esperado.

O cais de ser esperadô
é feito de dor e luto
e algum sangue derramado
clamando um apelo mudo
que se espalha, som magoado
na carne triste do mundo.

A voz de muitos o chama
e ele tarda mas responde.
Rio lento se derrama
nas terras que muito ama,
cantando como uma fonte.

Todos esperamos como
se espera um sinal no céu
para que venha com seu
perfil de alegria e assombro,
dar o que ninguém nos deu.

Com mais certeza que pressa
aguardamos o esperado
tempo da nova promessa
que por nós nos será dado
na manha que já começa.

Certeza que já é posse
do que teremos ao termo
da dura vida no ermo:
um mundo que menos fosse
sombria noite de inferno,

Com mais pão e menos fome,
mais amor distribuído,
mais — liberdade — teu nome
nos corações aprendido
e um novo claro horizonte
contra este céu corrompido!

Cantar ajuda a passar
o tempo só de esperança
e o canto faz despertar
quem jaz em falsa bonança,
para que possa alcançar
o que cantando se alcança.

CANTO IMPURO

Não tenho em minhas mãos nenhuma estrela
e outros brinquedos tão comovedores
como a trombeta azul e os cães de caça
chamando príncipes ao real enredo,
mas apenas — de amor — quatro palavras
sem mito e sem ruído
e o malmequer dos acontecimentos.

Talvez que teu ouvido vá romper-se
ouvindo o cantochão sem melodia,
bárbaro e duro coração desfeito
ao sopro de diários ventos sujos
que não vêm do norte indevassável
mas em nós se levantam, cheiro amargo
de meia-morte em corpos vacilantes,
candeia triste e ameaçada sempre

no teu jardim as rosas pastam sonhos
e o piano se levanta em amplas valsas,
confundidas no cheiro das camélias
e em brancas mãos, sorrisos intocáveis
de alma aberta em pétalas de espuma...
Por isso te seria bem mais doce
que insistisse nos ventos de Novembro
e o sagrado Natal, a repetida
noite silenciosa...

Porém são pedras as palavras, frio
punhal te cravo — acorda! Resistimos
longe de tuas rosas, tristes homens,
carne cercada, bestas compelidas
e um banco de jardim acolhe, duro,

comprado em falso
divertimento.
A espera longa
do transporte.

O — adeus amigo! —
e o amigo perde-se,
perde-se amante,
perde-se filho,
perde-se emprego,
perde-se tempo,
perde-se esperança —
— adeus nossa vida
matada em nós!
Há, daqui
a nove meses,
tem novo filho
inevitável
e os cabelos
brancos crescendo
e a ruga triste
e menos coragem
e mais idade
e, depois,
a
Morte
Onde
Repousa
Teu
Espírito!

AMÉRICA
AMÉRICA

e os rios como oceanos de seiva circulando
o corpo ainda intacto da mãe inumerável!
Terás visto, correndo no coração de todos
este pequeno cântico sonoro, vivo e mágico
cantado por mulatos, por índios e por brancos
cantado pelos negros na comunhão das raças!

“Sabes seu nome?” — AMÉRICA, eu disse ou escutei
(ou pensei) e meus olhos fitavam comovidos
o perfil das palmeiras balançadas no vento.
E este nome de América crescia no meu peito
e ia ecoando ao longo da praia memorável.
Nem eu sei se eram ondas bravias se encrespando
se era o rumor do vento ou o próprio silêncio
já grávido de espantos, soltando seus fantasmas;
mas certo é que escutei esta palavra amiga
que em nosso ouvido tem um som incomparável:
América, diziam gênios do continente
e os rumores do mar nela se acrescentavam
quando as estrelas puras mais no céu se acendiam
e a lua alvos lençóis na praia desdobrava!
Maduro o mar de Agosto. Eu colhendo da noite
este longo silêncio maduro ou estas vozes:

— “E a tristeza sombria e amarga dos humildes
daqueles que nasceram na terra bem amada
e que diariamente lhe entregam sua vida
como penhor de amor sem pudor e sem mácula,
amarrados ao jugo tristíssimo da morte
e amassando seu pão na dor de suas lágrimas?

“Acaso terás visto esses longos rebanhos
de teus irmãos tangidos ao trabalho nas fábricas

e a face anoitecida das mães que viram mortos
em seus braços, de míngua, aqueles que geraram
e vivem já na morte, mais do que assassinadas.

“Não vês que tudo compram os donos deste mundo
e vêem sem pudor negociar-te a alma
os sujos mercadores que pesam em moedas
todo o valor humano? Não vês como assassinam
o cântico dos negros irmãos e vão linchá-los,
brutais, com suas almas de carvão sem remédio?

“Vê o mundo que tecem — os músculos tornados
os senhores do homem, a vida dos cavalos
mais cara e preciosa que tua própria vida:
sangue de tuas veias arriscado em apostas!

“Não vês se aparelharem nos túmulos da vida
as ciências da morte, noturno desespero
acumulando gestos de horror e assassinato?
Não vês como circulam o corpo apodrecido
pelas veias o ouro e a morte nas artérias?
O amor escorraçado, preparam cemitérios
para a noite dos homens que tramam sem pudor.
O continente assiste a este pavor funéreo
e seu nome de América entregue às bocas sujas
onde rolam palavras negras como a desgraça
serve de manto às torpes usinas miseráveis
por onde os vendilhões planejam novo inferno.

América, pensei, teu nome ainda é puro
na boca dos humildes, no coração dos homens
que não vendem a vida nos balcões mercenários,
mas este signo turvo confunde os pensamentos.

“Não creias, sim, não creias — tornou aquela voz —
que possam silenciar os ritmos eternos
ou negociar a alma nascida em liberdade.
Aqui a terra vence o sono dos covardes,
levanta o coração assombrado dos tímidos
e transborda a coragem no peito dos heróis.
Que jamais o silêncio deterá estes rios
que alimentam o peito sagrado nas raízes,
este mundo obscuro de minerais ocultos,
este reino sem termo dos vegetais brotando!
Aqui foram plantadas as árvores da vida
e a usina da morte será decapitada.

“Escuta este rumor de América: são ventos
ou o coração das velhas florestas revoltadas?,
são pedras e metais e pássaros bramindo
sua revolta imensa contra os senhores bárbaros
que tudo negociam e tramam assassinios
sob este céu sem culpa mas tremendo de raiva!

“Seus olhos se fecharam para a festa das cores,
seus ouvidos são surdos às músicas aladas,
sua boca desdenha teu nome puro, América,
seus pensamentos correm num campo de cadáveres
mas eles desconhecem as ciências do trigo,
o arsenal supremo da terra atraçoada,
esta fúria salina que circula nas ondas
e este sentimento de América mais forte
do que o poder sombrio de desumanas máquinas

“América te vejo florindo em outros dias
igual ao céu, ao campo, aos rios desatados
tecida de mil cores e de mil esperanças,
sem medo, sem miséria, sem fome e sem soldados,

ROSA DO MUNDO, entre as canções das crianças
e o futuro nascendo para lá destas lágrimas.
Ó pátrias de amizade anulando as fronteiras

e cada qual buscando as mais puras palavras
para te saudar, América, mãe nossa
sem mãos de usurpadores que possam corromper-te.

“América!” Escutei (ou foi meu pensamento
gritando em mim). “América”. E não sei que profundo
sentimento crescia em mim (ou em nós) poderoso
rumor que vinha misturado ao rumor do oceano
— maduro o mar de Agosto — e eu escutei-o imenso,
o cântico maior: era uma voz sem número
que suscitava a terra, os rios, as entranhas
materiais e o vento espalmava nos campos
uma voz que pedia teu corpo verdadeiro,
pão de comunidade, liberdade exigida
por milhões e essa voz dizia só: AMÉRICA!

Como se essa palavra já congregasse em si
as pétalas benditas da rosa desejada
e essa palavra era um prodigioso canto
que os ouvidos da noite colhiam com espanto.

SONETO DO VIETNAM

A bomba de napalm está fritando
a carne espedaçada no Sudeste.
Relinçam os canhões e aves uivando
sobrevoam os pântanos da peste.
A morte cultivada, amontoando
vai cadáveres bons para manchete:

é a vida, a leste e oeste, prosperando
 no negócio da morte que floresce.
 E quantos mais prodígios desabroçam
 quando o século atinge o último quarto
 na véspera intranquila desse parto
 do futuro obscuro, a que se imolam
 a puta de Saigon, amarga e nua,
 e o astronauta pisando o chão da lua!

PRECE

O Cristo de Belém, filho de carpinteiro,
 nasceu tão fácil. Era pobre, não tinha
 onde hospedar-se, nem hospital-maternidade,
 nem pediatra: nasceu na manjedoura mas nasceu água.
 De repente eis que estava ali manso e humilde de coração,
 bafejado pelos animais silvestres,
 como um perfeito ser humano: simples, natural, imune
 às perfídias e de coração aberto. Nasceu tão fácil
 qual as verdades que iria multiplicar como pães,
 a grandeza que ir-ia multiplicar como peixes,
 a humanidade que iria fazer brotar como o vinho da água.
 E o cristo que haveria de nascer em cada coração?
 Oh parto penoso e árduo: há dois mil anos a mãe —
 humanidade geme e sofre e esse cristo não nasce!
 E o que vem ao mundo são seres vazios do seu cristo,
 amargos em seu cristo, hostis, ásperos, taciturnos,
 porque, em vez do cristo devido, lhes nascem punhais no coração.
 (“Bem aventurados os pobres, os mansos, os que sofrem
 perseguição por amor da justiça, os pacíficos etc”:
 esse o cristo que deve pulsar em cada um, como os
 ventrículos e aurículos). E não pulsa nada:
 pulsam ambições, paixões, invejas, covardias,
 insultos, malquerenças, mesquinhas, avarezas,

vanidades, orgulhos. falsidades como chama de punhais
afiados e consumindo. Oh! avessos que somos de nós,
antípodas que nos somos, eriçados contra os irmãos
como inimigos, dessangrando os corpos e pisoteando
o espírito nos vietnãs invisíveis da vida diária;
na floresta virgem do êxito, do lucro aí vamos
num atropelo — rebanho de feras uivando egoísmo.
Construindo falsas vitórias sobre o cadáver vivo
do próximo trucidado, fingimos vencer himalaias
e caímos coletivamente no poço sem fundo.

Vem amanhã
manhã vem
no cristal
do sino
de Natal

o pobre presépio ainda há
o boi e o jumento ainda há
herodes ainda manda em judá
pastores pela noite vão
madalenas choram em vão
ninguém multiplica o peixe e o pão
não haverá mais salvação?

faça-se cristo o coração
faça-se cristo o coração
faça-se cristo o coração

O Cristo de Belém, filho de carpinteiro,
nasceu tão fácil. Era pobre, não tinha
onde hospedar-se, nem hospital-maternidade,
nem pediatra: nasceu na madrugada.

SAMBA / CORAL

Ponham a mão
no coração
porque meu samba
é de batida
coração.

Como refrão?:

— Eu digo não.

— Eu digo não.

— Eu digo não.

Pode a palavra traduzir uma emoção?

— Eu digo não?

A vida inventa,
a vida canta,
a vida planta,
a vida aumenta,
a vida é tanta
que não cabe
na vida!

É flor que se abre
previvida
nas palavras
da invenção!

E a Poesia incompetente
a traduzir uma emoção?

— EU DIGO NÃO

Se o Pão é vida
é justo o Pão que hoje nos dão?
— Eu digo não?

A Terra é grande,
o chão fecundo,
é nosso o Mundo,
é nosso o grão de
trigo ou de amor
paixão ou flor;
se a fome é igual
e o pão também
e a Terra é mãe
por que não vem
o Pão geral?

Se é a colheita um mutirão
poderá haver boca sem Pão?

— EU DIGO NÃO

Poderá um gozar a fêria
que ao outro só cabe em miséria?
— Eu digo não?

Bem repartida,
a safra havida
seria vida
multiplicada;
mal dividida,
desumanada
é a mão fechada
contra a vazia.
É a noite e o dia

na melodia
desafinada.

Haverá amanhã de Homem
se do Homem não é irmão?
— EU DIGO NÃO.

Haverá amanhã do Homem
se é muito mais livre seu cão?
— Eu digo não?

É livre o vento
e o pensamento
e o desalento
e a solidão;

é livre a morte
mas por que a sorte
e a comunhão
se busca em vão?
Do sonho ao ato
tudo é hiato
de negação.

O homem será senhor de estrelas
se os pés lhe prendem em cadeias?
— EU DIGO NÃO.

Melhor é a capa
ou o que escapa
da visão?
— É sim ou não?

Branca, vermelha
ou amarela
ou negra a cor
pouco revela
pois que só vê-se o
que é avesso
e o direito
se esconde dentro:
lá dentro onde
o sangue se esconde
igual vermelho!

A cor da pele
desirmanha o coração?
— EU DIGO NÃO!

Mas se viceja o ódio e a guerra
tem a Terra
salvação?
— Eu digo não?
Ontem foi noite,
foi açoite,
foi galé,
foi arena,
foi cristão
contra leão
e Inquisição
foi mas não é
pois amanhã
é rima de manhã!

Se a noite se faz madrugada
amanhãs anoitecerão?
— EU DIGO NÃO!

— EU DIGO NÃO!

— EU DIGO NÃO!

VÁRIAS HIPÓTESES DE JOSÉ DA SILVA

Começou no poder-ser
da adolescência, no incerto
Caminho par da ternura
com as urgências do sexo;

Começou pelo crepúsculo
a mão dada e o beijo terno,
o amor, a paixão, desejo
o inseriram no contexto

de fértil ventre abaulado
gigante frágil e tenro!
promessa de planta viva
florindo em fértil terreno;

ali na gruta sagrada
vivendo sob o avesso
foi feliz que não cuidava
e o cuidava o sangue espesso

materno todo fluindo
pelos rios do desvelo:
era uma planta na estufa
fora do externo contexto...

mas o que é bom dura pouco
e um dia eriçou-se o avesso
onde vivia protegido
e fez dele seu corpo externo:

um pequeno ser humano
gritando pelo oxigênio
e sorvendo ávido o sangue
branco nos maternos peitos

avós, tios, pais, parentes
em trágico apressamento
cuidaram de dar-lhe um nome
que o inserisse no contexto.

digamos que o apelido
que lhe deram (por genérico)
foi o de José da Silva
que é comum e brasileiro

Até aqui a mecânica
mais ou menos aparente
através da qual qualquer
se vê no mundo vivente

(que ainda não inventaram
a fórmula desigual
para ser alguém parido
por condição social).

Até a palmada e grito
que insere o Homem na vida
há uma perfeita igualdade:
todos são Josés da Silva.

Depois do primeiro berro
é que as coisas se complicam
e vão do JOSÉ DA SILVA
até o José da Silva:

que é o mundo prateleira
subindo do chão acima
e os homens, como livros,
a níveis desiguais ficam

e por assim arrumados
hipóteses justificam
como as que eu simbolizo
nestes três Josés da Silva.

Hipóteses que, se pecam,
é apenas que na vida
há muito mais prateleiras:
e não serão três mas trinta.

Mas quando essas prateleiras
se agrupam, por parecidas,
há as de baixo, as do meio,
as de cima e as indecisas

assim essas três hipóteses
embora mui resumidas
bem que podem ser a e(hi)stória
do muitos Josés da Silva!

HIPÓTESE A:

José da Silva Primeiro
nasceu numa palafita
com três metros por três metros
de sala-quarto-cozinha,

tecidos numa só pela
dessa estranha alvenaria

que em finas pernas de caibros
sobre a lama se equilibra;

no momento em que seu grito
a madrugada feria,
o marulho da maré
em coro lhe respondia

como um aviso de angústia
a preveni-lo que a vida
lhe seria uma salsugem
dos esgotos corrompida

e essa mesma salsugem
envenenadora e fria,
ao longo de toda a infância
pão de seu ar se faria

como a lama venenosa,
chão de sua palafita,
se faria safra e alento
de sua precária vida

pois só mergulhando nela
e tateando seu visgo
de caranguejo e siri
tinha o estômago entretido;

como, depois do romance,
o autor de sua vida
lhe deixou a mãe viúva
antes de comprometida,

José da Silva foi criado
por sua boa madrinha
Natureza que lhe deu
tutano além da medida

e esperteza necessária
para, na trama tecida
do trabalho recusado
ter seu pão de cada dia.

Por fim, não tendo morrido
no prazo que a estatística
com mais frequência confere
aos filhos das palafitas,

julgou a vida por bem
que uma chance merecia
e lhe permitiu trabalho
em profissão salário-mínima

pela qual tinha seu soldo
uns quinze dias em trinta
para se manter vivente,
sua mãe e sua amiga

e dos seis filhos havidos
o casal que ainda tinha
depois de pago o imposto
à morte, que lho devia.

Assim, tirando da lama,
seu jardim e sua horta,
o complemento da ração
para sua vida pouca,

foi de pior em pior
até que a morte caolha
dividiu menos o pão
que cabia a cada boca:

levou-lhe a mãe ao repouso
da cama final de todos
e a filha foi cultivar
a boa amizade da noite...

Como tudo que lhe coube
também essa melhoria
durou seu pouco da vida
igual ao salário mínima.

E assim se resume a e(hi)stória
do nosso José da Silva
primeiro que tem segundos,
segundos que são inúmeros.

HIPÓTESE B:

José da Silva Segundo
tem história parecida
embora não mergulhada
em poço tão sem medida;

não nasceu por sobre a lama
em sala-quarto-cozinha
de três metros por três metros,
medida de palafita:

em sua casa de taipa,
coberta de palha, havia

espaço menos escasso
e peças menos contíguas,

contudo, por serem muitos
irmãos em sua família,
a casa se congestionava
se todos adormeciam

pois de armadores e caibros
muitas redes que pendiam
davam vários pavimentos
para a casa adormecida;

de dia, porém, a casa
parecia mais crescida
pois despejava na rua
quem dentro lhe não cabia.

Um pouco pelo milagre
que as mães pobres realizam
o rancho, pesar de pouco,
muitas bocas atendia

naquela medida sóbria
de estômago sob medida
que os corpos condicionam
a dimensão entanguida.

Sendo seu pai operário
e sua mãe costureira
pôde comprar livro e farda
e aprender primeiras letras

mas cedo fazia falta
seu braço à lida caseira
ou na busca dos biscates
para acrescentar a renda

da casa que se apoucava
quando a família crescia:
a exigir menos lições
do livro do que da vida.

José da Silva Segundo
chegou até seu tamanho:
até ser, como seu pai,
um operoso operário

e, numa vida curtida,
erguer sua casa de taipa
coberta a palha e fazer
na mulher filhos que bastam

pra por vários pavimentos
nas redes adormecidas
e multiplicar o mundo
com iguais Josés da Silva.

HIPÓTESE C:

Mais feliz que os dois primeiros
o terceiro José da Silva
conseguiu quebrar a casa
da vida salário-mínima.

Em noites de pés-na-água
e o coração feito tripas

subiu no duro degrau
do ensino (que multiplica

as portas menos fechadas
para as varandas da vida)
até ao ponto mediano
das pequenas perspectivas

e pôde tentar o ingresso
na numerosa família
da pobreza engravatada
ao cofre público fixa

para viver exercendo,
nos livros a que se dedica,
a contabilidade farta
contrária da sua — exígua,

feita de pequenas somas
sempre muito divididas
na conta que nunca fecha
das entradas e saídas,

sonhando as inalcançadas
e apetecidas chefias
sempre a outros destinadas
pelas razões conhecidas,

curtindo mágoas amargas
de frustrações repetidas
e adiando para nunca
as sonhadas melhorias;

vivendo à espera de aumentos
que quando se realizam

de tanto tardar se chegam
já diminuídos ficam;

zelando a camisa par
e as gêmeas calças puídas
para poder socorrer
a mulher, em sua anemia,

e as despesas escolares
dos filhos que não cabiam
no orçamento precário
com que o premiou a vida.

E quando afinal José
da Silva Terceiro, um dia
conseguiu subir do nível
que há vinte anos curtia

não chegou ao fim do mês
pra colher a melhoria
pois foi, compulsoriamente,
aposentado da vida.

O TEMPO DOS CONGLOMERADOS

Lá vem chegando o tempo prometido
das crianças geradas na proveta,
premeditados gênios em seus frascos
sob encomenda entregues nos seus plásticos;
e as pílulas do pranto ou do sorriso
do ódio ou do amor estão na gaveta;

grandes conglomerados nos armários
têm disponíveis homens com relógios
para comer, dormir e trabalhar
e o quarto de hora do amor diário
e fêmeas com eletrônico ovário,
belas pin-up-girls de calendário
em condições de preço e prazo ótimos;

para evitar insultos cerebrais
os crânios são inflados de vazio
e ligados a máquinas geniais
que programam idéias e ideais
sem humanas paixões tradicionais
no impulso cibernético sadio;

hidratos de carbono e proteínas
substituem alfaces poluídas,
sintéticas maçãs e tangerinas
nascem de árvores de polietileno
e em vez de obsoletas sopas, tortas,
o homem, livre dos riscos dos venenos,
vai devorando naturezas mortas;

O risco da super-população
foi definitivamente superado
pois ninguém nasce ou morre enquanto não
for excedente ou for requisitado
pelo sábio sistema da engrenagem
(o consumo é função da produção)
que multiplica a máxima vantagem.

Abomináveis degraus sociais
contraversores da humanidade
foram definitivamente superados

em favor de uma fórmula resumo.
O mundo agora é simples: desiguais
e nítidos na só diversidade
— a numerosa massa de consumo
e o estrito núcleo dos conglomerados,

E, como o grande sal que dá tempero,
o enlatado da comunicação
plantando o mesmo sol ou desespero
em cada olhar e cada coração,
pra tudo ser inverno ou ser verão
e a lágrima rolar ou haver sorriso
na face universal do paraíso.

Lá vem chegando o tempo deslumbrado
de o impossível ver-se consumado,
do inacreditável trivial,
do homem infalível como um deus!
Quem não é deus chegou a seu final:
está na hora de cantar adeus.

MEDITAÇÃO DA PONTE

Direis que não existe
como se isso fosse essencial
(sempre a mesma incapacidade
de ver além dos acidentes...),
Pois é nela que me debruço
e sob ela passam as águas
e o rio fica. Passo-me em águas
e rio fico. E, de repente,
é como se num espelho mágico
(mágica lanterna) com as águas

fossem transcorrendo as coisas, as pessoas,
pedaços de mim e alheios,
coisas, pessoas, eu, eles havidos
mas estranhamente combinados
em outras formas de ser(mos)
pessoas, coisas, eu, eles.

Os olhos dela vindo ao meu encontro
absolutamente despidos do que, nos olhos dela,
pôs amargura para sempre nos meus olhos;
os olhos e o sorriso e o aproximar
de ambos, vindo como um navio
para seu definitivo ancoradouro.
Os olhos de mãos dadas com o sorriso
e um silêncio denso de palavras ouvidas
e não pronunciadas.
E o sorriso, os olhos, as palavras surdas-não-mudas
eram todas quantas amei e me desamaram
e articularam um outro rio (não este
que existe porque não existe),
que foi gerando o pântano da solidão, Ó ponte!
como esta tua, apenas testemunha
das inconsúteis águas.

Olhos, sorrisos, palavras não faladas
como me trazeis todas Elas, somando
e multiplicando a cor, o tom, o som, o cristal
de cada uma para despir esta carne sagrada
sobre um leito ponderoso de águas:
seu(s) cabelo(s) caído(s) sobre o(s) ombro(s)
— noite ou sol —, as pálpebras amortecidas,
as narinas arfando, o desejo que meus dedos
tocando-te como harpa, iam afogueando
na rosada cor da face

e os lábios mal-abertos
entremostrando os dentes de neve represando
a mal contida língua,
o débil pescoço se desdobrando:
na primeira região dos templos
onde sagrados montes coroam
a palidez das escarpas
com o róseo cimo dos mamilos;
e ao longo dos longos e débeis
braços, que como agudas cordas fremem
ao meu toque para atraírem minha sôfrega cabeça
ao contato de teu chão desvendado.
Vejo-te a planície que das regiões elevadas desce
para o grande vale sagrado
onde musgos suaves mal escondem
o tabernáculo do prazer com sua gruta
recôndita e úmida.
Tremem tuas coxas nervosas como um potro
pronto a cavalgar infindáveis campinas
e assim oferecida e mansa vens oferta
à minha solidão para que nos povoemos!

Eis que ouço um sussuroso sibilar de águas.
Desperto. Como que a lanterna mágica se apaga
e sou apenas nesta ponte ímpar, só,
com o rio (ir) real sob nós indo e estando
como vou e fico: para sempre? Até quando?

Acende-se novamente a visão outra das coisas,
das pessoas, de eu, de eles, mergulho
no outro rio da (in) verdade verdadeira
e impossuída.
Somos agora milhões. Todos. É madrugada.
Um imenso rebanho de animais e plantas

nos oferece, às todas mãos-dadas, a litania
 de seu mel, do leite alvo como os seios da amada,
 os frutos maduros e doces como sua boca,
 a fartura terna e irmã da abundância
 pacificadora como a posse dos corpos.
 Ouço cânticos gerais.
 e o chão povoado de pessoas felizes como coisas:
 pedras, animais, plantas. Um frémito
 nos povoa a todos, igual ao do corpo
 deslumbrado e nu que antes viera
 para minha solidão nas marés breves do rio.

Mas sob a ponte que me é sob,
 sob o meu sentimento de habitante da ponte
 e sob o não-saber se sou menos ou mais
 do que pensar que ela me acolhe e permite,
 imagens mágicas se desacendem. Toco meus olhos
 para despertá-los de mim. E os reabro
 para outra imagem refletida (não reflexa)
 que de minha solidão projeto da ponte no rio
 ou a ponte permite que o rio em mim projete.

E quase mais não sou que um fio
 no novelo do rio. E com ele
 me desembrulho para ir com ele
 ao mar da multidão. Ou da solidão maior.
 Ou a consciência disto ou qualquer
 outra penumbra me possui e o que vejo
 ou que me vejo no mar deste rio
 — espelho mágico — são, de novo:
 os olhos sempre antes olhados com a negação
 de amor, o aceno de amor, a(im) promessa de amor,
 uns olhos que não vêm — vão, partem
 mesmo quando chegam, uns olhos que põem

os desnudos corpos amados além
corno se uma lente se fosse fazendo míope
e os fosse atraindo na noite da miopia
para a distância, o longe, o nunca-mais;
as coisas, as pessoas, eu e eles (nós-vos)
iguais aos desiguais quotidianos, desirmãos,
com as mãos sujas pelo óleo do sangue,
das lágrimas, do suor dos irmãos,
a boca cheia de palavras pantanosas,
a ambição florindo sobre a lama como rosa fétida,
flor homívora e insaciável,
as pessoas se desmudando em coisas:
um rebanho de coisas desamparadas e inúteis:
estômagos e sexos estimulados
para o esperma infecundo
e os excrementos.

Sob a ponte, sobe à ponte uma acre
maresia de salsugens decompostas.
A maré vazou e, por certo, os esgotos
insuflam agora a usura da água.
O rio não flui mais. Nada nele se reflete.

Rio não há. Sem rio
as pontes desacontecem. Estou pois debruçado
em não haver a ponte. Sobre mim me debruço.
E, não sendo um rio, porque me ressequi
de angústias, nada nas águas vejo
que não são. Serei mais que uma ponte
sobre a morte do ontem
e a definitiva morte do amanhã?

E, à ponte, me digo:
 se não há rio ou águas
 nada mais és que um vão
 de solidão.

CONSUMO&DOR

1. Quem é este pobre
 ser que vai levado
 entre as inconsúteis
 lâminas sem cabo;
 que perfil é esse
 de desamparado
 triste semovente
 ruminando amargo
 que fala o silêncio
 de que vai cercado;
 como, sem correntes,
 vai acorrentado,
 a que matadouro
 marcha assassinado?

2. O homem. A mulher. O letreiro luminoso.
 O guarda. Os carros. A praça florida.
 As armas. Os clarins. A banda. A parada.
 A trança menina, a menina, a dança.
 O vento no cabelo. O sorriso belo,
 O adultério. O cemitério.
 O perfume, o ciúme. Os pés. Os passos:
 sapatos, pernas, o homem, a mulher.
 O letreiro luminoso. A propaganda.
 A cidade. A velocidade.
 O Homem-insumo:

O CONSUMO.

3. Quem é este pobre
consumidor:
qual o seu consumo
se o consome a dor?
Pra seu apetite
de manhã e flor
só empacotaram
noite sem amor;

pra sua demanda
de alegria e cor
cobriram vitrines
de papel crepon
e pra sua fome
de vida interior
fizeram pacotes
de nada-melhor...

4. Ó vitrines, estelar noite das cidades!
Guloseima plástico-metal a aguçar o apetite
de compradores anêmicos. Ó celofanes,
borbulhante alka-seltzer
estimulador da célula hepática das bolsas murchas.
Ó porta-seios artificiais, nádegas artificiais,
cílios artificiais! Ó perucas
loiras, verdes, lilazes, azuis
propícias a encher por fora as cabeças ocas!
Ó super-bocas batonizadas, mulher avesso da natureza,
que não apetece mais amor mas contas bancárias!

5. O homem não ama
mais sua maria,

joana ou florisbela
e sim mais-valia;
a mulher não ama
o homem que a completa
mas sua mais-valia
e o que resulta dela;
o filho não ama
quem o gerou, também,
só corcéis, interlagos
que a mais-valia tem;
e a gente não ama
quem mais viva ou mais pense
mas quem menos o faça
e mais-valia condense;
e quem produz mais-valia
poderá amar a idéia
de sua menos valia
pra mais-valia alheia?

6. Ó que belas máquinas! Que sábios computadores
(computam dores?! Que luzentes cérebros
eletrônicos! Que satélites comunicando,
que movimentadas bolsas,
que cidades de concreto e vidro, que lojas,
quanta circulação, que maravilhosas estatísticas
de carvão e aço, que séries de automóveis
rolando das aciarias para as ruas,
que viadutos, oleodutos, gasodutos,
que exemplares produtos! E os sub-produtos?

7. Como é bela
a favela
azul e amarela;
que ruído

colorido
da bala no ouvido;
que floração
de gozo-ação
na prostituição;
que doçura
na cobertura
de jornal em noite pura;
que inaudita
arquitetura
da palafita;
que aconchego
de sossego
no desemprego;
como consola
a esmola...!

8. O iate e o calafate. O luxo e o lixo.
O almoço e o osso. O posto e o imposto.
A farsa e a lágrima. A dama e a ama.
O milagre e o desastre. O excesso
e o resto.

9. Quem é este pobre
animal que pasta
apenas angústia
e paz recusada?
Quem é este pobre
bicho cuja erva
que rói é um veneno
em que se alimenta?
Quem é este ser
já tão diferente
de quanto seria

se fosse existente?

10. Ó pergunta vã
que ninguém responde:

é o filho da manhã
padecendo a noite,
é a vida florindo
sua própria morte.

TROPICÁLIA

*“Que é dois pintores do meu País estranho
que é dos pintores que não vêm pintar?...”*

ANTONIO NOBRE

Cadê os pintores do meu país estranho,
cadê os pintores que não vem pintar?

Estas palmas e o verde vento nelas
e o mar praiado
ou olhando dos mirantes almirantes
— janelas caravelas —
e os juçarais que o vento curva
como mordomos
até o pó do chão vermelharelo
e a verde-suja e doirada
podridão da Baixada
e as ácidas longidões
dos chapadões
e a catedral da mata
com seus paudarcos
roxos, cedros, mognos

— cabeleira da terra crespa e densa

florindo em humus milenar;
e os rios engordados
de lamas, bagres, mandubés
sob as bâtegas sólidas
de invernos perdulários;
e os arrozais verdedourando
e os cocais se espalmando
em sombra nos capins
que há séculos sustentam
a ruminante paz das pecuárias!

Cadê os pintores do meu país estranho,
cadê os pintores que não vêm pintar?

Estas veredas tropicais
nas matas e capoeiras
e a paz dos quintais
sob as mangueiras
e os casebres que a terra nutre
nas paredes de taipa
e a mata aconchega nos telhados
de suas palhas,
estas crianças opiladas,
cinzentas que dividem
com os vermes
o almoço de farinhas
e canjicas;
esta infância sem alfas
e sem betas
e devorando terra
na vingança precoce
de quem vai
precocemente devorar

o adulto — precoce velho;
as desventradas mães rurais
parideiras no compasso anual
das anemias, plantadoras
de cemitérios rústicos
e como engenhos de polias lassas
quebrando o pão ósseo do coco
de cada vida;
e seus descamados parceiros
de rede e miserere nobis
sobrevividos, na esmola natural da caça
— e da pesca, às avarezas da ignorância
e à usura do foro
e da safra vendida na folha;
e o seu colorido mundo
das tiquiras,
álcool-motor da lúcida demência
e da sobrevivência,
arara e arco-íris da ternura
de esquecimentos e calorias
e retornado ventre
de infâncias vizinhas da morte.

E as lagoas, os igarités,
as enseadas, ilhas
dentro e fora da terra
inconclusa dos mangues
que se faz e desfaz
insegura qual vida
subdesenvolvida;
e a teimosia de gentes e de verdes
à primeira chuva
na eterna tarefa das safras,

homem-terra casados
na bovina fertilidade
dos cios telúricos

E cadê os cantores do meu país estranho,
cadê os cantores que não vêm cantar?

O búzio dos aboios
e mugidos na faina dos currais
e descampados verdes;
o túrgido rugido dos felinos
a estraçalhar bezerros;
a grita algaraviada dos pássaros
nas matas e florestas;

a cantiga dos rios
e o sonoro silêncio das noites
sob a concha acústica
dos tambores de mina e de crioula;
e o vozeirão da solidão gritante
ou fio de água de um sino
na capela branca
do povoado pardo;
a serraria rascante das cigarras
e azeitada dos grilos
e o contraponto dos sapos
nos charcos
e o violão das obsoletas serestas
e a cantoria trágica
e embriagada dos acompanhamentos
de defunto, ou o resfolegar
do fole nos arrastapés
de casamento e louvação de santo;
e os sons surdos

de árvore caindo na mata
ou do punhal penetrando
os ventres desafetos;
o atabaque das balsas
na guerra da caça
ou da grilagem;
a restinga do vento
nos coqueiros;
o matraquear
das queimadas;
bumba-meu-boi
e patas dos cavalos;

a maresia das folhagens
e do oceano:
este somelodia,
esta festa
da natureza
em sinfonia de seresta!

Cadê os sábios do meu país estranho,
cadê os sábios que não vêm sabiar?

Como e por quê, neste onde e quando
isto Homem sobrevivido há milênios
na pedra lascada ou centenas
de escravidanos,
luxúrias e delírios corporais
e ais de chicotes
e deformações de troncos
e correntes e gargantilhas
de ferro e estuporações
de pavores e de ventres impúberes
e sangue pingando ouro

e safras de libras esterlinas londrinas
e leilões de gente-gado
e trucidações de indígenas
e maus-olhados, despachos,
amuletos, pragas, ódios
avermelhando olhos e explodindo
corações; e tramas e vinganças
de balaaios;
bequimões e silvérios;
como e por quê, neste onde e quando
isto Homem!, esta multidão
descarada ou disfarçada
em santos, mártires, poetas,
profetas, apesar das cabeças,
tronco, membros
mal conformados de herança;
isto Gente!,
mistura de lâmina e veludo,
macia e cortante,
cantante e muda,
doce e astuta,
egoísta e despreendida,
mostrada e escondida,
solar e lunar,
lagoa e mar,
florestal e areal,
vizinha e sozinha,
gentinha rainha,
desleixosa-assombrosa!
Isto Gente!,
morrendo vida,
vivendo a espera
descumprida
mas teimando em florir

cada amanhã
outra espera de vida!

Cadê os profetas do meu país estranho,
cadê, por que não vêm profetizar?

O amanhã de verdes
esperanças nas palmas
e azuis
nos olhos das lagoas
e brancas
nas dunas e espumas
e vermelharelas
no chão grávido das safras,
e cantantes
nas águas e sorrisos
dos rios e dos rostos,
da indústria próspera
das coisas:
milagre da multiplicação
de pães e peixes

para todas as fomes;
na morte só colhida

quando fruta madura
bem nutrida
na carne amada
sem avareza,
na colheita da beleza
de faunas e de flores,
quando a vida
é mão colhendo abricós e sabiás,
sábua no jeito de outras mãos

e o amor o único despacho
de todas as Igrejas sem igreja.

Assim seja!

Bandeira Tribuzi

Esta obra foi impressa em São Paulo, em 2002,
pela Cromosete Gráfica e Editora Ltda. para a Editora Siciliano.
A fonte usada no texto foi Minion no corpo 10,5/15;
os fotolitos de capa foram gerados pela Binhos;
o papel de miolo é off-set 75g Masterset e o da capa,
cartão Royal 250g, ambos da Ripasa.

“Neruda, certa vez, disse que um amigo morto era como um carvalho tombado no meio da casa. Eu não me acostumo à idéia de que esse carvalho seja uma criatura tão sem defeitos como o poeta Bandeira Tribuzi. A cidade de São Luís, a partir de hoje, está menor, perdeu uma grande parcela de sua expressão humana. É como se os azulejos estivessem sem brilho, as pedras de cantaria perdessem um pedaço de sua história, as carrancas do Ribeirão estivessem chorando, e o próprio vento da Baía de São Marcos trouxesse até aqui, neste encontro do Bacanga e do Anil, lamentos de velhas casuarinas.”

José Sarney

ISBN 85-267-0887-2



9 788526 708877

Bandeira Tribuzi nasceu em São Luís, em 2 de fevereiro de 1927. Filho de um próspero comerciante lusitano, com três anos de idade foi morar em Portugal, onde cresceu e concluiu sua formação superior em Filosofia e em Ciências Sociais. Retornou a São Luís em 1946 e, em 1948, publicou seu primeiro livro de poemas, *Alguma existência*. Morou também em Fortaleza e no Rio de Janeiro. De volta ao Maranhão, em 1960, iniciou extensa atividade humanística e esteve ligado a órgãos de planejamento estadual. Jamais, porém, deixou a literatura, produzindo ensaios, artigos e poemas. É de sua autoria a marcha-rancho *Louvação a São Luís*, tornada hino oficial da capital maranhense. Morreu em 8 de setembro de 1977, aos 50 anos, em plena maturidade produtiva.